

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**IDENTIDADE SOCIAL EM MOVIMENTO:
A COMUNIDADE JAPONESA NA GRANDE VITÓRIA (ES)**

Joyce Rumi Suda

**Vitória
2005**

JOYCE RUMI SUDA

**IDENTIDADE SOCIAL EM MOVIMENTO:
A COMUNIDADE JAPONESA NA GRANDE VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Doutor Lídio de Souza.

UFES
Vitória, Agosto de 2005.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S943i Suda, Joyce Rumi, 1979
Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande
Vitória (ES) / Joyce Rumi Suda. – 2005.
175 f. : il.

Orientador: Lídio de Souza.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Migração. 2. Japoneses - Brasil. 3. Identidade (Psicologia). 4.
Etnocentrismo. 5. Adaptabilidade (Psicologia). 6. Vitória, Região
Metropolitana de (ES). I. Souza, Lídio de. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

**IDENTIDADE SOCIAL EM MOVIMENTO:
A COMUNIDADE JAPONESA NA GRANDE VITÓRIA (ES)**

JOYCE RUMI SUDA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 09 de Agosto de 2005, por:

Prof. Dr.: Lídio de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Profa. Dra. Luiza Mitiko Yshiguro Camacho
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal do Espírito Santo

**Ao meu pai Hirohisa Suda (in memoriam)
que provocou o nascimento deste trabalho.**

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação não teria sido possível sem a ajuda e apoio de todos os que dela participaram direta ou indiretamente. Faço aqui os agradecimentos àqueles que estiveram mais próximos durante a realização deste trabalho devido à inviabilidade de aqui registrar o nome de todos os que merecem minhas sinceras lembranças. Dessa forma, agradeço:

Aos familiares que me apoiaram durante todo o meu trajeto acadêmico e sem os quais seria impossível completar o trabalho: minha mãe **Kiyoko Kawasaki Suda** e minhas irmãs.

Ao meu orientador **Lídio de Souza** pela imprescindível ajuda, paciência e apurada escuta.

Aos professores que contribuíram fundamentalmente de diferentes maneiras: **Luiza Mitiko Yshiguro Camacho, Aurélia Castiglioni, Paulo Menandro, Paulo Castelar Perim e Nelson Lucero.**

Aos funcionários da **Companhia Siderúrgica de Tubarão** e da **Associação Nikkei de Vitória** que com compreensão ajudaram a construir o trabalho.

À **CAPES** pela bolsa de estudos concedida que permitiu a continuidade do trabalho até o fim, com tranquilidade e dedicação.

Aos grandes amigos que sempre estiveram por perto quando precisei.

À **Henrique Lauer** que, mesmo distante, me apoiou incondicionalmente nos momentos mais críticos dessa jornada.

SUDA, J.R. **Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, Vitória, 2005.

O presente trabalho objetivou identificar a identidade social de japoneses residentes na Grande Vitória (ES) a partir de falas sobre o próprio grupo e suas relações cotidianas, verificando-se também a existência de indícios de preconceito ou de tratamento discriminatório. Participaram da pesquisa 20 sujeitos, japoneses ou descendentes, de ambos os sexos, jovens e adultos. Os dados foram coletados através de entrevistas que exploraram os seguintes temas: namoro e conjugalidade, padrões estéticos, preconceito e estereótipo, identidade social e adaptação. Os resultados indicaram a existência de semelhanças e diferenças no que diz respeito à identidade do japonês capixaba, definida através da comparação com as características identitárias de japoneses de outros Estados. A principal semelhança identificada foi a flexibilidade da identidade social de nipo-brasileiro, que permite que em determinados momentos façam uso da identidade japonesa e, em outros momentos, da identidade brasileira, sempre procurando manter uma identidade social positiva. A principal diferença que caracterizou os japoneses locais foi a apropriação de características atribuídas ao capixaba: ele é mais tranqüilo, mais fechado e mais “normal”. Foram encontrados também alguns indícios de discriminação e de preconceito contra os japoneses locais. Tanto a receptividade quanto a adaptação ao contexto capixaba foram consideradas boas, apesar de ainda indicarem um certo estranhamento por parte dos dois grupos, um em relação ao outro. Alguns fatores, como a imigração tardia para o Estado, o número reduzido de japoneses e uma comunidade japonesa economicamente homogênea, parecem afetar o tipo de relação estabelecido entre Capixabas e Japoneses e, conseqüentemente, a construção das identidades sociais.

Palavras-chave: 1) Imigração japonesa; 2) Identidade social; 3) Preconceito; 4) Adaptação.

SUDA, J.R. **Social identity in motion: the Japanese community in Greater Vitória (ES)**. Master's Thesis, Graduate Program in Psychology at UFES, Vitória, 2005.

The objective of the present work was to identify the social identity of Japanese residents in Vitória (State of Espírito Santo, Brazil), from discourses about the group itself and its quotidian relations, also verifying the existence of indications of prejudice or discriminatory treatment. Twenty subjects, Japanese or descendants, from both sexes, young and adult, participated in the research. Data was collected through interviews that explored the following themes: dating and conjugality, aesthetic patterns, prejudice and stereotype, social identity and adaptation. The results indicated the existence of similarities and differences with respect to the identity of Capixaba Japanese (Capixaba being the designation of people from Espírito Santo State), defined through comparison with the identity characteristics of Japanese in other states. The main similarity identified was the flexibility of the social identity of the Nippo-Brazilian, which allows the Japanese to utilize the Japanese identity in some situations and a Brazilian identity in other situations, always trying to maintain a positive social identity. The main difference that characterizes the local Japanese was the appropriation of characteristics attributed to the Capixaba: calmer, more reserved and more "normal" than people from other states. Some indications of discrimination and prejudice against local Japanese were also found. Both receptivity and adaptation to the local context were considered good, although there was still indication of a certain friction from both groups, with respect to each other. Some factors, like the later immigration to the State, the reduced number of Japanese, and a Japanese community economically homogeneous seems to affect the kind of relations established between the Capixabas and the Japanese and, consequently, the construction of social identities.

Keywords: 1) Japanese Immigration; 2) Social Identity; 3) Prejudice; 4) Adaptation.

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Número de japoneses nas cidades do Espírito Santo	45
Tabela II – Número de japoneses comparado ao número de imigrantes de outros países com maior imigração no Espírito Santo em ordem decrescente	46
Tabela III – Membros das famílias associadas da Associação Nikkei de Vitória, em que o titular é japonês, por idade e sexo (titular não incluído)	47
Tabela IV – Membros das famílias associadas da Associação Nikkei de Vitória, em que o titular é brasileiro, por idade e sexo (titular não incluído)	47
Tabela V – Entrevistados selecionados	63

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Procedência da família antes de se estabelecer em Vitória	69
Quadro II – Década de chegada ao Estado	69
Quadro III – Motivos da vinda para Vitória	71
Quadro IV – Resistência das famílias em relação a namoro dos entrevistados que se relacionam ou já se relacionaram com brasileiros(as)	74
Quadro V – Disponibilidade para relacionamentos interétnicos	77
Quadro VI – Razões para maior envolvimento amoroso	77
Quadro VII – Preferência da família por japoneses ou brasileiros	81
Quadro VIII – Comentários ouvidos sobre casal interétnico	84
Quadro IX – Comentários sobre fisionomia japonesa	85
Quadro X – Ocorrência de sentimento de constrangimento relacionada à etnia quando as pessoas olham, comentam ou perguntam	90
Quadro XI – Evita ou já evitou situações?	96
Quadro XII – Indicação de situações consideradas preconceituosas passadas pelos entrevistados ou por conhecidos que tenha alguma ligação com etnia japonesa	97
Quadro XIII – Como avalia as brincadeiras e piadas sobre japoneses	102
Quadro XIV – Ocorrência de sentimento de desqualificação dos japoneses em piadas e brincadeiras étnicas	106
Quadro XV – Características atribuídas aos japoneses	109
Quadro XVI – Comparação dos japoneses de Vitória com os de São Paulo	118
Quadro XVII – Existência de abertura a brasileiros na Associação Nikkei	124
Quadro XVIII – Objetivos da Associação Nikkei	126
Quadro XIX – Características atribuídas aos capixabas	133
Quadro XX – Características atribuídas aos japoneses pelos capixabas	138
Quadro XXI – Inserção e adaptação dos japoneses em Vitória	143
Quadro XXII – Indicativos de adaptação	143
Quadro XXIII – Indicativos de não adaptação	143
Quadro XXIV – Percepções que os participantes tem quanto à recepção dos capixabas aos japoneses	146

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 INTRODUÇÃO	12
2.1 COMUNIDADE JAPONESA NO BRASIL	12
2.2 RACISMO ANTI-NIPÔNICO NO BRASIL	27
2.3 COMUNIDADE JAPONESA NO ESPÍRITO SANTO	40
2.4 IDENTIDADE SOCIAL, PRECONCEITO E ESTEREÓTIPOS	52
3 MÉTODO	62
3.1 PARTICIPANTES	62
3.2 INSTRUMENTOS	65
3.3 PROCEDIMENTOS	67
3.4 AVALIAÇÃO ÉTICA DE RISCOS E BENEFÍCIOS	68
4 RESULTADOS	69
4.1 SOBRE A HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS	69
4.1.a Chegada em Vitória e histórias das famílias	69
4.2 SOBRE RELACIONAMENTOS INTERÉTNICOS	74
4.2.a Resistência das famílias envolvidas em relação a namoro com brasileiros	74
4.2.b Comentários sobre casal com diferenças étnicas	84
4.2.c Comentários sobre a fisionomia japonesa	85
4.3 SOBRE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO	90
4.3.a Situações Preconceituosas	90
4.4 SOBRE IDENTIDADE SOCIAL DOS JAPONESES NO ESPÍRITO SANTO	109
4.4.a Características dos japoneses	109
4.4.b Características da comunidade japonesa de Vitória	118
4.4.c Características dos capixabas	136
4.4.d Características dos japoneses na visão dos capixabas	138
4.5 SOBRE A ADAPTAÇÃO DOS JAPONESES NO ESPÍRITO SANTO	143
4.5.a Inserção e adaptação dos japoneses no Espírito Santo	143
4.5.b Recepção dos capixabas aos japoneses	146
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
6 REFERÊNCIAS	164
ANEXO 1	169
ANEXO 2	173
ANEXO 3	174

1 APRESENTAÇÃO

O interesse pela pesquisa é evidente: sou filha de japoneses, da segunda geração, chamada “nissei”. Minha família migrou para o Estado no final da década de 70, quando muitos japoneses e descendentes de japoneses vieram para o Espírito Santo compor a equipe de funcionários da Companhia Siderúrgica de Tubarão. Participei durante algum tempo da Associação Nikkei de Vitória constituída nesta época.

Passei a vida toda no Estado. Nas escolas de ensino fundamental e médio, as brincadeiras e piadas raciais eram comuns, além de comentários tentando enquadrar-me em categorias estereotipadas de japoneses estudiosos, bitolados e inteligentes. O máximo que podia fazer era rir junto ou simplesmente ficar calada e às vezes parecia que não era bem vinda. Evitar situações constrangedoras passou a ocupar parte da minha vida, evitava assim certos lugares ou situações, e era muitas vezes levada a deparar-me com a questão de ser brasileira, mas ao mesmo tempo ser identificada como japonesa.

Possuir traços físicos que não permitem o *passar despercebido* reafirmava o tempo todo essa diferença. Considero que esta situação provocou meu afastamento de outros japoneses, desejando ser reconhecida brasileira.

Nos namoros, a preferência dos namorados em escolher uma “nikkei”¹ era considerada um gosto exótico para seus amigos. Os comentários que denunciam esta estranheza são sutis, porém perceptíveis, ou feitos por terceiras pessoas. Uma questão pessoal se transformou em questão de investigação.

Buscar as produções científicas que tratavam da questão da identidade deste grupo no Brasil e no Espírito Santo, foi um passo quase que natural neste processo. A comunidade japonesa não é tão grande no Estado, porém é um grupo que marca sua presença no processo de industrialização e está propagando sua cultura entre os capixabas, que têm se mostrado mais interessados nas últimas décadas com o destaque sócio-econômico do Japão. Há particularidades na imigração japonesa do

¹ Termo formalmente adotado como designação para todas as pessoas descendentes de japonês na América em 1985 (Lesser, 2001).

Estado e por isso a relevância da pesquisa sobre a identidade social deste grupo e sobre suas relações intergrupais para identificar se existe discriminação e preconceito. Destacamos a importância científica e social em explorar o processo migratório dos japoneses e seus descendentes auxiliando no conhecimento sobre a inserção e adaptação de qualquer grupo étnico em território capixaba, contemplando as dificuldades em comum vivenciadas por eles.

Uma última dificuldade que passei e acredito ser pertinente estar revelando, fez parte do processo de produção e conclusão desta pesquisa. Quando as pessoas tomavam conhecimento deste estudo, colocavam em dúvida sua relevância por alguns motivos: primeiro, porque a comunidade japonesa do Estado é pequena, portanto, socialmente insignificante para alguns; e segundo, a estranheza que causava revelar que um dos objetivos era identificar a existência de indícios de preconceito e discriminação, que para muitos era algo que não existia. Questionar a importância desta pesquisa era questionar minha própria vivência. Isto me levou a pensar se tudo o que eu havia passado e tudo o que eu sentia não era simplesmente um “problema” pessoal, o que acarretou a paralisação da pesquisa em alguns momentos. Hoje percebo que a forma como lido com a minha diferença é uma “questão” pessoal, porque cada um de nós arruma formas diferentes de lidar com a discriminação, no entanto, minha vivência, no que diz respeito à minha origem étnica, é algo que perpassa as vivências de todo um grupo.

Que minha paixão seja perdoada. Mas uma questão a partir daí se coloca: é possível produzir, delinear e desenvolver um trabalho de pesquisa sem paixão?

2 INTRODUÇÃO

2.1 COMUNIDADE JAPONESA NO BRASIL

A chegada dos japoneses ao Brasil é relativamente curta se comparada a processos migratórios de outras etnias² (Saito, 1980). O ano de 1908 marca a chegada desses imigrantes ao país pelo Porto de Santos, no navio Kasato Maru, que trouxe em torno de 165 famílias – totalizando entre 761 e 781 pessoas – para trabalharem em fazendas de café em São Paulo.

Nesta época, o Japão começava seu processo de industrialização e modernização, denominado Era Meiji³. Já considerado uma potência mundial e não conseguindo absorver o contingente populacional que vinha dos campos para as cidades, incentivava a imigração internacional. Ao mesmo tempo o Brasil demandava mão-de-obra mais barata e menos exigente, já que os europeus estavam impondo melhores condições de trabalho⁴. Vendendo imagens positivas de trabalhadores intelectualmente superiores, quietos e ansiosos por se tornarem brasileiros, começa a imigração, trazendo consigo o medo da “mongolização” na população brasileira.

A intenção dos imigrantes era ficar temporariamente no Brasil até obter uma poupança para retornar ao Japão.

“O japonês trazia consigo, ao desembarcar, o sonho de uma permanência apenas temporária no Brasil, o tempo suficiente para enriquecer e retornar ao seu país. Para tanto, vieram dispostos a suportar toda sorte de sacrifícios (Wakisaka, 1989, pág.21).”

Os primeiros imigrantes tiveram muitas dificuldades de adaptação⁵ ao clima, à alimentação, à falta de móveis e às doenças tropicais, chegando ao ponto de no ano

² O Brasil recebe as primeiras levas de imigrantes alemães em 1824, de imigrantes italianos em 1934 e oficialmente em 1875 e de imigrantes sírio-libaneses em 1871 (Saito, 1980).

³ A Reforma Meiji foi realizada no Período Meiji (1868 ~ 1912) com o objetivo de construir uma nação moderna deixando para trás o sistema feudal. O Japão implanta o sistema capitalista e busca equiparar-se aos sistemas e civilizações ocidentais (Takenaga, 1987).

⁴ Os Governos da Alemanha e da Itália intervinham na imigração para o Brasil considerando as condições de trabalho nas fazendas muito precárias, em grande parte devido ao curto espaço de tempo desde a abolição do trabalho escravo. É neste momento de necessidade de mão-de-obra nos cafezais e fechamento das fronteiras norte-americanas para os japoneses (que começou em 1908) que é introduzida a imigração japonesa.

⁵ As greves eram comuns entre os imigrantes e eles raramente renovavam os contratos nas fazendas mostrando a insatisfação com as condições de trabalho.

de 1914 o governo paulista suspender o auxílio aos japoneses durante um período, justificando que esses eram caros e não estavam propensos à fixação.

Shaden (1980) afirma que o início da imigração para qualquer imigrante é bastante difícil devido ao isolamento em que vivem em função da língua e dos costumes diferentes. Comparando alguns aspectos da imigração alemã à imigração japonesa, afirma que inicialmente também não eram considerados membros da comunidade nacional, possuindo em comum a proveniência de áreas rurais em seus países de origem, pertencentes a camadas menos favorecidas, com alto grau de alfabetização e valorização da educação, e com religiões diferentes da maioria dos brasileiros.

No Brasil, tanto os japoneses quanto os alemães passaram por processos discriminatórios no período da Segunda Guerra Mundial. Havia, no entanto, muitos pontos de diferenciação: a imigração alemã começou bem antes da japonesa, a origem “racial” japonesa difere bem mais da luso-brasileira do que a alemã, as religiões orientais nada tinham em comum com as religiões católica e protestante que são cristãs, e os japoneses demonstraram relativa indiferença à vida religiosa no Brasil, enquanto os alemães eram bastante fiéis, assim como os brasileiros, o que configura um dos principais argumentos para a oposição à imigração japonesa. Tanto um quanto o outro criaram instituições de preservação da língua e dos costumes, porém as japonesas eram muito mais ligadas ao país de origem. Por fim, os alemães já vieram com a intenção de permanecer no Brasil.

Já com os sírio-libaneses, grupo também considerado menos permeável à cultura brasileira devido às suas diferentes características (língua, religião, costumes), ocorreu a fixação no país já na década de 20, enquanto que para os japoneses ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial. Desde o início dedicaram-se ao comércio da mesma forma que os japoneses dedicaram-se à agricultura. Isto facilitou alcançar a prosperidade econômica e social rapidamente, enquanto os japoneses perderam a oportunidade de se engajar no processo de industrialização do país desde o início, encontrando-se hoje nas classes médias.

Quanto aos italianos, Kawai (1980) afirma que a imigração foi “diametralmente oposta à japonesa”, com relações estabelecidas há muito mais tempo e imigração iniciada bem antes. Vieram para o Brasil buscando nova terra para fixação ou

fugidos da Itália, e apresentavam grande afinidade étnica e cultural com o Brasil facilitando a assimilação, ao contrário dos japoneses, que apresentavam grandes diferenças culturais. Todos estes fatores marcaram processos de inserção e adaptação diferenciados para os grupos migratórios.

A expansão da imigração japonesa chamava a atenção no cenário mundial. A imprensa brasileira debatia sobre malefícios e benefícios da presença nipônica. Justamente quando começa a despontar uma etnia nikkei na tentativa de aculturação das crianças, surgem movimentos contrários à entrada de japoneses no Brasil, ocorrendo em 1922 a apresentação de um projeto que restringia a entrada de negros e japoneses no país.

Em 1924, um renomado médico reforça o projeto alegando que os asiáticos jamais se assimilariam, o que culmina na emenda constitucional de 1934, elaborada por Miguel Couto, na Era Vargas. Esta emenda restringia a entrada de imigrantes em 2% do total de imigrantes que haviam sido admitidos no país durante os últimos 50 anos. Os japoneses sofreram o maior impacto desta restrição, pois começaram a imigrar mais tardiamente (Wakisaka, 1989). Até a emenda constitucional de 34, a imigração japonesa foi bastante próspera entre os anos de 1925 e 1934.

Saito (1980) afirma que o impacto da política de nacionalização foi tão grande para os japoneses, que ainda não haviam constituído efetivamente uma população nipo-brasileira pela recente imigração, que levou a suicídios e assassinatos como respostas à crise de marginalidade que estavam sofrendo. Ao contrário, por exemplo, dos alemães que já estavam mais adaptados e não sofreram tanto com as restrições impostas.

As décadas de 20 e 30 trazem as duas linhas centrais de pensamento quanto a imigrações, baseadas no projeto de “regeneração nacional”, engajados por instituições médicas: saneamento e eugenia. O estigma de miscigenação estava ligado à questão da degeneração mental da população e o “ideal de branqueamento” era o projeto ideológico de construção de uma identidade nacional desejável. Com a ideologia da pureza racial, os atributos psíquicos dos indivíduos não brancos, logo, incluindo os chamados amarelos ou mestiços, passam a ser patológicos em si e o único remédio neste nível era o saneamento racial proposto

pela eugenia (Reis, 1999), o que nos remete à idéia da segregação racial que condena a união inter-racial e a mestiçagem.

Este movimento racista estava ocorrendo mundialmente. No Brasil, os anti-nipônicos utilizavam autores europeus especialistas no assunto de raça e eugenia adaptando os conceitos à realidade no Brasil. Na década de 30 os discursos versavam sobre a necessidade de branqueamento da população nacional em que os japoneses eram elementos nocivos e de difícil assimilação. Na década de 40, reivindicavam exatamente o inverso: a obrigatoriedade de assimilação desses imigrantes à cultura local através da miscigenação (Nucci, 2000).

Não se sabia o que esperar do caráter dos povos orientais que estavam chegando ao Brasil e possuíam uma cultura tão diferente da nossa. Houve, então, uma certa pressão em torno da imagem dos imigrantes pelos governos e lideranças de comunidades interessadas em melhorar este aspecto, ajudando a criar assim o japonês trabalhador, honesto, tímido e disciplinado⁶. A elite brasileira movimentava-se contra os japoneses, questionando o seu caráter durante pelo menos 50 anos. Muitos termos pejorativos foram designados aos japoneses e a herança deste movimento é a auto-estima rebaixada, com o preconceito velado ou escancarado desde a chegada ao Brasil.

Como resposta à Constituição de 34, alguns estudantes nikkeis universitários criaram uma associação (Liga Estudantina Nipo-Brasileira) e revistas em que propagavam a idéia de já haver uma cultura hifenizada (nipo-brasileiro) na qual os descendentes haviam se transformado e queriam promover seu lugar na “raça brasileira”⁷.

Muitos japoneses vieram para o Brasil devido às facilidades de se obter terras no início da imigração, constituindo hoje um grupo étnico presente em todo o país,

⁶ KUBOTA, M. De cara chata. **Espaço Nikkei**. Disponível em: www.desa.com.br/serviços/espaco. Acesso em: 19/03/04.

⁷ O termo *raça* surge na dissertação em alguns momentos, sendo utilizado da mesma maneira que os autores em citação utilizaram em seu texto. Guimarães (2003, pág.96) trabalha com o conceito de raça para a sociologia: “São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”. Explica que após a Segunda Guerra Mundial, os cientistas tentaram acabar com seu uso, pois remetia à idéia de divisão em subespécies, idéia criada pela biologia e pela antropologia física, hierarquizando as sociedades e populações. Etnia é entendida pelo autor como o lugar que identifica a pessoa a um grupo.

principalmente em São Paulo, onde está situada a maior colônia japonesa existente no mundo (Saito, 1980). Segundo o Consulado Geral do Japão e *A Tribuna*⁸ (1999), o número de japoneses no Brasil⁹ até outubro de 2000 girava em torno de 75.400 e o de seus descendentes entre 1.300.000 e 1.500.000.

De acordo com o São Paulo Shimbun (1996), a concentração dos japoneses é de 72,2% em São Paulo, 7,1% no Sudeste menos São Paulo, 11,7% no Sul, 4% no Centro Oeste, 2,7% no Norte e 2,3% no Nordeste.

Os sanseis (terceira geração) constituem a maioria da comunidade nikkei: primeira geração com 12,5%, segunda geração com 30,8%, terceira geração com 41,3%, quarta geração com 12,9% e quinta geração com 0,2% da comunidade (Jornal Nippo-Brasil, 2003)¹⁰.

No início da imigração a organização em colônias fechadas fez com que os japoneses mantivessem seus hábitos, costumes e valores de origem. Os contatos restritos com brasileiros fez com que fossem interpretados como pouco propícios à assimilação. Ennes (2001) indica como o “espírito japonês”¹¹ estava presente:

“Na verdade, o *Yamato damashii* não se esgota em seu caráter militarista. Constitui-se como um corpo de valores, práticas e representações que se expressa em toda extensão da vida japonesa e estará presente no cotidiano dos imigrantes no Brasil”. (Ennes, 2001, pág.52)

Somente na década de 70, quando começam a considerar o Brasil como país de fixação permanente, os nisseis começam a se dispersar para as capitais, gerando maior integração social, principalmente no que diz respeito a casamentos heteroraciais. Segundo Lesser (2001), entre 1908 e 1942 o índice de casamentos interétnicos entre imigrantes era de menos de 2%, menos de 6% entre nikkeis e até o final da década de 50 eram raros.

Saito (1980) afirma que não existe o preconceito racial, pois não havendo a barreira da língua e dos costumes a miscigenação acontecia. Outro estudioso chamado Emilio Willems que é citado por Nucci (2000) também acaba reduzindo a questão do

⁸ **Japoneses relembram a imigração.** A Tribuna, Vitória- ES, Cidades, sábado, 19/06/99, pág. 5.

⁹ Existem discordâncias quanto ao número total de japoneses e seus descendentes no Brasil.

¹⁰ Pesquisa realizada entre os anos de 1987 e 1988 pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

¹¹ “Espírito japonês” é o mesmo que *Yamato Damashii*, que se refere às características tradicionais japonesas como disciplina, honestidade, capacidade de trabalho, responsabilidade e respeito às tradições ancestrais (Inoue, 2002).

preconceito à “proibições de casamentos interétnicos [em detrimento das] outras manifestações de racismo” (Nucci, 2000, pág.106). Porém, não vincula miscigenação a assimilação, e sim condiciona miscigenação às diferenças raciais, culturais e de classe social. Ou seja, a dificuldade dos casamentos mistos seria devido à interferência da família japonesa para a escolha do cônjuge da mesma origem racial para os filhos. Logo, quanto menores diferenças culturais maiores seriam os cruzamentos.

Fica claro também que outra dificuldade quanto a casamentos interétnicos foi a prevenção dos japoneses contra parceiros de classe social inferior, referindo-se aos caboclos. Um aspecto pouco ressaltado e do qual pouco ouvimos falar é a oposição dos brasileiros a este tipo de casamento que pode ser própria do preconceito racial ou ser simplesmente pelas diferenças culturais.

Segundo Valente (1994), o preconceito racial é dissimulado no Brasil, pois há um sentimento de indesejabilidade social em relação ao preconceito aberto. O “mito da democracia racial” tenta esconder os conflitos raciais e diminuir sua importância. O preconceito é sutil e camuflado, ora se esconde, ora se revela, dependendo dos interesses em jogo na ocasião. Portanto, não podemos afirmar que o preconceito não existe apenas utilizando a miscigenação como parâmetro.

Entrevistas dadas à Folha de São Paulo (junho de 1988) por estudiosos¹² da área dizem que não há preconceito racial, mas a integração ainda não é completa. Apesar dos relatos serem mais antigos, acreditamos que este quadro não tenha mudado muito, especialmente em Vitória, que teve um processo migratório tardio e possui uma comunidade japonesa ainda pequena.

Apesar de existir uma tendência à miscigenação, o número de casamentos interétnicos entre asiáticos e brancos ainda é reduzido segundo Berquó (1998). As

¹² Roberto Sagawa afirma que a integração acontecerá quando as instituições nipônicas abrirem suas experiências culturais aos brasileiros e a sociedade brasileira começar a respeitar as raízes das etnias que vivem no país. E finaliza: “Mesmo com a colônia perdendo suas raízes e sua identidade – e isso é fato consumado – a marca que ajuda a separar a colônia continua. Hoje, poucos sabem ler e escrever em japonês, mas não há a verdadeira integração”. Outra entrevista é de Walter Tamura, que tem a mesma opinião de que não existe preconceito contra os japoneses, mas discriminação das pessoas mais ignorantes que tratam os nikkeis jocosamente e dos mais esclarecidos que ignoram as diferenças culturais e resistem em compreendê-la. Quando os nikkeis se recusam a aceitar o casamento misto, também não é indicativo de preconceito com os brasileiros e sim um costume dos primeiros imigrantes que perdura. Costume este que vem rareando.

mulheres brancas se casam mais com homens asiáticos do que os homens brancos se casam com mulheres asiáticas.

A pesquisa de Vieira (1966) ensaia explicações para este maior volume de casamentos interétnicos entre homem japonês e mulher brasileira. Ela indica que as mulheres sentem uma pressão maior da própria comunidade para não concretizar o casamento misto, pois quando se casam deixam de fazer parte da própria família para fazer parte da família do marido, deixando, portanto, de serem japonesas (regra de descendência patrilinear). Diversas famílias de origem japonesa que vivem no Brasil, dão somente o sobrenome do pai aos filhos brasileiros, como se indicasse um pertencimento somente à família do pai. Mesmo os filhos nascidos de pai japonês e mãe brasileira continuavam a ser considerados japoneses, independente de sua fisionomia. Lesser (2001) nos traz um dado interessante em relação a essa questão: no imaginário dos brasileiros, ao contrário dos japoneses, o ventre da mulher é que carregava a cultura, por isso o medo de se relacionar com mulheres orientais, que ao invés de “embranquecer” os filhos, produziriam mais “amarelos”.

De acordo com o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (Folha de São Paulo, 1995), as uniões do tipo homem-nikkei/ mulher-brasileira somam 60% e de homem-brasileiro/ mulher-nikkei totalizam 39%, o que seria devido ao medo da perda de identidade exposto acima, sendo a etnia transmitida através do homem e não da mulher.

O jornal São Paulo Shimbun (1996) mostra que 54,1% da população japonesa casam com japoneses e 45,9% casam com brasileiros, sem fazer a distinção por sexo. Ou seja, quase metade dos japoneses se casa com brasileiros. Lesser (2001) vai ao encontro desses dados indicando entre 46% e 60% de casamentos interétnicos. Inoue (2002) indica volume maior de casamentos interétnicos não só no Brasil, como em todo o continente americano. O estereótipo do japonês o indicaria como bom cônjuge. Um dado controverso é o de Kitahara (1998) que afirma a predominância de casamentos dentro da “raça amarela” e o reduzido número de casamentos entre asiáticos e negros.

De acordo com a Oyama (1995) os “japoneses puros” estão fadados à extinção. O índice de miscigenação na terceira geração é de 42%, já na quarta geração passa para 61%. Há um aumento do número de casamentos mistos, que até 1960 eram de

apenas 11%, o que transformava o casal em atração pública na época. Hoje, o que facilita o relacionamento interétnico é a fixação residencial dos japoneses nas cidades e não na zona rural além de um amadurecimento dos descendentes em relação à sua etnia, sem temer a perda da identidade.

O estudo de Vieira (1966) sobre casamentos expõe a regra social patrilinear japonesa cuja função é de conservar o nome e a ocupação da família, o que indicaria forte adesão aos valores tradicionais. Quando esta regra é negada há uma emergência de interesses individuais em detrimento dos valores familiares hierárquicos e enfraquecimento da solidariedade intra-grupal tão marcante na sociedade japonesa. Temos que ressaltar que esse é um estudo antigo e que atualmente as relações estão mais abertas, segundo estudos mais recentes como o de Saito (1980) e de Inoue (2002).

As grandes diferenças culturais trazidas como herança do país de origem, o processo imigratório tardio, o isolamento inicial na colônia e as características físicas semelhantes, produziram um grande número de casamentos entre seus iguais que são identificados como “japoneses” até hoje, mesmo falando português e comportando-se como brasileiros. Lesser (2001) traz os conceitos de *assimilação* em que a cultura pré-imigratória desapareceria por completo – fenômeno raro – e *aculturação*¹³ em que ocorreria a modificação de uma cultura em contato com outra, o que foi bastante comum mesmo para os japoneses que viviam em comunidades fechadas. A aculturação não foi reconhecida por muitos de dentro (*in-group*) e de fora (*out-group*) também.

Apesar de incorporar elementos da cultura majoritária, os japoneses permanecem distintos. Os próprios descendentes tomam para si a denominação de “japonês”, pois a sociedade brasileira faz a caracterização racial através de traços físicos, denominado “preconceito de marca” (Oliveira, 1998). Isso fica mais claro quando os japoneses e descendentes se diferenciam a si próprios como “colônia japonesa”. Essas pessoas não expressam os traços que são aceitos como parte da identidade nacional brasileira. Mesmo os mestiços apresentam os mesmos conflitos de

¹³ Yamamoto (2000) cita pesquisa que fornece dois conceitos de aculturação: linear, em que o imigrante tem que abdicar de parte da sua cultura de origem, e não linear em que o imigrante não precisa necessariamente deixar a cultura, sendo esta inserção livre e por conveniência.

identidade que os descendentes “puros”, confirmando que a aparência dos japoneses é significativa na influência das suas identidades.

Existe também uma pressão da colônia e da família em diferenciar os japoneses do resto da população brasileira, principalmente em função da ascensão do Japão como potência mundial, pois existem alguns benefícios em ser japonês e o descendente muitas vezes se utiliza desta “identidade dúbia”, dependendo da situação. É um processo grupal que exalta aspectos positivos:

“[...] se o japonês é frio e desumano, eu sou brasileiro, pois tenho calor humano comigo. Se o japonês tem o corpo feio e não é sexy, eu sou brasileira porque tenho ginga no corpo. Em contrapartida, se o brasileiro é preguiçoso e acomodado, eu sou japonês, pois sou muito trabalhador [...] (Oliveira, 1998, p.814).”

A utilização da imagem nikkei pode trazer vantagens como, por exemplo, nas propagandas eleitorais utilizadas pelo ex-ministro Luís Gushiken. Ele utilizou o simbolismo japonês em suas campanhas sugerindo que sua etnicidade o faz um brasileiro melhor já que traz virtudes japonesas como honestidade e trabalho duro (Lesser, 2001).

No entanto, de acordo com Oliveira (1998), grande parte dos nisseis sente-se incomodada com essa pressão de ter que ser japonês enquanto está no Brasil, desejando possuir uma identidade “sem crises”. Em casa são pressionados a serem japoneses e fora de casa são constantemente apontados como diferentes, estranhos ou estrangeiros. Kitahara (1998) também indica o incômodo com esta cobrança social desde os primeiros passos na escola¹⁴, tanto por parte de alunos como professores, que por vezes tem que ser cumprida.

Benedict¹⁵ (2002), ao fim da II Guerra Mundial, fez uma pesquisa sobre a identidade dos japoneses bastante esclarecedora para as questões relacionadas ao comportamento herdado pelos nipo-brasileiros. Antes desta pesquisa o grupo ainda

¹⁴ Tajfel (1983) aponta que as crianças são extremamente sensíveis às avaliações socialmente dominantes dos grupos étnicos, reproduzindo-as, mesmo antes da aquisição da informação. Frases ditas pelos professores brasileiros como “você é japonês raro que não gosta de estudar” ou “nunca vi um japonês tão mau como você”, são comuns.

¹⁵ Ruth Benedict foi uma antropóloga social para quem o Governo dos Estados Unidos encomendou uma pesquisa no ano de 1944 para “decifrar como seriam os japoneses” e saber como agir em situação de guerra. Para isso fez-se necessário compreender a cultura japonesa, tão diferente da ocidental.

era uma incógnita para o mundo. Ela afirma que a contradição estava sempre presente, o que já é próprio da identidade social:

“Os japoneses são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas, insolentes e corteses, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos costumes (Benedict, 2002, pág.10).”

A ordem e a hierarquia do Japão situavam-se em pólo contrário à fé na liberdade e igualdade dos norte-americanos. A organização de sua sociedade feita a partir desses princípios inclui família, relações pessoais, idade, geração, sexo, classe e instituições como governo, religião, exército e indústria ditando a conduta devida. Os japoneses têm grande débito com tudo e com todos, antepassados ou contemporâneos e possuem o termo “on” para designar esse débito ou obrigação. É uma devoção sem limites a alguém, a começar pelo Imperador, passando pelos pais, professores e patrão. Isto envolve também a questão do respeito, da lealdade e de fazer tudo da forma mais correta possível, pois o fracasso é causa de grande vergonha para os japoneses. Existe a necessidade de manter uma boa reputação. A finalidade de tudo é a vitória do espírito, porém não existe incompatibilidade entre espírito e carne como há para os ocidentais de forma geral.

Alguns estereótipos dos japoneses estão relacionadas à função de trabalho que exercem desde o início da colonização, por exemplo, na agricultura: 94% dos imigrantes tinham essa atividade. Há também os estereótipos relacionados à terceira fase da imigração a partir da década de 60, representado pelo trinômio empresário-capital-tecnologia. Segundo o Serviço de Divulgação Cultural do Brasil (sd), 50% da colônia têm se dedicado à agricultura, 38% ao comércio e 12% à indústria.

De acordo com Kitahara (1998) a organização social hierárquica do Japão formou uma população obediente, dedicada ao trabalho e ao estudo, que não gosta de quebrar regras e é conformista. Os imigrantes agricultores trouxeram essas características e as deixaram de herança para as outras gerações, características tais como timidez, modéstia, sinceridade, honestidade e esforço no trabalho e nos estudos.

Camacho (1993) conclui que

“[...] o japonês é disciplinado, circunspecto, austero e rígido no cumprimento de seus deveres porque sua vida possui como eixo, a vergonha e o cultivo da honra ao nome, à família e à nação. A exigência extremada de si próprio, nasce do temor ao ostracismo, à difamação e à rejeição. Ele não vive para o bem e fugindo do mal. Ele vive, isto sim, no interior dos círculos, sendo enredado pelas obrigações. Assim é o japonês (Camacho, 1993, pág.54).”

As características atribuídas aos japoneses não são apenas positivas, pois a “obrigação” de ser inteligente, rico e trabalhador, pode provocar e contribuir para a hierarquização e exclusão social dos japoneses no Brasil. Um exemplo disso é a pichação de muro “garanta a sua vaga na universidade, mate um japonês” (Geraldes, 1998, Lesser, 2001). Aqui fica claro o mecanismo de exclusão a partir de um estereótipo, nesse caso a do japonês inteligente e estudioso. É a chamada “identidade etiqueta” (Sawaia 2001), na qual a identidade é considerada como permanente e única, justificando certas diferenças sociais.

Tajfel (1983) nos mostra que o preconceito acontece também como forma de defesa contra aqueles que se apresentam como ameaça ao nosso modo de vida e à nossa posição social. Sendo assim, certas caracterizações, inicialmente tidas como positivas em relação aos japoneses, dependendo do contexto podem funcionar como mecanismos de discriminação e exclusão social.

Na história da imigração japonesa no Brasil houve um período de crise para os imigrantes que durou 10 anos – de 1938 a 1948 – principalmente devido à Segunda Guerra Mundial, estagnando o processo migratório. Os japoneses que estavam no Brasil se isolaram, pois não dominavam bem o idioma local e ainda não estavam bem estruturados no país. Sofriam restrições próprias do estado de guerra¹⁶ quando o Governo tentava sobrepor a cultura receptora a original.

No fim da Segunda Grande Guerra, um grupo de japoneses acreditava que a notícia de rendição do Japão era uma fraude para quebrar o orgulho dos japoneses, organizando-se em um movimento denominado Shindo Renmei¹⁷ que perseguiu e matou 23 japoneses e feriu 150 daqueles que acreditavam na derrota do Japão

¹⁶ Congelamento de bens, proibição de falar sua língua em público, proibição do ensino de língua estrangeira às crianças – que era fundamental para transmitir os costumes – e de publicações estrangeiras, pagamento de fianças, entre outras restrições.

¹⁷ A comunidade japonesa que morava no Brasil divide-se em kashigumi (vitoristas) pertencentes à Shindo Renmei que tinha o apoio de 80% da comunidade e makegumi (derrotistas) que recebiam o apelido de “corações sujos” por traição à pátria. Grande parte dos dirigentes eram ex-militares no Japão e divulgavam ideais do “*Yamato damashi*”, mostrando a presença da identidade étnica dos japoneses (Morais, 2001).

(Morais, 2001). A condenação era de traição à pátria e a justificativa era fazer uma limpeza étnica. O saldo final da atuação da Shindo Renmei nos treze meses foi de: 31.380 suspeitos de ligação com o movimento, 381 condenados a prisão e 80 participantes deportados para o Japão. No entanto, nenhum deles chega de fato a ser expulso do país e em 1956 Juscelino Kubitschek liberta os que estavam presos. Esta é considerada a parte mais sangrenta da história da imigração japonesa no Brasil e segundo Inoue (2002), não existe outro registro parecido no mundo entre os imigrantes japoneses.

Apesar de pertencerem ao mesmo grupo étnico, a matança foi justificada e aceita pela comunidade japonesa de forma geral. Como Souza (1996) afirma, a reprovação da violência depende diretamente de que grupo ela atinge e se a sua fonte é considerada legítima. A lealdade ao Japão justificou a eliminação de membros de um sub-grupo formado neste caso de conflito. A sub-divisão interna permitiu a existência do *in* e do *out-group*. Souza (1996, p.61) cita, a partir de Tajfel, que “o processo de categorização como a atribuição de características psicológicas aos membros do grupo, é refinado a ponto de produzir uma diferenciação no próprio interior das categorias sociais”. O conflito intra-grupal permite pensar na flexibilidade das identidades que mudam para cada situação e contexto, considerando a categoria atingida e a legitimidade da fonte.

A partir da década de 50, começam os esforços de integração no Brasil e de permanência definitiva no país adotivo (Inoue, 2002). A imigração volta a acontecer para fugir da situação de caos em que se encontrava o Japão e entre 1953 e 1963 se mantém em um nível significativo. A partir desta data há uma diminuição sensível, chegando a quase insignificância nos dias de hoje.

Começa uma nova etapa para os japoneses no Brasil. Há uma mudança de identidade no pós-guerra relacionada à busca de uma maior inserção social entre os brasileiros¹⁸ e uma maior condescendência em relação às uniões interétnicas, antes indesejáveis. São as chamadas etnicidades hifenizadas mencionadas por Lesser (2001). A colônia japonesa precisava se unir e resgatar sua auto-estima, destruída

¹⁸ Para maior inserção social ocorreu o investimento na educação, a preocupação com o conforto dos lares, a naturalização brasileira, um sentimento de independência e autonomia na nova identidade de “japonês enraizado no Brasil”.

na guerra, buscando uma identidade. Precisava também apagar a imagem de grupo inassimilável (Rocha, 1998).

Os novos objetivos eram o êxito econômico e a ascensão social dos filhos, sendo necessárias a compreensão da língua nacional e a adoção de um comportamento como o dos brasileiros. Camacho (1993) indica que a priorização da educação escolar dos jovens nipo-brasileiros por suas famílias ainda tem como objetivo a ascensão sócio-econômica. Os japoneses passam a enfatizar sua etnicidade hifenizada na qual o nipo-brasileiro destaca tanto a etnicidade (memória coletiva do Japão) quanto a nacionalidade (cidadania, língua e cultura). Os japoneses passam a exercer todo tipo de cargos, segundo Saito (1980), e há ausência de tratamento discriminatório ou pelo menos a discriminação é permeada por sutilezas discursivas e práticas quase imperceptíveis¹⁹. Hoje, a maioria dos nipo-brasileiros constitui-se como classe média urbana, assimilando cada vez mais o padrão de vida, os valores e a cultura da classe média brasileira, enfraquecendo os laços étnicos, ou seja, estão se aculturando à sociedade brasileira.

As associações de japoneses tentam manter as raízes culturais que vêm perdendo-se, misturando-se, criando identidades crioulas, às vezes não bem aceitas pelos japoneses mais tradicionais, nem bem entendidas pelos brasileiros. O objetivo inicial era incentivar a adaptação e criar condições para a ascensão social dos nisseis, “abrasileirando-os”. Segundo Ennes (2001), já existia uma disposição de se reunirem em associações, fruto de uma estrutura social japonesa baseada na *mura* (aldeia rural) para se tratar de assuntos coletivos. Havia a preocupação com o aperfeiçoamento espiritual e o compartilhamento com o grupo. As associações também valorizavam aspectos da conduta japonesa, como a língua e o respeito à

¹⁹ Foram encontrados relatos de racismo contra japoneses em alguns sites. Na novela *Laços de Família* uma personagem afirma: “Eu não namoraria um japonês nem amarrada”. Um telespectador indignado retruca: “Infelizmente está se tornando uma constante nos meios de comunicação do Brasil tentar denegrir a raça japonesa. Acho que a comunidade japonesa deveria protestar mais quando tais fatos forem constatados”. Segundo este site, os orientais não são percentualmente significativos, estão perto de 1% da população brasileira e isso seria o motivo da onda de preconceito contra os japoneses, ou seja, fala-se mal daqueles que dificilmente poderão te prejudicar. Ressalta também a dificuldade em conseguir trabalho na TV como ator, repórter ou cantor devido à fisionomia oriental. Outro exemplo consta na *Folha de São Paulo* (junho de 1988), que relata a novela “*Brega e Chique*”, em que uma personagem diz: “Estou disposta a me casar com faxineiro, lixeiro, tintureiro... nem que seja japonês”. A reação da comunidade foi imediata e a personagem passou a freqüentar restaurantes no Bairro Liberdade. São exemplos de representações retroalimentadas pelos meios de comunicação, contribuindo para sua evolução e permanência, como enfatizado por Garcia (2003). (<http://www.ipcdigital.com/portugues/opinioao/462/>).

família (Cardoso, 1960). As colônias japonesas hoje se mantêm fechadas até certo ponto, despertando o interesse de muitos japoneses em conhecer o Brasil, por acreditarem que encontrarão o Japão antigo.

A cada geração, o afastamento da cultura japonesa é mais evidente. Atualmente, 76,04% dos nipo-brasileiros não participam de qualquer entidade japonesa (Folha de São Paulo, junho de 2003). Porém, nas últimas décadas tem ocorrido um novo interesse dos descendentes por essa cultura, devido à boa posição sócio-econômica do Japão (Inoue, 2002), assumindo uma postura oriental sem estar identificado com ela, segundo Rocha (1998). Discordamos que não haja identificação, pois como afirmado por outros autores (Inoue, 2002, Camacho, 1993, Lesser, 2001, Oliveira, 1998), os descendentes apresentam traços da cultura étnica, mesmo que reduzidos, e são identificados como “japoneses”, sentindo-se “japoneses” em vários momentos.

Um reflexo do afastamento cultural é o esvaziamento das escolas de japonês, que desde 1967 sofreram uma diminuição de 25%, hoje apenas 36,1% conhecem suficientemente o português e o japonês. A manutenção da língua seria um aspecto importante de ligação com a cultura japonesa. Um exemplo claro disso é dado por Ennes (2001) quando cita uma de suas entrevistadas que desistiu da escola de japonês por não se adaptar ao sistema de ensino, ou seja, aprende-se o idioma aprendendo a ser japonês, destacando ainda que a motivação para o ingresso nesse curso foi resultante da ascensão mundial do Japão.

Os japoneses formam um grupo com hábitos originalmente muito diferentes e seus descendentes ainda carregam alguns deles, como por exemplo, em algumas práticas religiosas, em sua alimentação²⁰ e na própria língua de origem. Um julgamento etnocêntrico por parte dos brasileiros, através de uma perspectiva ocidental, pode ser um dos motivos que leva ao surgimento de preconceitos por avaliar a partir de seus próprios valores grupais que, segundo Tajfel (1983), são considerados melhores que o de outros grupos²¹.

²⁰ Sobre os hábitos culinários: 18,11% raramente comem comida japonesa, 22,34% comem às vezes e 59,55% comem freqüentemente (Folha de São Paulo, junho de 2003). Vários japoneses e descendentes que às vezes não conhecem nada sobre a cultura de origem, mantêm o hábito de se alimentar de comida japonesa, talvez porque esteja bastante difundido entre os próprios brasileiros.

²¹ Em alguns “blogs” foram encontrados: “[...] sociedade os obriga a serem todos iguais, a serem controlados, disciplinados e obedientes [...]” ou “Eu odeio japoneses, raça do inferno. Não fazem nada absolutamente direito. Como é que aquele país é a segunda economia mundial? [...] Como podem ser tão desorganizados e fechados a mudanças? Como podem ser tão metódicos?” ou ainda,

Quando nos referimos à aparência dos orientais, muitas vezes o preconceito fica evidente nas conversas cotidianas com algumas pessoas. Por essa aparência ser tão diferente pode ser considerada feia²² ou esquisita, permitindo várias brincadeiras depreciativas e discriminatórias. A questão estética trabalhada por Queiroz e Otta (2000), coloca como modelo de beleza mundial as mulheres ocidentais loiras e magérrimas, um padrão muito diferente do japonês²³, influenciando as jovens japonesas a modificar sua estrutura física para se aproximar do padrão. O japonês bonito no Brasil é aquele que já possui mistura racial dentro da família, ou seja, aquele que possui traços ocidentais. Há a desvalorização das características do próprio grupo que, segundo Tajfel (1982) e Joffe (1995), contesta a idéia de que os estereótipos são determinados somente por uma imagem autística a-crítica e ideal do seu grupo, apesar da tendência ser de favorecimento do *in-group*. É necessário ressaltar, porém, que o exotismo físico oriental é visto como bonito por outros tantos brasileiros também, mas sempre classificados como diferentes. Acreditamos que o fato do Japão estar em voga atualmente – interesse dos brasileiros na comida japonesa, nos desenhos japoneses, na língua, na tecnologia – ajuda a melhorar a imagem dos japoneses no Brasil.

A mídia é um poderoso instrumento de construção das representações sociais (Joffe, 1995) e podemos ver através dela como se representa o “japonês”. Em diversos programas ridiculariza-se seu modo de falar e de se vestir, acentuando um comportamento patético, com piadas extremamente preconceituosas, ajudando a criar e manter estereótipos. Segundo Tajfel (1982) e Souza (1996), dependendo da relação afetiva que se estabelece, existe uma tendência a acentuar as diferenças entre as raças e até de criar certas características que estas raças não possuem, o que condiz com a lógica do outro ser pior, mais feio e por isso ser motivo de piadas e ridicularizações (Joffe, 1995).

[...] eles sempre tiram nossas vagas no vestibular [...]” e por último “se baníssemos todos os japoneses do Brasil teríamos muito mais empregos”. Outro site sobre preconceito e racismo falava que as piadas sobre japoneses os colocam como maus motoristas, péssimos amantes, frios e calculistas. São alguns exemplos de estereotipação negativa deste grupo. (www.e-santos.com.br/blog/arquivos; Acesso em: 22/07/05)

²² Nas respostas dos questionários aplicados a integrantes da Associação Nikkei (Anexo 1), as mestiças revelaram comentários e piadas em que os japoneses são mais feios que os mestiços de traços orientais mais sutis.

²³ Um “blog” diz: “se acham os melhores, mas na verdade não sabem de b... nenhuma – as pernas de todos os japoneses são tortas – sem contar no cabeçaço!!”. (www.e-santos.com.br/blog/arquivos; Acesso em: 22/07/05).

Pode parecer que não existe discriminação contra os japoneses no Brasil, por serem provenientes de um país avançado e serem referenciados a partir disso, mas precisamos considerar além de determinações sócio-econômicas. Inoue (2002) afirma que assim como os negros têm lugares definidos na sociedade, como no meio musical que envolva samba e afins ou nos esportes (atletismo e futebol), os japoneses também têm. Em atividades consideradas tipicamente brasileiras como o carnaval, rodas de samba ou futebol, causa estranheza a presença nipônica.

“[...] a imagem do nipo-brasileiro se associa ao sucesso nos estudos e na profissão, à eficiência. Essas características passam-nos a idéia de inclusão. A inclusão, porém, tem um limite explícito – o exotismo: podemos consumir eletroeletrônicos japoneses, ir a consultórios dos Sato e dos Tanaka, aderir à moda dos sushis, mas a ascendência japonesa não fornece galãs ou mocinhas para a novela das oito ou artilheiros para a seleção brasileira de futebol. O que a aparente inclusão oculta? (Gerald, 1998, p.116).”

A inclusão oculta as violências sofridas por estes imigrantes durante o processo de vinda e estabelecimento no novo país. A obrigação de saírem do país de origem que já não os comportava mais e ingressarem em outro país, tornando-o seu e deixando de lado parte de si, constitui-se como violência. E a maior violência é estar perdido entre dois mundos, identificados e ao mesmo tempo não identificados, chamados “autênticos desenraizados” (Ocada, 2000).

2.2 RACISMO NIPÔNICO NO BRASIL

Quando falamos em racismo no Brasil pensamos automaticamente nos negros. Pesquisas²⁴ e senso comum indicam que o preconceito contra negros existe e que eles ocupam o lugar de “ser inferior”, decorrente da história da colonização do Brasil. Os japoneses são citados poucas vezes, quando são citados. Os negros vieram como escravos e os japoneses vieram como mão-de-obra assalariada, mas explorada e vivendo em condições que não eram aceitas pelos imigrantes europeus.

²⁴ Foram encontrados diversos estudos sobre preconceito, predominantemente contra negros na revista Estudos Afro-Asiáticos. Outros textos que abordam este tema é o de Valente (1994) e MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. Em Schwarcz, L.M. e Queiroz, R.S.et al. **Raça e diversidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996, 213:229.

Como há o reconhecimento de preconceito contra negros, existem os movimentos de defesa deste grupo. Eles já figuram na mídia com todo o tipo de papéis, casam-se em grande número com os “brancos”, mas continuam passando por situações de exclusão no trabalho e insultos²⁵ no dia-a-dia, desencadeados por discussões ou mesmo brincadeiras e piadas de cunho racial que desqualificam o grupo. O país do preconceito velado (Valente, 1994) acaba se revelando nesses comportamentos cotidianos, que para muitos passam despercebidos.

O imigrante japonês não foi tão bem recebido pela população nacional na época de sua chegada, e se por um lado representava a mão-de-obra que o Brasil necessitava, por outro, “não era bem visto devido aos seus diferentes costumes e traços físicos”, sendo considerado o mais inassimilável dos estrangeiros (Ocada, 2000). As diferenças culturais em relação a outros imigrantes eram tão profundas que criavam barreiras e acabavam por se cristalizar em forma de estereótipos e preconceitos, segundo Ennes (2001).

Apesar disso havia uma intenção objetiva destes imigrantes em criar uma imagem de ordeiros, orgulhosos, fortes, trabalhadores e cordiais como produto de sua auto-representação (Ennes, 2001).

Existem evidências de discursos e atos racistas desde antes do início da imigração, mais enfatizados em seu início a partir de 1908, na década de 30 e no contexto da Segunda Guerra Mundial. A pesquisa de Nucci (2000) nos revela o silêncio destes discursos contra os japoneses no meio científico, sendo a bibliografia existente escassa ou pouco citada. Ainda hoje no Brasil é raro encontrar trabalhos acadêmicos deste tipo.

Tanto é escassa sua produção que causa até certo estranhamento para a maioria das pessoas falar em racismo contra japoneses.

“Uma das características da bibliografia sobre o assunto no Brasil é que ela parece cobrir quase que somente o racismo contra este contingente populacional [afro-brasileiros], fazendo referências esparsas ao anti-semitismo e ao antiniponismo, que aparecem com mais evidência em estudos específicos sobre o período do governo de Getúlio Vargas (Nucci, 2000, pág.6).”

²⁵ Sobre os insultos raciais contra negros, Guimarães (2000) investiga a construção de uma identidade social estigmatizada, analisando os estereótipos socialmente aceitos pela sociedade e como este insulto simbolicamente institucionaliza o discriminado em um determinado “lugar social”.

Apesar de um início de imigração japonesa para o Brasil quantitativamente pequena, foi grande o debate suscitado por sua presença entre defensores e opositores na primeira metade do século XX. Como foi bastante visível durante a Segunda Grande Guerra, a noção de raça estava vinculada a superioridade e inferioridade. Com o fim desta guerra as produções acadêmico-científicas modificaram seu enfoque passando a não tratar mais da questão do racismo nipônico.

Existem duas vertentes com enfoques contrários quanto ao tratamento do tema dos japoneses no Brasil: o primeiro movimento de tendência racista (até década de 40) preocupado com a formação racial da nacionalidade brasileira, representado por médicos como Xavier de Oliveira, Miguel Couto, Arthur Hehl Neiva, pelo jornalista Vivaldo Vivaldi Coaracy, pelo major Aristóteles de Lima Câmara e pelo sociólogo, historiador e jurista Oliveira Vianna. O segundo movimento pró-nipônico, anti-racista (em coexistência com os antinipônicos), representado na propaganda e política por Bruno Lobo e Alfredo Ellis Júnior, assim como pela criação de instituições no campo da sociologia e antropologia (USP, Escola Livre de Sociologia e Política e Revista Sociologia) a partir da década de 40, que buscavam defender a idéia de fraternidade humana sem fronteiras e absorção das minorias étnicas em um processo desejável. Criaram-se com isso, textos que silenciavam ou negavam a vivência histórica de racismo contra o grupo, elaborando uma nova imagem da população japonesa e um novo posicionamento pró-assimilacionista.

Os motivos para esse silenciamento dos discursos racistas contra japoneses seriam: a derrota do “perigo amarelo”²⁶ no pós-guerra, a ascensão social rápida e as novas abordagens científicas para a Antropologia e Sociologia, assim como novas elaborações sobre o tema racismo, resultando na re-significação e instrumentalização de termos utilizados anteriormente em estudos antinipônicos como *assimilação*, *integração* e *aculturação*.

Entre as décadas de 40 e 80 verifica-se a quase inexistência de trabalhos sobre racismo contra japoneses, concentrando-se em apenas descrever os processos

²⁶ Criação norte-americana atribuindo características negativas aos japoneses para os países ocidentais, principalmente do continente americano (Inoue, 2002). O “amarelo” passou a ser identificado com os japoneses e se tornaram os imigrantes mais mal quistos na América. As imagens negativas teriam sido forjadas pelos Estados Unidos para criar um sentimento de repulsa como represália a aqueles que já competiam economicamente, mesmo com a recente modernização capitalista.

sociais e culturais desvinculados do conceito de raça como se os discursos antinipônicos não interferissem no modo de vida e inserção dos japoneses no Brasil. Antes desse período, os estudos são classificados como “não científicos” pelos estudiosos dessa época, muitos deles descendentes de japoneses, como se não tivessem validade. Saito (1980) é um dos estudiosos que acaba por desqualificar e homogeneizar estes trabalhos. Ele deixa claro que apesar de ter ocorrido certa dificuldade na inserção no período inicial da imigração, a adaptação é completa, e pouco se refere aos movimentos racistas que ocorreram em períodos anteriores.

“[...] as formulações racistas, lançadas contra os japoneses desde antes do início da II Guerra Mundial, são ignoradas ou minimizadas numa boa parte dos estudos citados por Saito (Nucci, 2000, pág.16).”

Saito (1980) compara a imigração japonesa ocorrida em outros países como Estados Unidos e Peru. Os planos e as formas de imigração foram semelhantes, pois todos traziam trabalhadores contratados com plano de imigração temporária e pretensão de retorno ao Japão. Porém, ao contrário dos outros países, considera que há ausência de discriminação no Brasil, o que possibilitou uma grande diversificação ocupacional e os casamentos interétnicos. Nos Estados Unidos chegou a ser proibida a entrada de japoneses em 1924, tamanha a hostilidade e discriminação, bastante ressaltada por Inoue (2002) também. Um fator decisivo para a “evolução” do grupo no Brasil teria sido a imigração de famílias e não apenas de solteiros como nos outros países. Isto teria acarretado um crescimento populacional normal, a continuidade das gerações, uma relativa estabilidade da vida familiar e a transmissão cultural no Brasil, enquanto nos Estados Unidos e Peru teria ocorrido o retardo no processo de ascensão social do grupo e tornado os japoneses uma minoria étnica. Vieira (1966), no entanto, considera que os japoneses também se tornaram minoria étnica no Brasil em determinado momento da sua história de imigração.

O racismo contra os japoneses ressaltava a condenação da indesejável miscigenação na busca da depuração racial brasileira. Quando perceberam que não ocorreria a proibição da imigração oriental assumiram a postura de defender a assimilação completa dos imigrantes (Nucci, 2000).

Outro problema era a concorrência econômica que os japoneses faziam frente aos proprietários de terra já que eram conhecidos como uma população rural,

trabalhadora, eficiente, organizada e, ao mesmo tempo, nociva à formação da nacionalidade brasileira. Interessante que Nucci (op.cit) coloca o que é chamado contradição para alguns – pois exaltam e desqualificam ao mesmo tempo – como processo próprio do racismo. Na verdade, as qualidades são ressaltadas exatamente para destacar que existe perigo por serem tão diferentes e, portanto, impróprias para a miscigenação, e não participantes da mesma humanidade dos brasileiros. A exclusão é justificada não pela inferioridade, mas pelo contrário, pela superioridade, ressaltando sua dificuldade de assimilação.

A questão do preconceito contra japoneses abarca tanto o caráter político e cultural como o biológico. Ennes (2001) complementa afirmando que existia um estereótipo para qualquer imigrante asiático, pois havia uma confusão quanto às diversas etnias daquele continente, revelando o preconceito existente quando se falava que chineses e japoneses eram bons e obedientes, ganhavam pouco trabalhando muito, se necessário apanhavam e quando sentiam saudade do país de origem se enforcavam ou iam embora.

A política eugenista de imigração defendida na década de 30, principalmente por psiquiatras, chegava a ditar que os japoneses eram donos de uma degenerescência racial inata, biologicamente incompatíveis com outras raças, diferentes mentalmente, em seus padrões morais, estéticos – fisicamente inferiores – e econômicos, portadores de psicopatias e tendências criminosas, assim como teriam um plano conspiratório de conquista do mundo, sendo denominados “perigo amarelo”. Seriam inassimiláveis e, além disso, avessos à miscigenação, reforçando o medo da nação imperialista em crescente expansão. A concentração de imigrantes²⁷ preferencialmente em “bairros típicos”, com lojas de artigos importados e manutenção da língua de origem eram motivos de preocupação. Estariam formando os “quistos raciais presentes no corpo da nação” com propósitos imperialistas (Nucci, 2000).

Segundo Sawaia (2001) não se pode deixar de considerar as dificuldades pelas quais todos os imigrantes passam em um novo país e a necessidade de juntar-se aos iguais para atenuar os problemas. Inoue (2002) considera que a concentração e

²⁷ A concentração de imigrantes em determinadas regiões ocorreu com vários grupos étnicos como sírios e judeus e não somente japoneses (Inoue, 2002).

a coesão deste grupo (japoneses) foram uma forma de auto-defesa às diferenças indistigáveis, referindo-se ao aspecto físico, religião e idioma. Um dos ataques sofridos com relação a imigração japonesa se referia mesmo à questão estética, ou seja, achavam os japoneses tão feios que seria inadequado sua imigração em massa, discurso defendido por políticos, estudiosos e pela elite (Inoue, 2002; Lesser, 2001).

Em vários momentos da história da imigração o grupo de “raça amarela” é identificado como não humano ou subumano, ocorrendo a animalização dos japoneses de diversas formas: chamam-nos de bichos, comparam-nos a animais (porcos em que não se pode confiar, bestas de carga, feras em forma de gente, serpentes) e insetos (marimbondos, formigas eficientes e ordenadas), e se utilizam termos como inoculação. A animalização coloca o grupo em um nível abaixo dos demais, assim como o diferencia de forma mais enfática. Também o compara a elementos estranhos como um vírus nocivo que invade o organismo nação adoecendo-o, ordenado por imperialistas do Japão igualando-o a um “foco de infecções”. Formam os “quistos”. Comparam-nos a elementos químicos como enxofre (insolúvel). Ainda ocorre a demonização do grupo referindo-se a ele como mal, trevas, ódio, entre outros (Nucci, 2000).

Fica claro o medo da ameaça ideológica e racial no país, fazendo-se necessária a dominação destes não civilizados. Tajfel (1983) afirma que o processo de diferenciação inter-grupal pode ser tão acentuado que provoca a despersonalização ou desumanização de membros de *out-groups*, como o ocorrido nesta fase.

Os descendentes chocaram-se com a Constituição de 34 que deixou claro o processo discriminatório pelo qual passavam quando já acreditavam estar vivendo em um país sem racismo, a caminho de tornar-se uma grande potência. Não entendiam por que a cidadania brasileira não significava reconhecimento da condição de não estrangeiro. A postura da comunidade, no entanto, foi bastante discreta e raramente criticava o presidente Vargas²⁸ publicamente, que tentava

²⁸ O Governo Vargas manipulava o imaginário brasileiro contra os perigos étnicos e políticos, com o apoio da Igreja Católica e dos intelectuais racistas (Inoue, 2002).

proteger a identidade brasileira das etnicidades, ao mesmo tempo em que forçava a brasilidade nos imigrantes através de diversas medidas²⁹.

Muitos japoneses desejavam a repatriação devido ao seu nacionalismo e ao movimento anti-nipônico da época, porém, poucos chegaram a concretizar a repatriação. Houve muitas pressões (do corpo diplomático japonês inclusive) para que continuassem no país, além disso, poucos tinham dinheiro para retornar ao Japão. Era interessante para ambos os países os japoneses permanecerem no Brasil devido às negociações comerciais que estavam acontecendo na época.

A discussão extrapolou a política, chegando às produções intelectuais principalmente dos médicos, porém, sempre tentando fugir do estigma de racistas, o que acabou sendo denominado “racismo à brasileira”. O preconceito não admitido – o preconceito de ter preconceito no Brasil – se revela na melhor das hipóteses na aceitação da mestiçagem branqueadora (Nucci, 2000), exemplo claro disso se encontra na afirmação feita, por um dito “especialista em eugenia” de que

“[...] Não se entope um país com povos de raças heterogêneas e inassimiláveis. Um país não é um laboratório para experiências de cruzamentos. Temos a obrigação de deixar para os nossos filhos e netos um futuro tranqüilo do ponto de vista racial e sociológico (Renato Kehl apud Nucci, 2000, pág.47).”

O diferente gerou o medo da miscigenação na população brasileira e deveria ser eliminado para manutenção da ordem social, chegando os japoneses a serem vistos como inimigos da nação. A desigualdade racial era algo real para muitos cientistas da década de 30.

Para os pró-nipônicos, que defendiam a imigração japonesa e denunciavam o preconceito – corpo diplomático japonês, alguns setores da imprensa e da intelectualidade –, os argumentos giravam em torno dos níveis de produção e da necessidade de trabalhadores dóceis, mas os focos da discussão também giravam em torno da assimilação, considerando a grande capacidade de ser assimilado – defendiam uma mesma origem biológica entre japoneses e índios – e bons

²⁹ Além da política de cotas, foi lançada uma política assimilacionista que proibia o ensino de línguas estrangeiras para menores de 14 anos, as escolas foram incorporadas ao governo brasileiro, ameaçando seus valores que eram primordialmente repassadas e mantidas no ensino da língua (Inoue, 2002). Mais tarde, em 1938, é lançada nova medida em que fica estabelecido o uso de língua portuguesa para o ensino de todas as matérias e para os livros dirigidos ao ensino primário e as escolas seriam regidas por brasileiros natos (Morais, 2001).

resultados na miscigenação, mostrando que nem os opositores nem os defensores desejavam um Brasil “amarelo”. A exclusão dos aspectos fenotípicos que marcavam a origem era desejada. Argumentavam que não haveria problemas com estes imigrantes, pois eram escolhidos, preparados, transportados, recebidos, adaptados e nacionalizados, e que os ataques racistas antinipônicos seriam movidos pela paixão ou pela superstição. Entre os pró-nipônicos, porém, também existiam algumas divergências, por exemplo, quanto à questão da existência do preconceito e da resistência a casamentos interétnicos (Nucci, 2000).

Tanto os pró-nipônicos quanto os anti-nipônicos tentavam desqualificar a autoridade científica do outro. Neste momento (década de 30 até 40), porém, predominava o movimento racista que possuía argumentos mais bem fundamentados por médicos de renome nacional, embasados na antropobiologia e na genética.

A vigilância sobre o “perigo amarelo” e o ideário racista não desaparecem com o fim da II Guerra Mundial, pelo contrário, ressurgem idéias e imagens estereotipadas e racistas na política, na imprensa e nos discursos cotidianos, além dos meios intelectuais, mostrando a intolerância à diferença étnico-cultural. Havia um forte movimento na tentativa de fazer uma assimilação forçada dos núcleos coloniais japoneses.

Durante a guerra, artigos intitulados “O Perigo Japonês” foram veiculados, além de revistas, que foram criadas depois, enfatizando mais a questão política do que o eugenismo. Descreviam a nocividade deste grupo, caracterizado como uma população aparentemente cortês e impassível, resultante de rígida educação, mas agressiva e fanática, que trazia como conseqüência a desvalorização do trabalhador do país para o qual imigrassem, já que estariam fazendo concorrência a eles. Os artigos criticavam a pretensa reivindicação de superioridade de um “povo não branco”. Os japoneses eram considerados culturalmente inferiores devido à constituição tardia de sua civilização. Eram caracterizados como exóticos e iguais entre si, sugerindo uma clara separação entre a humanidade dos brancos e a dos “outros”, homogeneizando este “outro” inferior. Havia uma rejeição sistemática dos “homens de cor” distanciados da “civilização cristã e liberal”. A desumanização dos japoneses chegou a tal ponto que se tornou comum encontrar textos da época que apoiavam a destruição total dessa população, por exemplo através da bomba

atômica. Em algumas cidades (Santos, Belém), japoneses foram apedrejados, saqueados e tiveram suas casas incendiadas. Isto demonstra a evidente hierarquização racial e exclusão dos que não participam dos padrões europocêntricos (Nucci, 2000; Inoue, 2002).

Durante a II Guerra Mundial, quando Getúlio Vargas se posiciona a favor dos Aliados, todos os que tinham aparência asiática passaram a ser vistos como espões. Após romper relações com os países do Eixo, os japoneses são deslocados para áreas estratégicas³⁰. Uma das reações dos japoneses a este tipo de medida foi se afastar da cultura majoritária, reforçando o lugar de “japonês” no Brasil, reafirmando sua identidade étnica, o que gerou a criação de sociedades secretas mostrando, muitas vezes, seu nacionalismo ultrajaponês. Alguns acreditavam na obrigação de ser leal ao imperador (kashigumi - vitoristas) e passaram a destruir propriedades de quem não entrava no movimento (makegumi - derrotistas) e até a agredir e matar. Ocorre portanto, a sub-divisão intragrupal. A lealdade ao imperador faz parte da tradição japonesa (“on”) e o que é determinado pelo imperador não é discutido, até mesmo no caso do anúncio da rendição do Japão na guerra (Benedict, 2002).

A principal sociedade secreta foi a famosa Shindo Renmei, uma expressão de solidariedade étnica que objetivava manter um “espaço japonizado” no Brasil. Essa sociedade cresceu bastante, pois vários descendentes não acreditavam na derrota do Japão, até porque não tinham acesso aos informativos japoneses que haviam sido proibidos de circular como medida preventiva. A Shindo Renmei monopolizava as informações. Tentava reivindicar das autoridades um tratamento preferencial a alguns imigrantes. A violência provocada pelo grupo atingiu até mesmo os brasileiros.

O medo dos brasileiros em relação ao militarismo e à solidariedade étnica dos japoneses ia sendo reforçado à medida que ficavam sabendo das ações radicais dessa sociedade. Havia um desejo de controle deste outro, demonstrado no medo dos brasileiros devido à falta de transparência dos japoneses e à compreensão de alguém tão diferente. Poderiam estar tentando enganar os brasileiros com sua

“máscara amarela e sorridente” e representar um possível perigo. Os “esclarecidos” makegumis aliaram-se ao Governo passando a mostrar os integrantes da Shindo Renmei como criminosos. Porém, as piadas que eram feitas, principalmente em relação à Shindo Renmei, acabaram por mobilizar os descendentes não participantes, na tentativa de ganhar mais espaço para a identidade nipo-brasileira, utilizando-se da visibilidade do próprio movimento. Com o fim da guerra passam a se denominar brasileiros embora a sociedade ainda os enxergasse como japoneses.

Nucci (2000) afirma que alguns autores justificam o comportamento do “Shindo Renmei” afirmando que é um sub-grupo que se encontra entre os de “tendências extremadas do nacionalismo”, porém, ressaltando que os japoneses não são inassimiláveis e que suas dificuldades são devidas a uma imigração recente. Um sub-grupo pertencente a determinado setor da comunidade japonesa deixa clara a existência de diferenciação intra-grupal em relação a outros setores do próprio grupo.

Considerando os ataques sofridos pelos japoneses principalmente até o fim da Segunda Guerra Mundial, Nucci (2000) conclui que o racismo contra os japoneses foi tão eficaz quanto o racismo contra os negros, ressaltando, porém, suas diferenças na forma, na intensidade e na visibilidade. Se a exclusão dos japoneses não ocorreu na vida econômica, ocorreu pela diferença física, moral, cultural, lingüística, intelectual, entre outros. A diferença é admitida somente em determinados graus, pois existe o desejo de exclusão daquilo que é diferente e gera algum tipo de conflito.

Para ultrapassar os estereótipos raciais, uma das estratégias de inclusão utilizada foi a de tentar tornarem-se brancos através de mudanças das vestimentas e do comportamento, dessa forma apagando diferenças que possibilitam a expressão do racismo, passando a serem vistos como grupo migratório desejável e pertencente a civilizações superiores. A mudança para a religião católica, por exemplo, aconteceu em escala significativa para os primeiros imigrantes, chegando a um momento da imigração em que havia mais católicos japoneses no Brasil do que no Japão. Isso não quer dizer que seja um número muito grande já que muitos ainda permaneciam

³⁰ Ocorreram “evacuações” de japoneses para áreas isoladas em algumas regiões no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro), assim como ocorreu em outros locais no mundo como na costa oeste dos

como budistas ou xintoístas. A questão é que a prática religiosa, para Lesser (2001), era fator importante na negociação pública da identidade nacional e por isso alguns entrevistados relataram sua inserção na religião dos brasileiros para pertencer mais a esse grupo. Saito (1980) também afirma a importância da adesão à religião católica para maior integração e possibilidade de ascensão social.

Outras estratégias de inserção social, já que os brasileiros não reconhecem a etnicidade hifenizada dos descendentes, são os casamentos interétnicos e a mudança da aparência através das cirurgias plásticas para se tornarem “mais brasileiros”, segundo Lesser (2001), o que indicaria a permanência do preconceito contra japoneses. Além da tentativa de tornarem-se brancos como parte da reelaboração de sua identidade, existe a estratégia de apresentar-se como parte da identidade brasileira e parte japonesa e ainda criar espaços dentro do Brasil que refletissem outras nações, como pode ser o caso de algumas associações.

Camacho (1993) acredita na existência de manifestações de preconceito racial contra japoneses e afirma que a maioria absoluta já passou por experiências preconceituosas, porém, nem todos se sentem afetados ou reconhecem tais experiências como discriminação racial. Considera essas manifestações sutis, de forma geral, e cita alguns exemplos, como se referir ao estereótipo do “mau motorista japonês” (conseqüência de não enxergar bem devido ao tamanho dos olhos) e zombaria com palavras japonesas e marcas físicas.

Nucci (2000) nos mostra que até a tentativa de adaptação dos imigrantes à situação de imposição de valores externos, apresentando no dia-a-dia tanto comportamentos ocidentais como de seu país de origem, é vista como dissimulação e ambigüidade, para poder tirar proveito de alguma forma. A manutenção de alguns costumes japoneses não era entendida, pois desejavam que simplesmente a herança étnica desaparecesse, sendo subjugada aos padrões dos brancos.

A partir da década de 50, com o discurso da “democracia racial” levantado, o preconceito popular e/ou oficial torna-se mais discreto, o que não significa que tenha desaparecido. Nesta década os brasileiros de etnicidade hifenizada se estabelecem nas classes médias e altas.

Entre as décadas de 40 e 60 o tema do racismo antinipônico cai na marginalidade com o surgimento de um novo paradigma científico em que seus estudiosos afirmavam que política não se misturava à ciência, apesar de haver um sutil exercício da política. Com preocupações teóricas e metodológicas, eles acabam demarcando um lugar autorizado de conhecimento. Neste momento percebemos um silenciamento sobre o tema, onde as análises “racialistas” são substituídas por análises culturais, pois passa a vigorar um

“[...] campo de conceitos e métodos, controlado por políticas e ciências, onde certas escolhas definem o que é, e o que pode ser preconceito racial, quem o sofre e, principalmente, sobre o que é adequado ou não falar numa disciplina [...]. Este desaparecimento do tema do racismo antinipônico parece apontar não só para uma tentativa de reelaboração do pensamento sobre os japoneses, mas para uma tentativa de domesticação de sentidos e imagens, que silenciaria sobre temas de relevância na vivência histórica do grupo japonês no Brasil, como o racismo”. (Nucci, 2000, pág.96)

Uma nova imagem positiva da população japonesa é construída, “domesticando os sentidos aterradores” atribuídos aos japoneses anteriormente (Nucci, 2000). A construção dessa imagem foi interrompida com a II Guerra Mundial, mas retomada ao seu término. A terminologia é mais desvinculada do conceito de raça, porém ainda havia a mesma preocupação dos antinipônicos quanto à nacionalização das populações estrangeiras. Os teóricos trabalham com conceitos como assimilação, aculturação³¹ e fixação, que permitem perceber a possibilidade de integração dos diferentes de maneira não uniforme. Através de pesquisas de campo comprovam maior assimilação no Brasil comparada a outros países e reinterpretem o que era considerada resistência à aculturação como algo que aconteceu de forma passageira e natural, apontando para exageros nos estudos anteriores. A tendência da população brasileira no uso das “marcas raciais” (traços fisionômicos que determinam a identificação), que destaca o preconceito, cria obstáculos à assimilação, tendo como conseqüências ressentimentos nos imigrantes e descendentes e situação de marginalidade onde haveria comportamento de ambivalência de atitudes e sentimentos. Existe a percepção de indícios de preconceito, mas Willems, citado por Nucci (2000), não afirma com certeza sua existência. Alguns poucos teóricos dessa época reconhecem o racismo que existiu,

³¹ Um trecho retirado de livro de Emilio Willems, citado por Nucci (2000), estudioso que influenciou fortemente os novos estudos sobre assimilação e aculturação, conceitua assimilação como mudanças na esfera social, processos de modificação, substituição e perda de traços psíquicos adquiridos e não

outros acreditam que não foi um racismo legítimo pela idéia propagada de democracia racial brasileira e outros acreditam na existência não de preconceito racial, mas social.

O estudo de Willems³² segundo Nucci (2000), faz parte desse novo paradigma científico, reavaliando mobilidade espacial, freqüência nas escolas brasileiras e inexistência de templos religiosos japoneses no Brasil como fatores de aculturação. Apesar de haver poucos sinais de conservação material nos descendentes, a cultura não material permanece mais fortemente, como os ritos de casamento, de morte, festas, entre outras coisas. O processo de assimilação seria social e nunca biológico como afirmado anteriormente. Existia a pretensão de medir e provar a inserção social, cultural e econômica dos imigrados e descendentes. O que é importante ressaltar é que sempre ocorria a desqualificação dos intelectuais antinipônicos e que havia um posicionamento contra o preconceito racial na esfera intelectual.

Nucci (2000) afirma que não há mais estudos como o de Willems, apenas algumas frases perdidas sobre os estereótipos negativos e preconceito contra japoneses em certos artigos. Como exemplo, lembra que Renato Pacheco cita o preconceito de marca, Thales de Azevedo indica a existência de estereótipos depreciativos sobre os japoneses e Ruth Cardoso culpabiliza³³ os japoneses por serem discriminados, devido à sua dificuldade de contato com brasileiros em função da diferença de idioma e de comportamento. Parece que o preconceito está restrito a determinados momentos históricos – por exemplo, a II Guerra Mundial – e que a comunidade está integrada ou se integrando com os conflitos superados ou quase inexistentes.

“O Crisântemo e a Espada” ainda é citado por Nucci (2000) como tendo sido encomendado pelo Governo norte-americano. A partir deste estudo é estabelecida uma identidade cientificamente elaborada dos japoneses, retirando assim o caráter perigoso de um povo desconhecido até essa época. Hogg, Abrams, Otten e Hinkle (2004) explica que a identidade serve para reduzir nossas incertezas sobre o mundo.

processo biológico, e aculturação como modificações na esfera cultural e que a verdadeira assimilação operaria nas esferas econômica, religiosa e na estrutura familiar.

³² Livro intitulado “Assimilação e populações marginais no Brasil” publicado em 1940.

³³ Jodelet (2001) afirma que existe a culpabilização das vítimas pela situação em que se encontram como se cada um tivesse o que merece. “Nos contextos sociais, onde dominam valores e crenças que favoreçam o desprezo das vítimas, porque elas são vítimas maltratadas, exploradas, pode ser difícil adotar uma posição contrária por temor de nos encontrarmos em uma situação incômoda em relação ao grupo ao qual pertencemos” (Jodelet, 2001, pág.56).

Como o Japão era considerado o inimigo mais hostil até então enfrentado pelos Estados Unidos, fez-se necessário entender a natureza de alguém com hábitos tão extremadamente diversos de agir e pensar.

Para manter a imagem de integrado, fez-se necessário tanto esquecer esta parte da história quanto negar o preconceito ou tratá-lo contextualmente como se fosse devido a determinada situação. Como nada impediu a ascensão dos descendentes, o termo preconceito torna-se neutro e parte da história é silenciada. Porém, pesquisa feita em 1990³⁴ revela a percepção de preconceito por parte da comunidade.

Entendemos a importância em destacar esta parte da história da imigração japonesa por muitos ignorada, para esclarecer melhor a identidade do grupo no país, já que reconhecemos que esta parte tão relevante não pode ter deixado de ter conseqüências. Como afirmado por Demartini (2001) os japoneses ainda são vistos como diferentes, o “outro”; respeitados, mas discriminados.

“Apesar de não existirem raças, a sociedade continua diferenciando ‘negros, ‘japoneses’ e judeus, entre outros, e afirmando o que podem ou não ser, fazer ou pensar, ou seja, continua racista, em graus de eficiência e de convencimento variáveis, conforme os sujeitos que escolhe para reificar”. (Nucci, 2000, pág.141).

2.3 COMUNIDADE JAPONESA NO ESPÍRITO SANTO

No Espírito Santo, a bibliografia existente não fala sobre a migração japonesa, seja pelo número reduzido de japoneses ou pelo pouco interesse no assunto, como no trecho que se segue e descreve a constituição da população capixaba:

“No Espírito Santo a miscigenação racial foi de tal porte que formou um biótipo marcante, diferente da população branca e loura das regiões de colonização do Sul do país. No caldeamento racial do Espírito Santo, os principais responsáveis são os italianos, que misturaram-se praticamente a todas as etnias: 60% do sangue capixaba são de italianos. Holandeses e luxemburgueses, por serem poucos, e sírios e libaneses, por evitarem casamentos interétnicos, foram as etnias que menos contribuíram para o biótipo capixaba. Paralelamente à mistura de raças, etnias, tradições e costumes, houve o crescimento de algumas das cidades-sedes de colonização estrangeira e a fulminante decadência de outras.” (Medeiros, 1994, p.202)

³⁴ Pesquisa citada por Nucci, na Folha de São Paulo em *Especial-I, Brasil/Japão 100 anos da Folha de São Paulo*, quinta feira, 19 de outubro de 1995.

Garcia (2003) afirma que a identidade cultural capixaba está vinculada a especificidades históricas do Estado relacionadas à geografia, à sociedade, à história e à cultura. Foi marcada pela contribuição definitiva de imigrantes (italianos e alemães, entre outros) e cresceu à margem dos grandes centros urbanos brasileiros com sua tardia industrialização e urbanização. Para se identificar como capixaba, bastaria se sentir capixaba e para isso seria necessário participar de manifestações artístico-culturais, valorizar a história e a geografia do Estado, desfrutar de uma culinária típica, entre outras coisas.

Somado a isso temos as características próprias da migração japonesa no Espírito Santo, que pode ter gerado aspectos diferenciados na constituição desta comunidade.

Podemos facilmente encontrar marcas da presença japonesa em Vitória ou outras cidades do Estado. Há vários restaurantes ou barraquinhas de comida japonesa nas feiras ao ar livre, loja de vendas de produtos japoneses, esportes orientais como judô e karatê, templo budista ou outras seitas de origem japonesa como Seicho-No-lê e Igreja Messiânica Mundial, associação cultural e até mesmo banca de revista conhecida como *Banca do Japonês*. Alguns costumes também foram adotados pelos capixabas no dia-a-dia conforme citado em *ES Agora*³⁵, como o chinelo tipo havaiana, adaptado do chinelo de dedo japonês. As festas oferecidas pela Associação Nikkei de Vitória já são conhecidas pela população capixaba. Os esportes oferecidos pela Associação ajudam também na integração entre brasileiros e nipo-brasileiros, pois são freqüentados por ambos, assim como a escola japonesa. Apesar disso, ainda poucos conhecem a cultura japonesa.

Havia pouquíssimos japoneses espalhados pelo Estado quando Aguirre (1934) escreveu um pequeno artigo sobre migração japonesa no Espírito Santo. Como vimos anteriormente, pairavam dúvidas e rechaço em todo o país nesta década, o que não era diferente aqui, ao contrário do que muitos possam pensar. Talvez fosse até mais grave no que diz respeito às condições no Estado, pois para outros locais no Brasil a imigração começou em 1908 e aqui ainda pouco se conhecia sobre esta “raça tão diferente”. Aguirre (1934) deixa clara a existência de uma postura contra

³⁵ **Presença amarela:** Apesar dos choques, centenas de japoneses e nisseis orientalizam o cenário capixaba. Espírito Santo Agora n70, julho de 1982, Maio Editora LTDA, Vitória.

estes migrantes para o Estado. As passagens e argumentações descritas utilizando vários dos “estudiosos” são os mesmos já expostos anteriormente.

O autor considera a vinda dos japoneses “talvez o maior erro da nova geração”, o que com certeza iria agravar a situação social deste país, já que prejudicaria os trabalhadores. Seriam preferidos por trabalharem muito mais horas por um salário menor e em péssimas condições de trabalho. Os brasileiros verdadeiramente patriotas e esclarecidos não apoiariam tal imigração, desqualificando os que apoiassem.

Os japoneses são classificados como sendo de “cego egoísmo e costumes irredutíveis”, de poucos amigos, fazendo referência à não assimilação (Aguirre, 1934). Termos como “invasão das velhas tribos” e “tradições caducas da Ásia” são utilizados, colocando os imigrantes como culturalmente inferiores com o intuito de dominação, assim como em vários momentos do texto são “animalizados”, sendo denominados como “rebanho obediente” e “lagarta rosada, penosa de ser exterminada”, “praga” enviada como castigo para que os brasileiros paguem por algum grande erro cometido. Deixa clara a preocupação com a vinda dos migrantes indesejáveis para Vitória quando diz que São Paulo não é suficiente para comportar o “vasto plano de colonização”, tornando-os perigosos para o Brasil. Em comparação aos povos germânicos, os japoneses teriam os mesmos defeitos, sem entretanto qualquer de suas qualidades. Para agravar a situação, o Japão estaria mandando seus piores elementos, ficando a um passo da degeneração física da raça brasileira, sempre ressaltando as imensas diferenças existentes.

As autoridades do país são criticadas por não tomarem as providências necessárias para contenção desta leva de imigrantes, como foi feito em outros países civilizados, supostamente sem preconceito e aliados do Japão. Outra medida que deveria ser tomada seria delimitar zonas específicas para onde iriam os japoneses. A imigração deveria ocorrer somente de forma natural – entendida como interessados em outra cultura e dispostos à assimilação – e não induzida ou estimulada por interesses econômicos como estava acontecendo.

Para finalizar, esclarece que se os japoneses não estavam excluídos por uma lei no Brasil, estavam pela opinião pública. A exclusão aqui é admitida literalmente. É

interessante observar o movimento de rechaço ao diferente, ao desconhecido, explicado pelo comportamento de grupo.

Acrescentamos que no período da Segunda Guerra Mundial, Suzuki (1984) afirma que um japonês chegou a ser preso por nove dias na cadeia de Maruípe, porém não se explica o fato que desencadeou a prisão.

Outro autor que cita (e apenas cita) a comunidade japonesa é Borges (1998). Ele somente destaca a existência do clube nipo-capixaba (atualmente recebe outro nome) na Serra e a prática do baseball neste clube, que seria o esporte preferido dos japoneses. Inoue (2002) também apenas cita em um pequeno parágrafo da sua grande tese que o primeiro japonês a vir para Vitória foi um engenheiro civil chamado Haga, a serviço do Governo, para ampliar o potencial do Porto de Vitória. Este engenheiro preferiu voltar a sua terra natal, mesmo sendo oferecidas terras para que permanecesse aqui.

Encontramos um único livro sobre a imigração japonesa no Espírito Santo, segundo a Associação Nikkei, escrito pelo japonês Takamine Suzuki³⁶ no período que morou em Vitória – entre 1979 e 1984 – a serviço de uma empresa siderúrgica japonesa.

A chegada do primeiro japonês ao Estado seria datada de 1923 e até o final da década de 90 a comunidade contaria com cerca de 200 famílias. Outras datas são citadas em alguns textos como em *A Tribuna*³⁷, atribuindo ao ano de 1930 a chegada do primeiro japonês ao Estado. Segundo a reportagem, os japoneses se concentraram na região serrana, no município de Santa Leopoldina, para trabalhar na lavoura de soja e arroz. Ao contrário das informações de Suzuki sobre o número de famílias, nesta reportagem a Associação Nikkei revelou um total de 350 famílias de imigrantes, informando ainda que já existe até a sexta geração no Estado. A Revista Espírito Santo Agora³⁸ informa esse mesmo número de famílias para o ano de 1982 (após o término da implantação da CST, muitos japoneses retornaram às cidades de origem, seja São Paulo, Paraná ou mesmo Japão) quando a colônia

³⁶ O livro foi escrito em língua japonesa. As informações para este trabalho foram obtidas a partir de um resumo desta obra, feita pela Associação Nikkei da cidade e apenas narra o histórico destes imigrantes no Estado. Ou seja, não existe uma obra que analisa propriamente a inserção dos japoneses no Espírito Santo.

³⁷ **Japoneses lembram a imigração.** A Tribuna, Vitória- ES, Cidades, sábado, 19/06/99, pág.5.

³⁸ **Vitória será vista com outros olhos.** Espírito Santo Agora, n 12, março de 1974, Matéria: Os japoneses, Maio Editora LTDA, Vitória.

ainda estava em formação, mas discorda do ano de chegada dos primeiros imigrantes no Estado, o que teria ocorrido nos anos 50. De uma forma ou de outra todos os dados encontrados informam um pequeno número de japoneses e seus descendentes no Estado do Espírito Santo comparados aos 3.097.232 habitantes do solo capixaba³⁹. Pudemos verificar significativa discrepância quanto à data de chegada do primeiro japonês, deixando visível a inexistência de trabalhos sobre estes imigrantes. Nem a Associação Nikkei de Vitória, nem o Consulado Geral do Japão possuem estimativas sobre o número de japoneses e descendentes no Estado.

Na década de 70 os japoneses já estavam bem instalados e adaptados em São Paulo, mas ainda eram novidade para os capixabas: “Esse sujeito de costumes esquisitos; que não tem jeito da gente distinguir dos seus patrícios – pois todos tem a mesma cara; que é humilde e prestativo, bom vizinho, gente; que já é uma parte do folclore de várias regiões brasileiras; que passará a fazer parte da paisagem capixaba, a partir da implantação da siderúrgica de Carapina” (Espírito Santo Agora⁴⁰, 1974, pág. 32). A reportagem destaca ainda a grande disposição para o trabalho, a mania de fotografar e a generosidade como empresários, ressaltando tanto a homogeneidade física quanto a cultural. A imagem dos japoneses já estava construída antes mesmo da sua chegada em maior quantidade, imagem bem diferente do início da imigração para o Brasil.

Para Suzuki (1984), muitos vieram inicialmente para o cultivo de hortaliças na Serra, Afonso Cláudio, Viana, Mimoso do Sul e Cachoeiro de Itapemirim, mas falharam nos negócios, retornando às cidades de origem. *ES Agora* (1982) também afirma que os pioneiros vieram para o Estado cultivar pequenas lavouras em Cariacica e na Serra, mas que atualmente esta atividade abarca o menor número de japoneses em relação a outras atividades.

Segundo Morandi (1997) a atividade cafeeira era a base da economia capixaba até a década de 60. Já na década de 70 e início da década de 80, grande número de japoneses veio para o Estado com o surto desenvolvimentista industrial, representado principalmente pela Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), que

³⁹ Censo Demográfico 2000.

tinha como um dos principais acionistas a empresa japonesa Kawasaki Steel Corporation. Outras empresas também de origem japonesa foram atraídas e a partir daí vários japoneses e descendentes passaram a vir espontaneamente, constituindo sua comunidade atual (ES Agora, 1982), ou seja, com características diferentes das comunidades de São Paulo e Paraná. A CST foi a grande causadora da mobilidade populacional para o Estado. Não só japoneses, mas imigrantes de outros países e migrantes de outros Estados do Brasil vieram para o Espírito Santo⁴¹.

No Censo 2000, o IBGE informou que a população residente no Estado por cor ou raça era estimada em 3.056 para cor *amarela*, 1.512.200 para branca, 200.192 para preta, 1.354.142 para parda, 12.746 para indígena e 15.161 não declarados. Os indivíduos que se denominam amarelos estão em menor número⁴² no Estado. No Censo de 1991, para cor *amarela*, o número estimado era de 2.692, ou seja, houve um aumento de 13,5% dessa população. Ainda no Censo de 1991, que não incluiu descendentes, o Estado comportava 166 japoneses e 84 naturalizados brasileiros, totalizando 250. Todos moravam em áreas urbanas⁴³, principalmente em Vitória, e eram em sua maioria homens. A maior parte dos que adquiriram cidadania brasileira eram homens também.

Já no Censo 2000 obtivemos uma nova estimativa em relação ao número de japoneses em Vitória, segundo estimativa da professora Aurélia Castiglioni⁴⁴:

TABELA I
NÚMERO DE JAPONESES NAS CIDADES DO ESPÍRITO SANTO

CIDADE	NÚMERO DE JAPONESES
Pinheiros	10
Vila Velha	20
Vitória	20
TOTAL	50

⁴⁰ **Presença amarela:** Apesar dos choques, centenas de japoneses e nisseis orientalizam o cenário capixaba. Espírito Santo Agora n70, julho de 1982, Maio Editora LTDA, Vitória

⁴¹ **Pesquisa sobre fluxos migratórios no Espírito Santo.** Relatório Anual de Atividades 1983. Governo do Estado do Espírito Santo. Coordenação Estadual do Planejamento. Departamento Estadual de Estatística. Sistema de informações sobre migrações internas.

⁴² É importante lembrar que o estudo de Kitahara (1998), nos indica que muitos japoneses não se incluem na categoria “amarelos”, por não se identificarem por cor e sim por etnia.

⁴³ Além de Vitória, os japoneses se localizavam nos municípios de Conceição do Castelo, Serra, Vila Velha.

⁴⁴ Dados obtidos segundo estimativa da professora do curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, Aurélia Castiglioni.

TABELA II
NÚMERO DE JAPONESES COMPARADO AO NÚMERO DE IMIGRANTES DE OUTROS PAÍSES
COM MAIOR IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO EM ORDEM DECRESCENTE

PAÍS DE ORIGEM	NÚMERO
Portugal	741
Itália	485
Estados Unidos	290
Argentina	243
Japão	50

Fonte: Estimativa feita por Aurélia Castiglioni: IBGE, Censo 2000. Microdados da amostra.

Como podemos observar nas tabelas acima (tabelas I e II), o número total de japoneses – não naturalizados – em Vitória é de 50, número bem menor do que o encontrado no Censo 1991, que era de 166. Esta diferença pode ser devido ao fato de as fontes serem diversas (Censo 1991 e estudos da professora Castiglioni) e também pela redução do número de japoneses na CST com a política de demissão voluntária, incentivada pela privatização iniciada em julho de 1992 (Morandi, 1997).

A tabela I apresenta os únicos municípios do Estado onde ainda há moradores japoneses não naturalizados brasileiros. Fica claro que a concentração dos japoneses, assim como de seus descendentes, está na Grande Vitória, principalmente em Vitória e Vila Velha, confirmando os dados do Censo 1991. Em alguns momentos em que falamos deste grupo há referência à cidade de Vitória e não ao Estado do Espírito Santo justamente pelo fato da concentração destes imigrantes ser maior na capital.

Na tabela II comparamos o número de japoneses com imigrantes de outros países existentes no Estado, mostrando as quatro principais migrações étnicas que estão em maior quantidade numérica até 2000. Observamos que existe uma diferença bem grande entre elas, logo, podemos inferir que o número total de descendentes dessas outras etnias também é bem maior. Vitória, sem dúvida, concentra o maior número de imigrantes estrangeiros (1.414), seguido de Vila Velha (743). Apesar da Serra ser o município para onde os japoneses vieram trabalhar, não há indicativos de moradores nessa região.

Segundo informações de um dos integrantes ativos da Associação Nikkei de Vitória existem cerca de 150 famílias cadastradas. Porém, segundo os registros obtidos na secretaria (em janeiro/2005), o número foi de 109 famílias. Foram registradas 87 famílias em que o titular é japonês e 22 famílias em que o titular é brasileiro. Dentre os membros de várias famílias estavam incluídos pais, sogros e netos dos titulares.

Nas tabelas abaixo podemos verificar a idade e o sexo dos membros das famílias cadastradas. O titular geralmente é o chefe da família, sendo poucos do sexo feminino e grande parte com idade acima de 30 anos.

TABELA III
MEMBROS DAS FAMÍLIAS ASSOCIADAS DA ASSOCIAÇÃO NIKKEI DE VITÓRIA, EM QUE O TITULAR É JAPONÊS, POR IDADE E SEXO (TITULAR NÃO INCLUÍDO):

Sexo dos membros da família	Idade				TOTAL
	0 a 12 anos	13 a 20 anos	21 a 30 anos	Mais de 30	
Masculino	8	20	50	17	95
Feminino	9	22	37	96	164
TOTAL	17	42	87	113	259

Fonte: Associação Nikkei de Vitória

Obtivemos 259 dependentes mais 87 titulares-sócios, totalizando 346 participantes da Associação Nikkei pertencentes a famílias em que o titular é japonês. A maior concentração se encontra entre mulheres acima de 30 anos. Em torno de 9 brasileiros se encontram incluídos nessa estatística como esposas ou maridos dos titulares. Inferimos, portanto, que já existe um número significativo de mestiços, pois temos uma média de três dependentes por família.

TABELA IV
MEMBROS DAS FAMÍLIAS ASSOCIADAS DA ASSOCIAÇÃO NIKKEI DE VITÓRIA, EM QUE O TITULAR É BRASILEIRO, POR IDADE E SEXO (TITULAR NÃO INCLUÍDO):

Sexo dos membros da família	Idade				TOTAL
	0 a 12 anos	13 a 20 anos	21 a 30 anos	Mais de 30	
Masculino	3	17	6	-	26
Feminino	6	7	16	-	29
TOTAL	9	24	22	-	55

Fonte: Associação Nikkei de Vitória

Obtivemos 55 dependentes e mais 22 titulares (não incluídos na tabela IV), totalizando 77 participantes da Associação Nikkei pertencentes a famílias em que o titular é brasileiro. Estão concentrados na faixa etária de 13 a 30 anos. Dentre os dependentes existem vários que possuem esposa ou marido que são japoneses. Poucas famílias são constituídas somente por brasileiros associados. Geralmente a ligação com a associação japonesa é devida ao relacionamento com um integrante desta associação ou algum tipo de ligação com a cultura japonesa.

Pelos dados obtidos foram totalizados 401 associados, porém, com mais associados japoneses do que brasileiros, demonstrando a predominância já esperada de descendentes.

A maioria destas famílias se conhece. Estão em Vitória em número reduzido e existe uma única associação que é o ponto de encontro dos japoneses e descendentes, ao contrário de São Paulo, onde os imigrantes estão espalhados por todo o Estado, participam de diversas instituições e se relacionam de forma mais natural com os brasileiros, que estão mais “acostumados” com japoneses. Em Vitória os mais velhos tendem a ser mais fechados em relação aos brasileiros, enquanto os mais jovens, em contato constante com brasileiros, são mais abertos a estes relacionamentos. A reportagem de *A Tribuna* nos revela que a Associação Nikkei é uma instituição que objetiva manter as tradições de origem, porém, existe uma certa dificuldade para concretizar este objetivo por não haver muitos descendentes para manter a cultura e, portanto, o contato com brasileiros é bem maior, provocando o abrasileiramento dos poucos nipo-brasileiros do Estado.

A Companhia Siderúrgica de Tubarão foi responsável por constituir, em 1977, a “Associação Japonesa para Divulgação Cultural e Educacional de Vitória” com o intuito de amparar socialmente seus funcionários e dependentes, extinta em 1994. Em 1981 foi criado o “Sunday Club” que tinha a finalidade de proporcionar entretenimento para os japoneses que viviam em Vitória, hoje chamada “Associação Nikkei de Vitória”. O carro chefe é a escola de japonês, mas possui também atividades culturais e esportivas. Havia um espírito de cooperação no início da constituição da Associação, mas as dificuldades de adaptação ao costume e ao clima local levaram muitos japoneses a desejar e concretizar o retorno às suas cidades de origem. Criaram também um clube em Carapina para prática de esportes

e entretenimento para os nisseis e o Clube Nipo-Capixaba na Serra, na tentativa de aproximação com os japoneses radicados em Vitória e visando a integração da colônia com a população local (Associação Nikkei de Vitória, 1998).

Houve a necessidade de criar essas instituições para vencer a barreira da língua, da convivência com um povo ainda “estranho” e do clima muito diferente. Essa comunidade, em boa parte, tinha como rotina ir do trabalho para casa e nos fins de semana para as associações⁴⁵, mantendo-se fechada aos capixabas principalmente devido à dificuldade da língua portuguesa. Essa associação é ainda, em parte, fechada. Se o preconceito contra os japoneses existe, isso pode ser um fator de contribuição para o fechamento dentro de uma associação, como coloca Sawaia (2001), que enfatiza que a identidade do lugar de origem dos imigrantes “favorece a criação de redes de solidariedade, facilita o acesso do ‘estrangeiro’ aos bens e serviços apesar da discriminação”, criando espaços de resistência e aconchego.

Um relato veiculado no jornal *A Tribuna* considera que há uma boa integração com os capixabas e que os japoneses que moram no Estado se destacaram em seus empregos e nos estudos, chegando até a faculdade e indo estudar em outros Estados.

A cultura, os costumes e as tradições japonesas, segundo reportagem da Revista Espírito Santo Agora⁴⁶, fazem parte da vida cotidiana capixaba. Se antes da década de 70 “apenas uma meia dúzia de japoneses ou descendentes estavam integrados na paisagem nativa” (pág.10), após o advento da CST, Banco América do Sul e Hitachi Zesen, já havia cerca de mil japoneses no Estado no ano de 1982.

Segundo esta reportagem, os japoneses estudavam música, pois havia uma herança cultural musical⁴⁷, assim como “naturalmente” os “chefes” das famílias japonesas eram engenheiros da CST. Alguns são considerados completamente adaptados mesmo mantendo alguns costumes. Foi possível cultivar uma identidade cultural étnica com a criação de infra-estrutura (restaurantes, lojas de venda de

⁴⁵ Esta rotina existe ainda para alguns de nossos entrevistados adultos.

⁴⁶ **Presença amarela:** Apesar dos choques, centenas de japoneses e nisseis orientalizam o cenário capixaba. Espírito Santo Agora nº70, julho de 1982, Maio Editora LTDA, Vitória.

produtos alimentares japoneses, associações) para atender suas exigências. Segundo reportagem do *ES Agora* os japoneses parecem não ter sofrido muitos problemas de integração no Estado devido à existência do Porto de Vitória, que permitiu a vinda constante, antes da década de 50, dos marinheiros, comerciantes e técnicos japoneses deixando boas impressões, de ser um povo sensível, humilde, gentil e trabalhador, apesar de retraído.

Por outro lado, a reportagem mencionava que as particularidades culturais – contrastes de hábitos, comportamentos e culturas heterogêneas – por vezes causaram atritos. Outra reportagem da mesma revista informa que a integração foi considerada difícil em função da pouca sociabilidade com brasileiros devida à herança de temperamento e cultura distintos e por vezes opostos aos ocidentais. Na época da implantação da CST ainda havia o agravante da existência dos contratos temporários de vários trabalhadores, o que também afetava as relações com a comunidade capixaba. Para os que ficassem ocorreria a integração. Alguns japoneses sabiam muito pouco da língua portuguesa⁴⁸. Na reportagem um jovem comenta: “Tem gente que ri dos meus olhos puxados porque sou descendente de japonês, mas pra mim, não tem nada a ver”. Diz que considera “caretime” quando os pais falam para casar com japonesa, já que ele mesmo é brasileiro e “capixaba de coração”, ou seja, já há um sentimento de pertencimento ao grupo dos brasileiros, indicativo de adaptação. Na época desta entrevista eles já se encontravam nas escolas de ensino primário e médio e nas universidades como alunos e professores.

No que diz respeito a questões étnicas no Estado, uma reportagem local (O Espírito Santo em Revista: Século⁴⁹, 2001) afirma que nunca houve lutas raciais e que não se instalou o preconceito na cultura capixaba. A forçada convivência entre os vários grupos étnicos acabou gerando uma tolerância maior entre eles. Há várias etnias que constituem a comunidade capixaba, por isso várias culturas, “com muito pouco preconceito”. Porém, há divergências em relação à questão da miscigenação: um dos entrevistados da reportagem (Maciel de Aguiar) considera que o Espírito Santo é talvez o Estado mais preconceituoso do país por ter ocorrido o isolamento de seus

⁴⁷ Camacho (1993) observou a importância do aprendizado da música para seus entrevistados, o que desenvolveria o senso estético, a sensibilidade e a disciplina, características citadas por nossos entrevistados como pertencentes à cultura japonesa.

⁴⁸ Dado encontrado entre os japoneses mais velhos segundo relatos de nossos entrevistados.

grupos étnicos em colônias na época de sua chegada e que mostra suas conseqüências até hoje. Afirma que não há mistura e sim diversidade, e que quando os europeus chegavam a se misturar era sempre com outros europeus. Medeiros (1997) também concorda que ocorreu um isolamento inicial dos grupos europeus entre si e principalmente em relação aos negros e índios, mas que hoje já se pode falar de um biótipo capixaba, de mistura étnica. Os japoneses não entram na composição deste biótipo.

Com o advento das diversas indústrias, no final da década de 70 e início de 80, a primeira fase de instalação da CST contabilizou 33 famílias provenientes do Japão, 40 ou 50 famílias vieram para a empresa Kawasaki Steel e havia mais um número desconhecido de descendentes não computados por essas empresas e outras. Alguns destes japoneses receberam cargos fixos e outros foram embora com o fim do contrato temporário.

Segundo dados obtidos no setor de Recursos Humanos⁵⁰ da CST, existem atualmente na empresa apenas 5 trabalhadores ativos japoneses (de nacionalidade japonesa), 70 não ativos e sem registro do número de descendentes. Todo ano trazem 1 estagiário do Japão para contrato temporário de 1 ano. Segundo outro funcionário do setor de pagamentos⁵¹, passaram pela empresa 240 funcionários japoneses ou descendentes (desligados), a maioria com segundo grau completo (alguns em estágio de curso superior). Ainda estão trabalhando 29 (ativos), a maioria com curso superior, totalizando 269 funcionários. Número bastante considerável visto que o número total de famílias provavelmente não ultrapassa 350.

O Arquivo Central da CST⁵² também forneceu alguns dados sobre empregados estrangeiros japoneses com contratos temporários:

- 39 trabalhadores japoneses que vieram com contrato temporário para cargos administrativos de cerca de 4 anos, entre 1977 e 1985, com suas famílias

⁴⁹ BIGIO, M. Deu nisso. **O Espírito Santo em revista: Século**. Vitória, Ano II, n.20, outubro de 2001.

⁵⁰ Informações obtidas em conversa informal com empregado nissei que trabalha no setor de Recursos Humanos da CST.

⁵¹ Senhor Adalto, responsável pelo setor de pagamento de pessoal forneceu os dados em janeiro de 2005. O levantamento foi realizado considerando-se os sobrenomes japoneses dos funcionários. Ocorreu dúvida quanto ao sobrenome (japonês ou não) de 4 funcionários ativos e 12 desligados.

(geralmente 3 ou 4 dependentes), praticamente todos com formação de nível superior em Engenharia principalmente, Contabilidade, Administração, Economia, Matemática, Direito. Com idade variando entre 31 e 51 anos (média de 40 anos) quando chegaram a Vitória para trabalhar;

- Existiam os chamados supervisores que possuíam o conhecimento técnico para a construção e montagem da usina. Totalizaram 343 supervisores entre outubro de 1978 e início de 1983;
- Trabalhadores contratados para prestação de serviço durante a fase de testes e “start-up” dos equipamentos da usina (operation guidance) totalizaram 113 entre junho de 1983 e maio de 1985.

Podemos notar que um número considerável de japoneses e nipo-brasileiros já passaram pelo Espírito Santo, principalmente na década de 80. Não temos dados estatísticos mais gerais sobre os japoneses, porém, tudo indica que os dados fornecidos pelas empresas que receberam estes trabalhadores refletem bem o número total de japoneses que chegaram ao Estado. Alguns permaneceram, constituindo a comunidade japonesa atual. O contato com os japoneses que estão aqui ou que passaram por aqui parece ter sido grande, no entanto, o conhecimento da cultura japonesa ainda é restrito aos descendentes, aos brasileiros casados com japoneses, ou ainda àqueles que se interessam pelo “exotismo” oriental. Esta restrição é reflexo do pequeno número de japoneses e por conseqüência, há apenas uma instituição para a promoção da cultura japonesa no Estado.

2.4 IDENTIDADE SOCIAL, PRECONCEITO E ESTEREÓTIPOS

Segundo Hogg, Abrams, Otten e Hinkle (2004), a perspectiva de identidade social na Psicologia Social é freqüentemente vista como uma análise de relações intergrupais entre categorias sociais de grande escala, que repousa sobre uma definição cognitiva e de auto-conceito do grupo social e da relação do membro com o grupo.

⁵² Dados obtidos no Arquivo Central da CST, em micro-filme, caracterizando todos os trabalhadores que vieram do Japão com suas famílias em contrato temporário na época da construção e implantação da CST.

As grandes divergências entre os que trabalham com esta temática seriam muito poucas.

A perspectiva que utilizamos é interacionista e procura articular cognição individual, interação social e processos sociais. Trataremos a questão da identidade social seguindo algumas formulações de Henri Tajfel que, segundo Hogg et al (2004), possui trabalhos sobre os efeitos da acentuação perceptual da categorização, aspectos cognitivos do preconceito, efeitos da categorização mínima e processos de comparação social e relações intergrupais, desenvolvendo as origens conceituais da perspectiva da identidade social.

Segundo Hogg et al (2004), temos tantas identidades sociais e pessoais quanto são os grupos aos quais pertencemos ou nossas relações pessoais, mas apenas uma identidade é psicologicamente real em dada situação. As identidades mudam rapidamente em resposta a mudanças contextuais. A forma como os membros de um grupo se auto-definem depende da comparação com outros grupos, pois ninguém vive isolado. Podemos dizer que as comparações sociais individuais e grupais são fundamentais para a definição de si próprios, de sua pertença a um grupo e da sua influência social.

Para tanto, é necessário compreender primeiro o que seriam os grupos. Segundo Hogg et al (2004) e Tajfel (1983), para se constituir como grupo é necessário um elevado grau de consenso entre seus integrantes, sendo categorizados pelos outros da mesma maneira, considerando acontecimentos históricos, políticos, sociais e econômicos que levaram ao consenso social sobre quem está “dentro” e quem está “fora”. O grupo social tem a função de munir seus membros de identidade social positiva comparando-se e distinguindo-se dos outros grupos, com um claro valor diferenciador. Estes fatores são fundamentais para definir os estereótipos.

Devemos destacar, no entanto, que os grupos não são homogêneos e que em quase todos os casos existe diferenciação intra-grupal, estruturados internamente em papéis, sub-grupos, categorias e assim por diante.

Tajfel trabalha noções de preconceito, discriminação e relações inter-grupais sem recorrer a explicações dirigidas a diferenças individuais. Ele explica como se constrói uma idéia positiva do próprio grupo e negativa do outro grupo. Busca-se a distinção

dos outros grupos positivamente para obter uma identidade social positiva, segundo Hogg et al (2004). Um dos mais básicos motivos humanos para isso seria a manutenção e a promoção de uma auto-estima positiva (self-enhancement), que em contexto grupal torna-se um eu coletivo, fazendo parte da identidade social. Quanto à manutenção de uma imagem positiva do grupo, Jodelet (2001, pág. 61) afirma que deve-se à necessidade de pertencimento social: “o engajamento e a implicação emocional com relação ao grupo ao qual pertencemos, conduzem a nele investir sua própria identidade. A imagem que temos de nós próprios encontra-se assim ligada àquela que temos de nosso grupo, o que nos conduz a defendermos os valores dele”.

A partir dessas relações grupais, Tajfel (1983) conceitua identidade social.

“A identidade social será entendida,...como aquela parcela do auto-conceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença” (Tajfel, 1983, pg.290).

Um motivo para haver a identidade social, segundo Hogg et al (2004), é a redução das incertezas sobre o mundo social e nossos lugares nele: quem somos, quem são os outros e como temos que nos comportar. Segundo Joffe (1995), o que é desconhecido gera medo, porque acaba ameaçando o sentido de ordem das pessoas e a sua sensação de controle sobre o mundo.

A categorização social (Hogg et al, 2004) é o “coração cognitivo do processo de identidade social”. As pessoas capturam cognitivamente similaridades e relações estruturais dentro do grupo, assim como diferenças entre os grupos representando-os como protótipos. O protótipo é o membro do *in-group* “ideal”, e não o típico membro do *in-group*, dependendo não somente de comparações intragrupais, mas também intergrupais. A categorização social acentua as similaridades dos membros do *in-group* ao mesmo tempo em que os diferencia dos membros do *out-group*. As pessoas podem incluir o *in-group* como parte delas mesmas, então o grau de identificação dependeria do grau com que o grupo se inclui no indivíduo ou o sentimento de pertencimento deste indivíduo ao grupo. Quanto maior a identificação com um grupo, maior seria a tendência a diferenciação entre o *in-group* e o *out-group*. A diferenciação intergrupais é um dos principais fatores que leva ao surgimento de estereótipos e preconceito.

Para Tajfel (1983), categoria social é processo que reúne objetos ou acontecimentos sociais em grupo, em que ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo são equivalentes. Isto ajuda a criar e definir o lugar do indivíduo na sociedade, definindo a identidade social. A comparação social entre grupos distinguiria seu grupo de outros, tentando mostrar-se diferentes e melhores uns para os outros quando competem.

Quando categorizamos um indivíduo, o despersonalizamos. A percepção do membro do *out-group* baseada no protótipo é chamada estereótipo. A auto-categorização também ocorre quando nos vemos com atributos do *in-group*, sentindo e nos comportando normativamente, produzindo conformidade e padrões, assim como confiança e solidariedade.

A problemática da categorização acontece quando os conceitos são entendidos como algo *apriorístico* e fixo, criando categorias sociais para definir o lugar do indivíduo na sociedade e a partir daí, estereótipos e preconceitos que sustentem a dinâmica hierarquizante e excludente desta mesma sociedade.

Um indivíduo pode ter uma identificação mais problemática⁵³ com o próprio grupo. Por exemplo, se um grupo não oferece condições adequadas para preservar uma identidade social positiva. Nestes casos, muitos optam pela estratégia da mobilidade social e mudança de grupo para os de status mais alto, “desidentificando-se” com o grupo original. Isto mostra a flexibilidade das identificações. Porém, muitas vezes não são aceitos pelo grupo dominante e são também rejeitados pelo próprio grupo, pois traíram sua identidade. É o caso dos nipo-brasileiros que tentavam negar de forma mais veemente a cultura de origem, tentando ser como os brasileiros, o que gerou críticas da comunidade nipônica (Lesser, 2004). Ao mesmo tempo não são aceitos como pertencentes ao grupo dos brasileiros, o que fica visível na discriminação recorrente quando lidam com japoneses, sempre fazendo uma diferenciação (Camacho, 1993).

⁵³ É o caso de alguns nikkeis que preferem a companhia de brasileiros, muitas vezes sem qualquer contato com outros japoneses, identificando-se com o outro grupo, que não é o de origem, tendo a necessidade de “ser como os brasileiros”.

Outras vezes, quando as características do grupo não contribuem de forma positiva para a identidade social do indivíduo e não há possibilidade de mudança de grupo, este permanece, porém, tornando mais aceitável sua identidade realizando novas interpretações da sua avaliação negativa. Algumas características vistas como negativas para brasileiros são defendidas pelos japoneses como positivas (sérios, fechados), assim como os intelectuais anti-nipônicos que faziam uma leitura negativa da comunidade japonesa, reinterpretadas como positivas por outros autores.

Para grupos estigmatizados pode ocorrer a auto-estima rebaixada, mas seus componentes têm a capacidade de se defender desta consequência. Os grupos com identidades valorizadas em situação de comparação social de inter-grupos têm sua auto-estima aumentada. Segundo Hilton (1996), os estereótipos sobre minorias tendem a ser mais negativos que dos grupos majoritários.

Sobre a estereotipia, esta “consiste na atribuição de determinados traços em comum a indivíduos membros de um grupo, assim como em atribuir-lhes determinadas diferenças em comum em relação aos membros de outros grupos” (Tajfel, 1982, p.150) identificando o grupo desconhecido e caracterizando-o a partir do imaginário social, pois o medo do desconhecido gera ansiedade, agressão, insegurança e busca de sinais identitários (Sawaia, 2001). As avaliações precedem a compreensão. Acreditamos que a “falta” de conhecimento⁵⁴ sobre a cultura japonesa pode levar a preconceitos que muitas vezes acompanham o estereótipo. O preconceito é o resultado do pertencimento de um indivíduo a determinada categoria social com uma predisposição favorável ou desfavorável. Estas categorias podem vir carregadas de valor ou não, tornando as diferenças ou semelhanças maiores, protegendo o sistema de valores sociais vigentes. Tajfel (1983) afirma que o preconceito de algumas pessoas em relação a certos grupos alheios é devido ao sentimento de ameaça aos seus interesses e modo de vida.

Explicando melhor, preconceito relacionado ao processo de identificação grupal seria um “pré-juízo ou pré-conceito elaborado antes de ser recolhida ou examinada informação relevante, e, portanto, baseado em evidência inadequada, ou mesmo imaginária” (Tajfel, 1982, pg.147), que implica uma posição a favor ou contra. A

gênese do preconceito em um indivíduo aconteceria em três etapas: a assimilação das informações sociais, dos valores e das normas do ambiente em que vive, a categorização dos grupos e a procura de coerência conceitual a partir das causalidades, ou seja, há uma reação a situações intergrupais no sentido de tentar preservar a integridade do próprio grupo. Jodelet (2001) descreve o preconceito da mesma forma, destacando a dimensão afetiva relacionada ao alvo do preconceito.

Tem-se observado uma diminuição das manifestações de discriminação atualmente, e Pereira, Torres e Almeida (2003) afirmam que a causa para esta diminuição está relacionada à expressão encoberta do preconceito, em que as atitudes e comportamentos hostis dirigidos a um grupo alvo não seriam tão abertos quanto os comportamentos hostis do preconceito clássico. Isto seria devido à institucionalização de normas que proíbem a discriminação contra grupos minoritários. O chamado “racismo à brasileira” e o “mito da democracia racial” (relacionam o preconceito à estratificação social) seriam então uma racionalização das práticas discriminatórias, sem que com isso estivesse efetivamente tratando-se de uma diminuição do preconceito. Devido a esse encobrimento do preconceito com a internalização de norma anti-racista, mais do que caracterizar negativamente o *out-group* (negando-lhe emoções positivas), existe o destaque ao favoritismo *in-group*. Deixa de haver uma hierarquia baseada na genética para continuar a afirmar uma hierarquia cultural que explicaria o sucesso de alguns povos no mundo e a necessidade de adesão aos valores desses povos.

Retornando à questão dos estereótipos, que é fundamental para a compreensão do surgimento do preconceito, Tajfel (1982) afirma que: “O funcionamento e utilização dos estereótipos seria resultado duma profunda interação entre a estruturação contextual e o seu papel na adaptação dos indivíduos ao meio social em que estão inseridos” (Tajfel, 1982, pg.163). As funções sociais dos estereótipos seriam criar e preservar ideologias de grupo que justificam ações sociais, e criar e preservar diferenciações positivamente valorizadas de um grupo em relação a outros. Eles explicariam a causalidade social, justificariam os comportamentos adotados pelos grupos e contribuiriam para a diferenciação grupal, distinguindo positivamente o

⁵⁴ Tajfel (1983), em pesquisa realizada na década de 60, mostra como queixa dos estudantes estrangeiros da Grã-Bretanha, a difusão de noções grosseiras e erradas de países africanos e asiáticos. É possível que ainda tenhamos uma herança dessas noções errôneas.

próprio grupo. Joffe (1995) nos mostra em seu estudo que são atribuídas características degradantes ao *outro* e a responsabilização pelo surgimento e propagação da AIDS, denunciando um grupo externo e conseqüentemente distanciando seu próprio grupo dele. É necessário destacar que a construção do *outro* como uma aberração, tem como conseqüência que esse *outro* seja maltratado e discriminado (Joffe, 1995). Alguns grupos marginalizados chegam a internalizar a imagem negativa que é divulgada sobre seu próprio grupo tornando-a parte de sua identidade.

Hilton (1996) utiliza o ponto de vista padrão e define estereótipo da seguinte forma:

“[...] estereótipos são crenças sobre as características, atributos, e comportamentos de membros de certos grupos. Mais que somente crenças sobre grupos, eles são também teorias sobre como e porque certos atributos estão juntos.”⁵⁵ (Hilton, 1996, pág.240, tradução nossa)

Os estereótipos seriam representações acuradas da realidade ou da realidade a que o observador está exposto, sendo um esquema que facilita e processa com mais eficiência informações sobre os outros, contudo, por vezes encobrendo as diferenças individuais. Eles aumentam a diferença entre grupos e as diminuem no interior deles.

Existe uma simplificação do objeto pelo sujeito, tornando o processo de informação mais fácil e confiando em informações prévias sobre os mesmos em detrimento de uma nova. São resultantes de processos de simplificação próprios ao pensamento do senso comum (Jodelet, 2001). Os estereótipos surgiriam em resposta a fatores ambientais como diferentes papéis sociais, conflitos de grupo e diferenças no poder ou seriam uma justificativa do *status quo* ou ainda, que estariam preenchendo a necessidade de identidade social. O que importa na realidade, para entender o surgimento de estereótipos, é a funcionalidade dependente do contexto.

As motivações e emoções têm importante papel em “quando” e “como” os estereótipos surgem e não somente “porquê”, influenciando na percepção, julgamento e comportamento da pessoa.

⁵⁵ “[...] stereotypes are beliefs about the characteristics, attributes, and behaviors of members of certain groups. More than just beliefs about groups, they are also theories about how and why certain attributes go together.” (Hilton, 1996, pag.240)

Quando o sujeito se sente ameaçado em sua auto-estima pode ativar os estereótipos para o objeto que o ameaça sentindo-se melhor na comparação social, colocando o outro em patamar inferior. Segundo Hilton (1996), para sujeitos que não tiveram experiências ameaçadoras, não ocorreu o aparecimento de estereótipos. O afeto pode tanto favorecer o aparecimento de estereótipos como inibir, ou seja, dependendo da relação afetiva com determinada pessoa, são atribuídas a ela características de um grupo homogêneo ou pelo contrário, a diferenciação em relação a características que marcam este grupo.

Assim, como Tajfel (1983) afirma, os estereótipos não são necessariamente negativos, porém existe uma tendência a atribuir conotação negativa ao *out group* mais do que ao *in group*, mesmo que essas características possam parecer positivas.

Ciampa (2001) afirma que identidade é metamorfose, é articulação da diferença e da igualdade, é transformação de si e do mundo, e que o indivíduo não é um ser isolado, é constituído na relação. Um nome nos identifica e nós nos identificamos com ele, portanto chamar um descendente de “japonês” já pressupõe uma identidade social, pois interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem tornando-se algo nosso, ou seja, nas nossas relações cotidianas ocorre a confirmação dessa identidade. Nessas relações, percebemos que a identidade é tratada como algo fixo e imutável e por isso cria-se a expectativa de como se deve agir e como deve ser tratado, prescrevendo as condutas corretas e perdendo a metamorfose. A identidade “japonês” é tanto consequência das relações como condição para essas relações. Identidade é algo contraditório, ora distingue, ora confunde, com a articulação de vários personagens dentro da história. Ao mesmo tempo em que distingue cada indivíduo, um do outro, diferenciando-o, iguala a outros homens por possuir traços comuns. Ou seja, podemos ser identificados com outros, mas não de forma a homogeneizar, já que fica claro que nós nos diferenciamos de todos os outros.

Alguns personagens sobrevivem mesmo quando a situação objetiva já mudou, na tentativa de manter a “mesmice”. É o caso de alguns imigrantes que tendem à manutenção da cultura de origem sem se dar conta de que, querendo ou não, se transformaram.

Ciampa (2001) ainda nos fala da integração dos aspectos único e múltiplo, mostrando que as pessoas se apresentam como únicas, porém constituídas pela diversidade dos grupos de que fazem parte.

A identidade entendida como metamorfose explica a constituição da comunidade japonesa no Brasil que passou e ainda passa pela confusão de se afirmar como alguém.

“A assimilação da cultura receptora seria positiva não fosse o fato de que em qualquer país ocidental os orientais serem identificados como orientais, não pelos hábitos, mas pela fisionomia. A perda do vínculo com o passado representa para o nikkei a perda da identidade. Com a ida dos dekasseguis para o Japão, a identidade cultural volta a ser um problema para cada nikkei. Lá ele é rechaçado pelos japoneses por não ser nativo. Criou-se uma cultura no vácuo, em que milhares de caras japonesas flutuam, em busca de um rosto e identidade”.⁵⁶

O trecho acima, escrito por uma descendente de japoneses, deixa claro que a questão identitária é bastante presente na vida dos nikkeis.

Como diz Ennes (2001), os imigrantes e seus descendentes estão em processo dinâmico e ininterrupto de construção e desconstrução de identidades étnico-culturais partindo da idéia de “identidade inacabada”. Incorporam práticas originariamente estranhas instituindo uma área de intersecção entre os grupos. Ou seja, há uma outra identidade que não é nem a de origem, nem a da cultura receptora, que Lesser (2001) denomina “etnicidade hifenizada”.

Tratando especificamente de identidade étnica, entenderemos como Yamamoto (2000): o sentimento de pertencimento a um grupo étnico que advém do passado (historicamente formado) do indivíduo e a conscientização de seus membros da existência de outros indivíduos que não pertencem ao seu grupo, ou seja, a existência de fronteiras étnicas. Os membros do grupo se identificam ao mesmo tempo em que são identificados como pertencentes a ele e vivenciam a cultura deste grupo étnico, por exemplo, em cerimônias e rituais. A identidade étnica é um dos elementos da identidade social e não se modifica facilmente, segundo a autora. Ela faz uma diferença entre grupo étnico, que seria um grupo com características culturais e de origens iguais que mantém relações com outros grupos étnicos

⁵⁶ KUBOTA, M. De cara chata. **Espaço Nikkei**. Disponível em www.desa.com.br/servicos/espaco. Acesso em 19/03/04.

inseridos numa mesma sociedade, e etnicidade, que seria o conjunto dos atributos peculiares a determinado grupo étnico.

Para Tajfel (1983), os grupos étnicos são entendidos como uma categoria que se distingue da população em geral por sua cultura diferente, em que seus membros sentem-se ligados por laços comuns, tendo regras formais institucionalizadas por um comportamento característico. No que concerne a preconceitos raciais, Moscovici (1978) mostra que eles não se manifestam isoladamente e sim a partir de sistemas que ligam a natureza biológica e social com as relações humanas, obrigando o objeto do preconceito a entrar no molde preparado e se tornar conformista. O racismo é um caso em que uma pessoa do grupo é julgada, percebida e vivida como representante de um conjunto de outras pessoas, e não julgada por si mesma, reconhecida como indivíduo. Para Tajfel (1983), a noção de raça ajuda a criar, acentuar e perpetuar a percepção das diferenças de qualidade entre grupos ou seres humanos tornando as diferenças nítidas e inflexíveis, pois esta palavra tem uma carga de valor.

O conhecimento sobre o processo de construção e mudança de identidades, concebidas como dinâmicas e fluidas, foi imprescindível para a construção do estudo sobre preconceitos e estereótipos relacionados à comunidade japonesa, visto que os objetivos foram assim definidos: identificar as principais características da identidade social dos japoneses em Vitória e identificar os possíveis indícios de preconceito existentes contra japoneses.

3- MÉTODO

3.1 PARTICIPANTES:

A pesquisa ocorreu em duas fases: a primeira fase foi um estudo⁵⁷ que teve a participação de 22 japoneses, na qual utilizamos um questionário; e a segunda fase teve a participação de 20 japoneses selecionados da primeira fase, na qual utilizamos uma entrevista semi-estruturada.

Na primeira fase foi realizado um estudo com japoneses e seus descendentes com pai e/ou mãe japoneses, de ambos os sexos, jovens e adultos, visando obter informações gerais sobre a manutenção da cultura japonesa, a percepção de discriminação e preconceito e a adaptação do grupo no Estado. Foram aplicados questionários a 22 japoneses, em que 14 eram do sexo feminino e 8 do sexo masculino, divididos em dois grupos: jovens (entre 17 e 23 anos) e adultos (entre 49 a 58 anos). Entre os participantes, 19 faziam parte da Associação Nikkei e apenas 3 não tinham vínculo algum com esta associação, sendo indicados por conhecidos.

Na segunda fase foram selecionados 20 participantes da primeira fase: 17 pessoas pertencentes à Associação Nikkei de Vitória e 3 pessoas que não tinham vínculo com esta Associação. Entre esses participantes, 13 foram do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

Os critérios utilizados para a seleção dos participantes da segunda fase foram baseados nas questões 20, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 33 e 34 do questionário, que contém bons indicativos de preferências étnicas, discriminação nas relações e receptividade.

Os que demonstraram claramente um incômodo nas suas relações interpessoais com os brasileiros no questionário da primeira fase de pesquisa formam um total de 10 (6 mulheres jovens, 2 homens jovens, 1 mulher adulta e 1 homem adulto); um mesmo número de sujeitos, não identificou traço discriminatório em suas relações (3

⁵⁷ Questionário aplicado em 22 sujeitos japoneses ou descendentes para a disciplina de Mestrado, Metodologia de Pesquisa (Anexo 1).

mulheres jovens, 2 homens jovens, 3 mulheres adultas e 2 homens adultos), totalizando 20 sujeitos para a segunda fase.

Percebemos, no entanto, no decorrer da coleta e da análise dos dados, que a separação inicial em participantes que percebiam discriminação e os que não percebiam, ajudava pouco a responder ao objetivo do trabalho que visava principalmente identificar a identidade social do grupo dos japoneses. Apesar dos critérios de seleção dos participantes terem sido baseados na percepção ou não de discriminação, os dados foram organizados e analisados considerando-se a diferença de gênero e idade. Utilizamos a categorização inicial dos participantes somente para análise do tema sobre preconceito e discriminação.

Os sujeitos foram identificados pelas letras:

- M: Mulher;
- H: Homem;
- J: Jovem;
- A: Adulto;

Cada questionário aplicado foi numerado de acordo com a ordem de aplicação e pela classificação que considerou gênero e idade.

TABELA V
ENTREVISTADOS SELECIONADOS

	HOMEM	MULHER
PERCEBERAM INDÍCIOS DE DISCRIMINAÇÃO	HJ1; HJ3; HA1	MJ1; MJ3; MJ4; MJ5; MJ8; MJ9; MA3
NÃO PERCEBERAM INDÍCIOS DE DISCRIMINAÇÃO	HJ2; HJ4; HA2; HA3	MJ2; MJ6; MJ7; MA1; MA2; MA4

Como podemos observar nas tabelas acima, de acordo com o questionário, existe um número maior de jovens que apontam incômodo⁵⁸ nas suas relações com

⁵⁸ Os “incômodos” relatados referem-se por exemplo a sentir vergonha com as piadas étnicas e não gostar de serem diferenciados como japoneses o tempo todo.

brasileiros. Entre os adultos predomina a inexistência ou o não reconhecimento de discriminação.

Dos sujeitos selecionados havia pai e filha (HA2 e MJ5; HA3 e MJ6), mãe e filho (MA4 e HJ4), irmãs (MJ2 e MJ3; MJ8 e MJ9) e aqueles sem qualquer grau de parentesco. Com exceção de MJ8 e MJ9 todos os demais foram selecionados sem a informação de que eram parentes. Também fizeram parte da pesquisa os mestiços. Entre os participantes, sete deles fazem parte de família em que há algum membro brasileiro, que devido ao grau de parentesco relatado acima totaliza quatro famílias. Nestas famílias em que ocorreu miscigenação, apenas um caso é de mulher japonesa e homem brasileiro. Os outros três casos constituem casal em que o homem é japonês e a mulher é brasileira. Este dado está de acordo com a informação de que o homem japonês tende mais a miscigenação do que a mulher japonesa (Berquó, 1998; Vieira, 1966; Folha de São Paulo, 1995), podendo representar a realidade da comunidade japonesa de Vitória para a geração mais antiga.

Apenas seis entrevistados, todos jovens, nasceram no Espírito Santo. Os demais participantes nasceram em outros Estados brasileiros, principalmente em São Paulo, ou em outro país, indicando novamente a recente migração e formação da comunidade japonesa, podendo ser um dos fatores que influencia na diferenciação étnica que ainda ocorre em solo capixaba.

Abrangemos quatro gerações de descendentes: *isseis* (japoneses nascidos no Japão que vieram morar no Brasil, primeira geração), *nisseis* (filhos de japoneses, segunda geração), *sanseis* (netos de japoneses, terceira geração) e *yonseis* (bisnetos de japoneses, quarta geração):

MJ1: Nissei (pai) e sansei (mãe), estudante, não namora.

MJ2: Mestiça Yonsei (pai), estudante, namora brasileiro.

MJ3: Mestiça Yonsei (pai), estudante (Pós-graduação), namora brasileiro.

MJ4: Sansei, estudante, não namora.

MJ5: Nissei, estudante, não namora.

MJ6: Mestiça Sansei (pai), estudante, não namora.

MJ7: Mestiça Nissei (pai), estudante, namora brasileiro.

- MJ8: Sansei, estudante, não namora.
 MJ9: Sansei, estudante, namora brasileiro.
 MA1: Issei, do lar, casada com japonês.
 MA2: Nissei, do lar, casada com japonês.
 MA3: Nissei (pai), sansei (mãe), do lar, casada com japonês.
 MA4: Issei, do lar e estudante (Pós-graduação), casada com brasileiro.
 HJ1: Nissei, estudante (Pós-graduação), namora brasileira.
 HJ2: Sansei, estudante, não namora.
 HJ3: Sansei, estudante, não namora.
 HJ4: Mestiço Nissei (mãe), estudante, não namora.
 HA1: Nissei, dono de empresa de material de informática, casado com japonesa.
 HA2: Issei, engenheiro mecânico, casado com japonesa.
 HA3: Nissei, técnico de planejamento, casado com brasileira.

O participante HA3 sofreu um derrame e disse que a única consequência foi nos movimentos de uma das mãos, porém, apresentou contradições em suas respostas, em várias partes da entrevista.

3.2 INSTRUMENTO:

O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada em profundidade, que abordou questões focalizadas neste trabalho, que são: identidade social dos japoneses no Espírito Santo, preconceito e estereótipos. As questões abertas permitiram uma gama maior de respostas. Nesta fase continuamos a considerar que “japonês” designa qualquer pessoa que tenha descendência japonesa e “brasileiro”, qualquer pessoa que não tenha japoneses na família, como foi utilizado no questionário da primeira fase da pesquisa. Utilizamos esta terminologia porque a literatura deixa claro que é dessa forma que japoneses e nipo-brasileiros são reconhecidos no Brasil.

Os tópicos da entrevista constaram de uma primeira parte com dados pessoais, caracterizando o sujeito por sexo, escolaridade, idade, parentesco com japoneses, profissão, estado civil e local de nascimento, pois havia indicativos de que estas

variáveis poderiam ser consideradas na análise no resultado da pesquisa. Foram encontradas algumas diferenças no questionário de mulheres e homens e entre as gerações que foram discutidas durante a análise dos dados.

A segunda parte, com questões abertas, possui um roteiro com os seguintes temas: identidade social dos japoneses, representações que se tem dos brasileiros e dos capixabas, acolhimento ou não dos japoneses pelos capixabas, relacionamentos conjugais e de amizades interétnicos e existência e funcionalidade de uma associação para a manutenção da cultura de origem, tentando contextualizar sua chegada e fixação no Estado.

Os núcleos de interesse englobando todo o roteiro da entrevista são os seguintes:

- Sobre a história das famílias:

Chegada em Vitória e histórias das famílias (questões 1 e 2).

- Sobre relacionamentos interétnicos:

Resistência das famílias envolvidas em relação a namoro com brasileiros (questões 3, 4 e 5);

Comentários sobre casal com diferenças étnicas (questão 6);

Comentários sobre a fisionomia japonesa (questão 7).

- Sobre preconceito e discriminação:

Situações preconceituosas (questões 8, 9 e 10).

- Sobre a identidade social dos japoneses no Espírito Santo:

Características dos japoneses (questão 11);

Características da comunidade japonesa de Vitória (questões 12 e 15);

Características dos capixabas (questão 13);

Características dos japoneses na visão dos capixabas (questão 14).

- Sobre a adaptação dos japoneses no Espírito Santo:

Inserção e adaptação dos japoneses no Espírito Santo (questão 16);

Recepção dos capixabas aos japoneses (questão 17).

3.3 PROCEDIMENTOS:

Utilizando a listagem dos participantes que responderam ao questionário na primeira fase, procuramos por telefone vinte participantes do total de vinte e dois, convidando-os a participar de uma pesquisa sobre o tema comunidade japonesa no Espírito Santo. Um dos participantes selecionado não foi encontrado, havendo informação de que estaria no Japão. Substituímos este participante por outro com as mesmas características (mulher jovem).

Marcamos o encontro individualmente em local de preferência dos participantes: em sua própria residência, na Associação Nikkei de Vitória ou na Universidade Federal do Espírito Santo, onde vários jovens estudam. Foi feita uma breve explicação e apresentação da pesquisa, esclarecendo sobre o tempo livre. Eles receberam um termo de consentimento informado para ser assinado, dispondo-se a participar com a garantia de sigilo absoluto sobre suas identidades pessoais (Anexo 2). Informamos sobre o uso de gravador. Apenas um entrevistado perguntou se realmente era necessário o gravador, mostrando incômodo explícito com a gravação, ficando esclarecido durante a entrevista o motivo da recusa: seu sotaque japonês que já provocou muitas situações vexatórias no Brasil. Apesar desta resistência inicial, este participante concordou em ter sua entrevista gravada. Os demais participantes que apresentaram alguma desconfiança em ter que revelar sua vida pessoal foram se tranquilizando no decorrer da entrevista, verbalizando ao final que haviam apreciado a pesquisa porque eram questões que não tinham oportunidade de conversar com ninguém, sendo até considerada “uma terapia”. Ficou claro que muitos entrevistados nunca haviam pensado sobre a situação social dos japoneses e nipo-brasileiros no Espírito Santo.

Na análise dos dados utilizamos a Técnica de Análise Temática (Bardin, 1977) para a descrição e classificação do conteúdo das entrevistas. Selecionamos os dados referentes aos núcleos de interesse contidos no roteiro da entrevista (Anexo 3), elaboramos categorias e analisamos as categorias obtidas. Para a inclusão dos participantes nas respectivas categorias, em muitos casos, considerou-se respostas múltiplas.

3.4 AVALIAÇÃO ÉTICA DE RISCOS E BENEFÍCIOS:

Não foi considerado que o tema pudesse incitar qualquer tipo de sofrimento psicológico nos entrevistados, nem foi observada qualquer reação durante as entrevistas. Todos demonstraram muita tranquilidade no decorrer da conversa e, alguns, até um certo desinteresse por não considerar o tema relevante. Outros, porém, verbalizaram que a entrevista havia sido muito interessante.

De qualquer modo, havíamos previsto, caso necessário, a interrupção da entrevista e o fornecimento de apoio e compreensão se fosse demonstrada alguma reação que indicasse sofrimento psicológico.

4- RESULTADOS

4.1 SOBRE A HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS:

4.1.a Chegada em Vitória e histórias das famílias:

Quadro I: Procedência da família antes de se estabelecer em Vitória

ESTADOS	PARTICIPANTES	
	Sexo Feminino	Sexo Masculino
São Paulo	MJ4, MJ7, MJ8, MJ9, MA3, MA1, MA4	HA1, HJ3, HJ1, HJ4
Minas Gerais	MJ3, MJ2, MJ5, MA2	HA2
Rio de Janeiro	MJ6	HJ2, HA3
Outros	MJ1	-

Quadro II: Década de chegada ao Estado

DÉCADA	PARTICIPANTES	
	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Década de 70	MJ4, MJ7, MJ1	HA1
Década de 80	MJ8, MJ9, MA3, MA1, MJ3, MJ2, MJ5	HJ3, HJ1, HA2
Década de 90	MA2, MA4, MJ6	HJ4, HJ2, HA3

Conforme podemos verificar no Quadro I, referente à primeira questão da entrevista sobre o Estado em que moravam antes da vinda para Vitória, a maior parte dos entrevistados é proveniente de São Paulo, onde se encontra a maior colônia japonesa do mundo. Logo em seguida o Estado de maior procedência é Minas Gerais, pois, de acordo com os participantes, muitas famílias vieram de trabalho anterior na Usiminas, empresa que em parte pertencia a japoneses (Morandi, 1997). Os que chegaram do Rio de Janeiro vieram todos em data mais recente, na década de 90, tendo morado em outras cidades, como São Paulo.

Ocorreram vários relatos de história da vida familiar desde a chegada ao país, que são contados em livros sobre a imigração japonesa no Brasil. Os jovens pouco sabiam sobre a história da imigração da própria família, ao contrário dos adultos. Um ou outro jovem contava a história com um pouco mais de certeza e a maior parte demonstrou desinteresse em conhecer sobre a origem étnica. Demartini (2001) nos fala da importância da memória – como uma imagem que uma pessoa constrói de si mesma ao longo da vida e apresenta a si e aos outros – como um elemento constituinte da identidade que permite o sentimento de continuidade e coerência de

um grupo na sua reconstrução, ou seja, a identidade do grupo é construída e mantida através das memórias das histórias de vida dos membros do grupo. Quando se nega o conhecimento da história de sua origem, nega-se também sua identidade ligada ao grupo dos japoneses.

Os imigrantes trabalharam na agricultura inicialmente, depois mudaram de ramo, entrando para o comércio quando conseguiram juntar capital, abrindo pequenos negócios, tornando-se imigrantes proprietários (Ennes, 2001). Vários membros das famílias dos entrevistados, ou os próprios entrevistados, cresceram ou moraram por algum tempo em colônias japonesas ou em cidades onde moravam muitos japoneses como Pereira Barreto, Cotia e Mogi das Cruzes, todas no interior de São Paulo, de onde alguns são provenientes.

O motivo mais citado para a vinda das famílias para o Brasil foi a tentativa de ganhar dinheiro mais facilmente já que a modernização do Japão criava situação de crise e vinha incentivando a saída de seus habitantes para outros países. A propaganda que se fazia do Brasil no Japão era muito boa e várias empresas trabalhavam com a vinda dos japoneses para este país com o apoio de ambos os Governos (Lesser, 2001). Boa parte dessas famílias pretendia retornar ao Japão quando conseguisse juntar capital para recomeçar a vida. Porém, para quase todas elas não foi possível retornar para o Japão, sendo necessária sua fixação e adaptação no Brasil, assim como de seus descendentes.

Outro motivo para a vinda ao Brasil foi a facilidade em imigrar, levando os “aventureiros” a conhecer e tentar a sorte em outros países. HA2 conta como se procedia na década de 70 quando chegou ao Brasil: vários japoneses faziam curso durante um ano como preparação para o trabalho no Brasil, que nesta época era considerado um país do futuro. Os jovens eram enviados por empresas especializadas para cidades e fábricas onde se encontravam vários outros japoneses com o intuito de permanecerem temporariamente por cerca de três anos. Porém, segundo o entrevistado, muitos não agüentavam permanecer este período e retornavam ao Japão.

A princípio as famílias dos entrevistados fixaram residência principalmente em São Paulo, espalhando-se depois pelo Brasil e chegando ao Espírito Santo em maior

quantidade na década de 70. A maioria dos entrevistados relatou que veio para o Estado sozinho ou que seus pais vieram sozinhos e posteriormente trouxeram suas famílias. Alguns vieram solteiros ou noivos, deixando o futuro cônjuge provisoriamente em outro Estado. Apenas um entrevistado relata que seu pai casou com uma capixaba (sem descendência japonesa). Os demais adultos entrevistados e os pais dos entrevistados, que vieram solteiros para Vitória, buscaram seus parceiros, todos japoneses, em outros Estados.

Observamos no quadro II que os entrevistados chegaram, em sua maioria, no momento da construção e implantação da CST, como já havia sido citado em reportagens locais (Revista Espírito Santo Agora). Outros chegaram mais recentemente, na década de 90, porém, não há relato de chegada depois de 1996. Após a implantação da CST a comunidade chegou a certa estabilidade numérica, já que não havia mais o motivo principal para a vinda ao Estado, e quem não se adaptou foi embora com o fim do contrato com as empresas de Vitória. Entrevistados informaram que poucos japoneses chegam para morar no Estado e poucos saem atualmente. Os que vão embora geralmente são jovens que vão estudar em faculdades de outros Estados. As famílias japonesas que chegam ao Estado conhecem outras famílias de mesma origem, pois estão em número reduzido e muitas procuram a Associação Nikkei.

Uma das entrevistadas (MJ1) não especificou de onde o pai veio imediatamente antes de Vitória, dizendo apenas que ele morou em vários Estados anteriormente em função do trabalho, pois havia vindo do Japão especialmente para isso.

Quadro III: Motivos da vinda para Vitória

MOTIVOS	PARTICIPANTES	
	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Trabalho na CST	MJ2-E, MJ3-E, MJ4-E, MJ5-E, MJ7-E, MJ8-T, MJ9-T, MA1-E, MA3-E	HA2-E
Trabalho na CVRD	MA2	HA1-Ad, HA3-E
Trabalho (Outros)	MJ1, MJ6, MA4	HJ4, HJ2
Cidade Tranquila	MJ1	HJ3-Au
Cidade Praiana/Clima	MJ1	HJ1-Au

E = Engenheiro ou Técnico

T = Tradutor

Ad = Administrador

Au = Autônomo

Conforme podemos verificar no quadro III, o motivo principal para a vinda à Vitória foi a participação na implantação da CST e seu início de funcionamento. Vários migrantes vieram para trabalhar em empresas terceirizadas que prestavam serviço para a CST. Outra empresa também de destaque foi a CVRD. A categoria “Outros” engloba geralmente empresas japonesas no Estado, que podem ser também prestadoras de serviço para as maiores já citadas. Não podemos deixar de lembrar que metade dos participantes tem algum tipo de parentesco, podendo dar a ilusão de um número maior do que existe de pessoas que tem familiares que vieram a trabalho.

A maior parte dos japoneses veio como engenheiro ou técnico em construção civil, refletindo as estatísticas do setor Arquivo Central da CST (pág. 51 e 52), ou seja, a comunidade constituída em Vitória é, em grande parte, de especialistas. Para HA2 isso tem como conseqüência o respeito e a admiração dos capixabas aos japoneses. Isso pode ter sido um fator facilitador da aceitação dos japoneses pelos capixabas.

“Aqui, Vitória, eu acho que o japonês que tá aqui é tudo mais ou menos, tem nível, entende. Por isso que aqui é bem respeitado, entende, pessoal que vem aqui tem nível, quer dizer, maioria tá na classe média[...]”⁵⁹ (HA3)

Ciampa (2001) afirma que nos tornamos aquilo que fazemos, ou seja, nossas atividades, mesmo que temporárias, acabam nos caracterizando e nos identificando. Neste processo, verificamos que os japoneses no Brasil têm sido identificados a partir do que fazem desde o início da imigração, relacionando-os a atividades como agricultura, e mais recentemente, a empresariado ou técnicos especialistas da área de engenharia. Em Vitória, como diz a reportagem em *Revista Espírito Santo Agora*⁶⁰, os pais das famílias japonesas eram “naturalmente” engenheiros. Saito (1980) revela uma tendência na escolha de cursos na área de ciências exatas e interpreta que a escolha aconteceu em função de profissões que facilitariam a ascensão social e econômica do grupo. Como boa parte da comunidade japonesa parece estar em situação econômica estável, pois vieram principalmente a trabalho

⁵⁹ Todos os trechos de entrevistas estão transcritos exatamente da mesma forma como o participante falou. Devido ao forte sotaque japonês de alguns deles e até a dificuldade de falar o português, o entendimento das transcrições pode ficar prejudicado.

em grandes empresas, pode existir uma associação real ou imaginária, levando os brasileiros a caracterizar os japoneses daqui como sendo ricos, ligados a atividades de raciocínio mais lógico como na área de exatas, sendo mais frios e fechados, como veremos mais adiante.

Duas famílias vieram somente por causa do clima praiano da cidade e sua tranquilidade, já na segunda metade da década de 80, quando havia uma comunidade japonesa formada. Um entrevistado pertencente a uma destas famílias relatou um caso de violência sofrido em São Paulo, optando por morar em Vitória por ter referências de cidade tranqüila através de parentes que já estavam aqui. Em ambas as famílias, os pais têm baixa escolarização.

O Estado do Espírito Santo não parece ser muito atrativo aos japoneses. Apenas um participante relatou a vinda de um parente posteriormente a ele, também a trabalho. Notamos que os japoneses que vem ao Estado, temporariamente ou não, geralmente já têm um emprego certo aqui, vem com o objetivo de trabalhar.

Todos os casos da vinda a Vitória foram motivados pelo mesmo membro da família: o pai. A decisão de mudança dos que já estavam casados e dos que estavam noivos ou solteiros e posteriormente trouxeram suas esposas coube ao homem. Uma das grandes demandas da CST era de trabalhadores especialistas da área de engenharia, predominantemente masculina. Mesmo nos casos em que a mulher trabalhava em outros Estados, todas deixaram o trabalho para acompanhar os maridos. Nenhuma das entrevistadas do sexo feminino (adultos) trabalhou depois que chegou à cidade.

As esposas japonesas dos entrevistados do sexo masculino (adultos), dedicam-se ou dedicaram-se à atividade de professoras de língua japonesa na Associação Nikkei de Vitória, atividade ligada à origem étnica para “benefício” dos próprios descendentes. O outro entrevistado é casado com uma brasileira, que também acompanhou o marido por todas as cidades para as quais ele era transferido para trabalhar. Depois de fixar residência em Vitória, ela faz alguns trabalhos esporádicos que apenas complementam o salário do marido. Mesmo nas famílias em que o motivo não está relacionado ao trabalho do marido, trata-se de uma escolha do

⁶⁰ **Presença amarela:** Apesar dos choques, centenas de japoneses e nisseis orientalizam o cenário

homem sobre o que é mais adequado à sua família. Parece haver uma certa manutenção da estrutura hierárquica familiar japonesa, que a partir de outros dados fornecidos mais adiante se tornará mais clara.

4.2 SOBRE RELACIONAMENTOS INTERÉTNICOS:

4.2.a Resistência das famílias envolvidas em relação a namoro com brasileiros:

Quadro IV: Resistência das famílias em relação a namoro dos entrevistados que se relacionam ou já se relacionaram com brasileiros(as)

CATEGORIAS DE RESPOSTAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Resistência da própria família	MA3	HJ2, HA3
Resistência da família do namorado (a)	-	HJ1
Não teve resistência	MJ2, MJ3, MJ7, MJ8, MJ9, MA4	HJ3, HJ4
Nunca se relacionou com brasileiros	MJ1, MA1, MA2	HA1, HA2
Nunca namorou	MJ4, MJ5, MJ6	-

Conforme o quadro IV demonstra, dos entrevistados que já se relacionaram com brasileiros, a maioria relatou que não houve resistência em nenhuma das famílias quanto ao namoro. Porém, é interessante ressaltar que esta maioria é em quase sua totalidade de jovens. Alguns adultos chegaram a namorar brasileiros, porém, os namoros foram considerados apenas “casos” ou paqueras. Apenas na década de 70 começou uma pequena abertura para casamentos interétnicos no país (Saito, 1980) e os jovens desta época são os adultos aqui entrevistados. Dois deles tiveram resistência da própria família, com aberta preferência por japonês e tentativa de fazer “miai”⁶¹. Apenas uma entrevistada não indicou problema algum e inclusive é casada com brasileiro. Os jovens, em alguns momentos, revelavam que seus pais, e não eles, tiveram dificuldade de relacionamento com brasileiros devido à resistência da própria família. Como existe o chamado “devotamento filial” (Benedict, 2002) e a questão do respeito à opinião dos mais velhos, os pais faziam e desfaziam os

capixaba. Espírito Santo Agora n70, julho de 1982, Maio Editora LTDA, Vitória.

casamentos de seus filhos, pois a esposa passava a fazer parte da família do marido e a perpetuar a linhagem. Os filhos aceitavam a escolha dos pais pela dívida que tem com eles (“on”). Alguns imigrantes e descendentes ainda passaram por isso no Brasil.

Encontramos um caso em que o entrevistado issei casou por “miai”. Alguns pais dos jovens entrevistados também casaram por “miai”. Os outros que tiveram oportunidade de escolher o cônjuge e casaram com japoneses, tinham a aprovação da família, que já conheciam o futuro marido ou esposa de relações anteriores. Observamos um respeito à opinião da família (mais precisamente dos pais) quanto à escolha do parceiro.

Apenas uma jovem ainda não havia se relacionado com namorado brasileiro e apenas um dos jovens que havia se relacionado indica uma resistência dos próprios pais, demonstrando que as famílias estão aceitando melhor o namoro com brasileiros apesar da preferência por japoneses como será visto adiante. As famílias geralmente não comentam nada sobre o namoro dos filhos.

Três jovens mulheres não haviam namorado ainda, até a época da pesquisa, mesmo sendo universitárias acima da idade de 18 anos. Uma delas, com 23 anos, nunca havia “ficado” com alguém. Pode haver uma ligação com a questão do recato dos japoneses, que é enfatizado para o comportamento das mulheres de parecerem “certinhas”, e a valorização de outros aspectos como o estudo em detrimento da vida amorosa.

Um relato interessante foi de HJ1, único entrevistado que contou uma situação de resistência da família da namorada. A mãe da ex-namorada, num momento de raiva comentou que a filha e o entrevistado tinham pouco em comum, que eram “raças diferentes”, culturas diferentes, ressaltando uma diferença que seria desfavorável a um relacionamento amoroso. Com exceção deste caso, todos os demais não tiveram problemas com famílias brasileiras. Este mesmo entrevistado retrata seu namoro atual em que não há resistência, mas há uma diferenciação muito grande em relação aos japoneses, não só por parte da família da namorada como por parte da família de seus amigos.

⁶¹ Casamento arranjado em que os pais escolhem pretendentes para os filhos (Benedict, 2002).

“É, ela ficava muito nervosa né, pelo fato dos meus pais serem japoneses né, e ela era do interior [...] então ela nunca tinha visto japonês, nunca tinha conhecido um japonês, então tinha aquele receio de pessoal de interior né, que a pessoa, que eu não sei, eles acham que japonês é diferente. A gente vai na casa, eu vou na casa deles por exemplo, na casa dos meus amigos acontece isso, a mãe dos meus amigos, a mãe da minha namorada pergunta pra gente assim, ‘que que vocês comem?’, sabe, achando que a gente é diferente, um bicho diferente, não sei”. (HJ1)

Quando houve resistência dos pais não ligada à etnia foi pelos seguintes motivos: filha muito nova para namorar ou namorado com baixa escolarização (motoqueiro). Esta resistência pode estar ligada, respectivamente, ao fato dos japoneses serem conservadores, tendo uma imagem de recato e por valorizarem bastante o estudo e o esforço. Uma entrevistada afirma que os brasileiros acham mais fácil namorar brasileiras (citou as “loiras”) do que japonesas, porque além das japonesas serem mais recatadas e conservadoras, tem um “pai muito bravo”.

Por parte da família do(a) namorado(a) muitos sujeitos relataram apenas curiosidade ou o fato das pessoas acharem diferente (HJ2, MJ7, MJ9). A namorada do sujeito HJ1 relatou receio em conhecer a família por não saber os costumes japoneses. Em outros casos a família nem soube do namoro.

O relato de MA2, em relação a casamento interétnico, explicitou o caso da irmã casada com italiano (mora no Brasil) e todos os problemas com a família do marido acarretados por ela ser nikkei e não italiana. Demonstra que não eram só os japoneses que preferiam o casamento entre pessoas de mesma etnia. Nucci (2000) trabalha com autores – Emilio Willems – que mostram que a resistência a casamentos mistos ocorria em ambas as famílias (brasileiros e japoneses), pelo menos no período de seu estudo na década de 40.

“Agora, teve muita resistência por parte do pai dele, porque ele é filho único né, e é italiano, e italiano é, é muito rigoroso nessa parte, ele gosta que case com a própria raça deles né.” (MA2)

Outro relato interessante é o de MJ7 quando diz que sua mãe (descendente de italianos) fica feliz quando ela namora um descendente de italianos.

“... ela se sente bem quando eu começo a namorar com os italianinhos assim né. Porque ela é descendente de italiano...” (MJ7)

Quadro V: Disponibilidade para relacionamentos interétnicos

MAIOR ENVOLVIMENTO AMOROSO	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Principalmente brasileiro(a)	MJ1, MJ9, MA4	HJ2, HJ4
Somente brasileiro(a)	MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ7, MJ8	HJ1, HJ3
Principalmente japonês(a)	MA3	-
Somente japonês(a)	MA1, MA2	HA1, HA2
Nenhuma das respostas acima	MJ6	HA3

Quadro VI: Razões para maior envolvimento amoroso

CATEGORIAS DE RESPOSTAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Pouco ou nenhum contato com o outro grupo	MJ1, MJ2, MJ4, MJ8, MJ9, MA1	HJ1, HJ2, HJ3, HJ4
Incompatibilidade com o modo de ser do próprio grupo	MJ1, MJ2, MJ3, MJ7, MA4	-
Incompatibilidade com o modo de ser do outro grupo	-	HA2
Não englobam exigências pessoais	MJ4	-
Interesse por pessoa da mesma etnia	MA2	HA1
Mais perspectivas de crescimento	MA4	-
Japoneses são feios	MJ9	-
Não respondeu	MJ5, MA3	-

Os resultados do quadro V indicam que a grande maioria dos entrevistados tem maior envolvimento amoroso com brasileiros, porém, a quase totalidade é de jovens. Apenas uma adulta havia se relacionado com mais de um brasileiro e é casada com brasileiro atualmente. HA3 também é casado com brasileira. Todos os demais adultos são casados com japoneses(as) e se relacionaram quase que totalmente com japoneses(as). Ressaltamos que poucos adultos realmente namoraram além do próprio companheiro. Eles chamam de paquera os outros relacionamentos que tiveram. Ennes (2001) também encontrou dados semelhantes em sua pesquisa e corrobora a idéia da diferença de geração em que os mais velhos tinham, muitas vezes, maior convivência com japoneses por viverem em colônias e os mais jovens, especialmente em Vitória, convivem muito mais com brasileiros em função do reduzido número de japoneses.

Quanto aos jovens, todos se relacionam mais com brasileiros e a maioria se relaciona apenas com brasileiros. O quadro VI mostra que a justificativa mais comum é a falta de contato com japoneses já que consideram que há um reduzido número deles em Vitória. Mesmo desejando namorar ou casar com japonês (MJ4), pelas

afinidades étnicas, ou quando não se importavam em namorar japonês ou brasileiro, relatavam a dificuldade em encontrar um bom parceiro de mesma origem étnica. O círculo de amizade destes jovens também é, em sua maioria, formado por brasileiros, o que condiz com o processo de menor identificação com a cultura de origem para uma adaptação cada vez maior e uma aproximação com a identidade brasileira.

Outra resposta comum e interessante é que os entrevistados não conseguem se relacionar com japoneses devido a certas características consideradas próprias do grupo, como serem fechados e frios, que são mantidas ainda por algumas famílias em Vitória. Mesmo uma adulta (MA3) casada com japonês e que se relacionou mais com japoneses criticou seu grupo afirmando que eram mais frios que os brasileiros para envolvimento amoroso. Ela não respondeu porque se relacionava mais com japoneses.

Tradicionalmente a cultura japonesa considera que o bom jovem é aquele acanhado, o que é interpretado numa perspectiva ocidental como brusco e indelicado com as mulheres (Benedict, 2002). Uma das entrevistadas declara o estranhamento e a indignação que sentia com o namorado japonês que em algumas situações em público nem conversava com ela, sendo considerado “japonês demais”. Neste caso, em que há um leve conflito intra-grupal, caracterizado por outras situações em que foi “ignorada” pelo namorado, ocorre uma diminuição do sentimento de pertencimento ao grupo dos japoneses quando classifica o namorado como “japonês demais”. Fica clara a preferência e uma identificação com os brasileiros, principalmente por parte dos mais jovens, reiterando a idéia de que quanto mais afastada a geração, maior a identificação com a cultura brasileira.

“Eles são muito frios, eles não chegam em você, dá carinho em você sabe... pra japonês, deveres são mais importantes do que qualquer relacionamento [...] Ele era muito machista, os pais dele eram muito, é muito japonês mesmo... então quer dizer, ele foi realmente criado num Japão assim, Japão dentro de casa. Ele só fala japonês dentro de casa, até o cachorro dele só entende japonês.” (MJ1)

“Eu não sei se era personalidade, personalidade muito incompatível por isso que eu nunca andei muito com o pessoal do Nikkei, só que, não sei, o pessoal brasileiro eu acho mais, mais amigável, mais receptivos a novas amizades, não sei.” (MJ2)

“[...] eu normalmente não agüento namorar japonês, eu não agüentaria eu acho, eu nunca namorei, mas, eu tenho medo de namorar, tenho um medo danado porque parece que ele tem uma coisa de controle, eu não gosto.” (MJ3)

A idéia de controle que os homens japoneses exerceriam sobre as mulheres japonesas é citada até pela entrevistada que nunca se relacionou com japoneses. Para ela, mesmo os descendentes apresentariam esta característica.

A preferência por brasileiros também foi encontrada por Ennes (2001) em sua pesquisa:

“O que era uma tradição entre os isseis e os nisseis mais velhos aparece como uma opção e pouco interessante. Talvez o que mais atrai Cristina sejam traços físicos, afetivos e simbólicos que não fazem parte do universo cultural dos nipo-brasileiros”. (Ennes, 2001, pág.28)

Ennes (2001) acrescenta que apesar dos nipo-brasileiros se auto-representarem com uma identidade brasileira em alguns momentos, por exemplo, no caso dos relacionamentos amorosos, as relações do cotidiano apontam para a complexidade e dualidade da sua condição.

Todos os que responderam que não concordam com o modo de ser do próprio grupo e afirmam que isto atrapalharia o relacionamento são do sexo feminino. Acreditamos que a crítica ao comportamento tradicional japonês tenha relação com o fato da sociedade japonesa ser tradicionalmente patrilinear (Lesser, 2001) e sob o ponto de vista dos brasileiros ser considerada machista, ponto de vista já aceito por alguns nipo-brasileiros. Ou seja, há um rechaço a um sistema machista pelas mulheres entrevistadas, algo não percebido nos homens por razões óbvias.

Uma das entrevistadas (MJ9) ressaltou que prefere a beleza latina e que não gosta esteticamente de japoneses.

“Não, aqui não tem, não tinha muito, não sei, ou na Escola Técnica que não tinha praticamente e os que tinha eu não achava bonito não... Eu gosto mais da fisionomia brasileira, não gosto muito da fisionomia japonesa, acho muito poucos japoneses homens bonitos.” (MJ9)

Outra entrevistada ressaltou a importância da escolha de um companheiro que tivesse perspectivas de crescimento sócio-econômico, ou seja, quem estivesse mais bem adaptado, como os próprios brasileiros ou japoneses nascidos no Brasil.

“Eu não queria casar com japonês japonês... pelas características do meu pai, da tradição e eu queria fugir disso. Agora nissei, brasileiro, pra mim tanto fazia, pela perspectiva de futuro.”

Dos adultos, alguns responderam que havia dificuldade em função das diferenças de sistemas culturais. Em outros momentos, vários participantes relataram que havia uma certa preferência em relacionamento com japoneses justamente porque seria mais fácil se relacionar com alguém que possui semelhanças culturais. Este dado inclui a alimentação diferenciada, citada por alguns participantes, inclusive jovens, que seria uma dificuldade no relacionamento interétnico, dado também encontrado por Ennes (2001).

Apenas um homem justificou a preferência de relacionamento com japonesas por considerar que brasileiras não conseguiriam se adaptar ao “sistema japonês” de relacionamento. Outro adulto afirmou que as brasileiras são mais atraentes fisicamente, mas é casado com japonesa. Afirma que sempre gostou de japonesa e nunca pensou em se relacionar com brasileira. Esse fato nos leva a crer que na sua escolha prepondera o desejo de sua família, que assim como outras famílias da época, que viviam no Brasil, preferiam o relacionamento entre os “iguais”. Isto fica claro quando ele afirma que sua família pedia para que casasse com uma japonesa.

“[...] brasileira, eu não sei... vontade tinha né, mas não chegou a ter, namorar [...] naquela época a gente trabalhava muito também, entende? Na verdade, namorar é, você tem que namorando, saindo sempre, lá acho que a gente não tinha isso, não sozinho, acho que diferente sistema também... Se você encontrar uma vez por semana, ou dez né, uma vez por dez dias, é isso aí é, muito brasileira não agüenta viu, entende... não consegue também. Sistema, a gente maior interesse tinha era trabalhar mesmo. Diferente né?” (HA2)

Segundo Lesser (2001) os nipo-brasileiros ainda utilizam algumas estratégias de inserção na sociedade brasileira. Para nossos entrevistados a estratégia utilizada provavelmente é a de casamentos interétnicos, pois dessa maneira não precisam recorrer a métodos mais radicais como, por exemplo, a cirurgia. A própria questão estética mostra que a preferência é por brasileiros, o padrão estético é ocidental e os relacionamentos são praticamente restritos a brasileiros, mesmo ainda tendo como preferência de seus familiares o relacionamento com japoneses. Não podemos reduzir, no entanto, a preferência de grande parte dos jovens por brasileiros à mera estratégia de inserção. Existem componentes identitários que influenciam na escolha e na preferência de relacionamentos interétnicos.

No Quadro VI, na categoria “nenhuma das respostas acima”, a entrevistada MJ6 responde nunca ter tido envolvimento amoroso. Ela acrescenta que não concorda

com o “ficar”, prática de relacionamento amoroso comum entre os jovens. Outras entrevistadas afirmaram que só “ficam” com alguém se já o conhecem.

Quadro VII: Preferência da família⁶² por japoneses ou brasileiros

PREFERENCIA DA FAMÍLIA	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Japoneses	MJ1, MJ3, MJ4, MJ5, MJ7, MJ9, MA1, MA3	HJ2, HJ3, HA1, HA2, HA3
Brasileiros	-	-
Não tem	MJ2, MJ6, MJ8, MA2, MA4	HJ1, HJ4

O quadro VII mostra que nenhuma das famílias prefere o relacionamento entre japonês e brasileiro de acordo com os participantes, o que era já esperado, pois são famílias japonesas e a literatura aponta esta preferência dos pais ou avós, que geralmente são isseis e nisseis, mas há até sanseis, resquícios dos primeiros movimentos migratórios em que não havia interesse na miscigenação (Saito, 1980, Lesser, 2001, Nucci, 2000). O relacionamento entre membros do próprio grupo é considerado mais fácil por ter a mesma origem étnica, além de hábitos e costumes parecidos, facilitando sua manutenção. Segundo Saito (1980) o casamento misto enfraqueceria o grupo étnico, portanto, é possível observar a preocupação com a etnicidade.

“[...] o ideal é mesmo nível, mesmo grupo, isto é mais fácil...” (HA2)

“[...] já vi muito caso de pessoas com pais japoneses que, nossa, teria um troço se o filho namorasse com um brasileiro, olha torto.” (HJ4)

Apesar disso, os pais não obrigam seus filhos a se relacionarem com japoneses, o que já indica uma flexibilidade em relação ao modo como se portavam em sua geração. Alguns entrevistados tinham conhecimento de pessoas que tiveram que fugir de suas casas para concretizar o relacionamento com brasileiros na década de 70 e até 80, quando começava uma abertura aos casamentos interétnicos. Não tivemos nenhum relato deste tipo de acontecimento entre os entrevistados, mas tanto a preferência quanto a resistência eram abertamente tratados entre os membros das famílias.

⁶² Família inclui avós e pais. Numa mesma família, seus integrantes podem perceber de forma diferente.

Uma das participantes (MA1) declara que teria preferência que seus filhos se relacionassem com japoneses, mas aceita o relacionamento com brasileiros. Um incômodo muito grande para ela, no entanto, é o relacionamento de seus filhos com negros⁶³. Diz que não se importa que seus filhos tenham amigos negros e diz que ela mesma tem amigas negras, mas não gosta de pensar que terá netos negros. O preconceito é evidente e ela mesma acaba confirmando que: “no fundo eu não posso negar que eu tenho, no fundo eu tenho”. Tenta justificar esta rejeição aos negros pelas possíveis dificuldades que os netos terão em um país preconceituoso como o Brasil. A entrevistada avisa que racionalmente consegue pensar que é preconceito, porém, não pode controlar o sentimento de rejeição aos negros como pertencentes à sua família: “Então é uma coisa que você raciocinou, mas sentimento é outra coisa”. Como a questão da descendência é muito importante nas famílias japonesas, é um pouco mais complicado aceitar que “qualquer um” faça parte da família. De qualquer modo, observamos que quando o filho de MA1 se casa com uma “negra”, passa por cima das disposições do universo da família japonesa por duas vezes: por se casar com uma brasileira e por ela ser negra. Coloca em jogo, desta forma, novas identidades sociais. Ennes (2001) concluiu que nos relacionamentos interétnicos o que está em jogo não é mais a origem étnica e sim o “capital social” dos companheiros. Em sua pesquisa, a família japonesa permite o relacionamento da filha com um descendente de alemão, mas não permite o relacionamento do filho com uma indígena. Desde o início da imigração, com o aumento dos casamentos interétnicos, a preocupação era que os filhos não se envolvessem com os “caboclos”, considerados socialmente inferiores (Nucci, 2000).

MJ7 acredita que o pai tem preferência por japonês, pois seria mais fácil “chegar” na família do pretendente, porém, sua mãe gosta quando namora descendentes de italianos, que é sua mesma descendência. Acrescenta ainda que o pai gostaria mesmo é que ela não namorasse, pois a considera muito nova. Nota-se que muitos citam a facilidade de aproximação com o pretendente e sua família se tiver a mesma origem étnica, reflexo da identificação de origem dos mais velhos.

Alguns entrevistados que são pais (MA1, HA1, HA2), casados com japonês(a), relataram que tem essa mesma preferência para seus filhos. A maior parte dos

⁶³ Relatos na pesquisa de Camacho (1993) revelaram a questão do racismo contra negros, que são colocados em patamar abaixo dos japoneses.

adultos teve dificuldades na aceitação das suas famílias, o que já era esperado para gerações anteriores, mesmo assim alguns casaram com brasileiros (MA4, HA3).

Já HJ2 se mostrou contraditório em relação ao tema: primeiro disse que principalmente sua avó, que mora com ele, tem preferência por namoradas japonesas, depois disse que na verdade a restrição que ela faz é que ele namore, japonesas ou não, dentro de casa. Muitos entrevistados apresentaram respostas contraditórias ou demonstraram incertezas quando questionados melhor sobre determinados assuntos; é como se não tivessem certeza se os comportamentos eram consequência da sua origem étnica ou não. Estas incertezas ficaram muito evidentes nesta questão, sendo justificadas pela ausência de conversas com os pais, típico das famílias japonesas e pelo desinteresse em conhecer a cultura de origem. Alguns afirmaram que não sabem o que seus pais pensam sobre seus relacionamentos e há dificuldade na exposição dos sentimentos nestas famílias (Camacho, 1993). Um dos entrevistados, na sua dificuldade em responder se havia preferência de seus pais quanto ao namoro interétnico, informa: “Meus pais não são de falar, não são de conversar muito comigo sobre namorada, sexo ou coisa parecida. E não comentam, não fazem comentário a respeito nem nada” (HJ1).

Podemos verificar, com certa facilidade, que existe ainda alguma resistência da comunidade japonesa no que diz respeito às relações interétnicas, apesar de saber que esta resistência está diminuindo progressivamente no processo de adaptação dos japoneses. O que deixa isso claro é o fato dos pais afirmarem a preferência por pessoas do mesmo grupo étnico para se relacionarem com seus filhos. Muitas vezes não mostram explicitamente sua preferência e não os obrigam a namorar japoneses, pois já têm consciência de que não é possível fazer tal exigência depois de tanto tempo no Brasil. Algumas mestiças afirmam que os integrantes da Associação Nikkei apresentam resistência ao namoro interétnico, agravado pelo fato de não serem “puras”. Porém, todos os jovens que namoram tem relacionamento com brasileiros.

4.2.b Comentários sobre casal com diferenças étnicas

Quadro VIII: Comentários ouvidos sobre casal interétnico

CATEGORIAS DE RESPOSTAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Diferenças entre namorar brasileiro e japonês	MJ1	-
Comentários sobre miscigenação	MJ1, MJ7, MJ9	HJ1
Inevitável o relacionamento interétnico	MA1	-
Favoráveis a relacionamentos interétnicos	MJ1	-
Preferência por relacionamento entre japoneses	MJ6	HJ3
Namorado(a) ficou meio japonês	MJ2	HJ3
Chama atenção por ser diferente	MJ4, MJ8, MJ9	HJ1, HA1
Brincadeiras de cunho sexual	-	HJ1
Casal amarelo e preto	-	HJ4
Nunca ouviu comentário/ não lembra/ não respondeu	MJ3, MJ5, MA2, MA3, MA4	HJ2, HA2, HA3

No quadro VIII, vários entrevistados que são pais ou que falaram de seus pais, relataram durante a entrevista que não há como impedir que os filhos se relacionem com brasileiros, mesmo que quisessem, porque moram no Brasil e convivem com brasileiros (MA1, HJ1). Para os que desejam isso a solução seria voltar para o Japão. Uma jovem (MJ6) comentou que muitos adultos japoneses ainda preferem que seus filhos namorem japoneses, mas é inevitável isso deixar de acontecer.

“[...] os dois sabem (pais), entendem muito bem que o casal com japonês e um brasileiro, não tem como eles não gostarem, como eles controlarem isso porque, pelo fato que vivem no Brasil, sabe que a gente convive com brasileiro, que japonês ou brasileiro não importa.” (HJ1)

“Aqui nós estamos no Brasil né, se não concordar tem que voltar terra também.” (HA2)

A maior parte nunca ouviu comentário algum sobre casal interétnico ou não se recorda.

Alguns comentários sobre o brasileiro ou o mestiço, considerado um pouco mais parecido com o brasileiro, foram positivos e algumas pessoas foram favoráveis a este tipo de relacionamento considerando-o “legal”, “diferente”. Se existe uma certa pressão em ser como os brasileiros (Lesser, 2001), é esperado que seja considerado positivo o relacionamento interétnico.

Brincadeiras relativas ao órgão sexual masculino foram relatadas por um participante. Gozações devido a sua altura menor que a da namorada também foram ouvidas. Outro lembrou que os amigos brincavam dizendo que deveria arrumar

namoradas japonesas e não brasileiras. Aconteceram ainda, suposições de como nasceriam filhos mestiços, geralmente considerados mais bonitos que o japonês sem mistura. Em outros momentos das entrevistas alguns entrevistados também ressaltaram a beleza do mestiço. A miscigenação é vista como positiva e a tendência à desejável identificação com os brasileiros fica clara novamente.

MJ7 relatou que no início da década de 80, quando a comunidade japonesa estava se formando, os capixabas olhavam ainda com muita curiosidade para os casais interétnicos, tornando-se sensação no hospital em que nasceu e nos locais por onde passava. Lesser (2001) e Nucci (2000) nos mostram que assim como os japoneses rejeitavam casamentos interétnicos em boa parte da sua história de imigração, os brasileiros também tinham muita resistência. A curiosidade que os capixabas têm em relação aos japoneses acaba sendo destacada pelos entrevistados. Isso pode ser devido ao fato de não haver muitos japoneses no Estado e porque a migração em maior quantidade é recente, e portanto, poucos capixabas teriam contato com este grupo e conheceriam pouco sobre a cultura.

4.2.c Comentários sobre a fisionomia japonesa:

Quadro IX: Comentários sobre fisionomia japonesa

CATEGORIAS DE RESPOSTAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
“Japonês é tudo igual”	MJ2, MJ5, MJ6, MA3	-
Estatura baixa	MJ1, MJ2, MA1	HJ1, HJ3, HA1, HA2
Qualidades do cabelo	MJ1, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MJ9, MA1, MA2	HJ1, HJ2, HJ3
Formato dos olhos	MJ1, MJ4, MJ5, MJ7, MA1, MA3, MA4	HJ1, HJ2, HJ3, HA1
Formato do nariz	MJ4, MJ9	-
Qualidade da pele (não envelhece)	MJ3, MJ9	HA2
Pernas curtas	-	HA2
Cara amassada, redonda (cara de gato)	MJ4, MJ6, MJ9	HJ3
Diferenças nos órgãos sexuais	MJ2, MJ7	HJ2, HJ4, HA3
“Chinês”	MJ2, MA2	-
Corpo feminino sem muitas curvas	MJ3, MJ6, MJ9, MA1	HJ1, HJ2, HJ3, HJ4, HA1
Beleza dos mestiços	MJ3, MJ6, MJ8	HA2, HA3
Legal	MJ5	HJ1
Diferente, exótico	MJ5, MJ7, MA3, MA4	HJ1, HJ2
Bonitinho, bem cuidado	MJ3, MJ4, MJ7, MJ9	-
Engraçado	MJ7	-
Amarelo	MA2	-
Feio	MJ4, MJ6, MJ7, MJ8, MJ9	-

A variedade de respostas encontradas no quadro IX foi grande. Muitas características tiveram em geral conotação positiva (cabelo, pele), outras, negativas (formato do rosto, órgão sexual, corpo feminino sem curvas, altura, e até sobre as pernas) e outras, neutras. Algumas podiam ser positivas pra uns, mas negativas pra outros. MJ5, por exemplo, citou que alguns não gostam dos olhos.

Novamente os mestiços são citados como uma beleza diferente da japonesa (cinco entrevistados são mestiços). Geralmente são considerados mais bonitos.

“Acho que eles acham mais, é, a pessoa que é mestiça, misturado com brasileiro e japonês mais bonito até”. (MJ8)

“Porque mestiça geralmente acho que puxa o melhor lado do pai e mãe, estrutura mais ocidental e olhos mais abertos, já são sempre assim, ficam mais bonitas”. (HA2)

Outra entrevistada (MJ4) cita que as pessoas costumam dizer que ela é diferente dos japoneses – apesar de não ter ocorrido miscigenação em sua família – porque é alta e magra e por isso mais bonita, ou seja, novamente fazendo referência ao que se parece mais com os padrões de beleza ocidentais.

Uma parte da comunidade japonesa vem modificando os traços faciais para ficar mais parecida com ocidentais ou para ficar mais bonita. Quanto mais ocidentalizado mais bonito. O que predomina é o padrão de beleza do grupo majoritário, considerado mais bonito, enquanto a minoria não é considerada tão bonita, o que, segundo Hilton (2004) é a tendência a atribuir características mais negativas a minorias. Um programa de domingo⁶⁴ com a chamada “ela muda o rosto pra ficar mais ocidental” mostrou um tipo de cirurgia para olhos, chamada bioplastia, em que uma japonesa conseguiu tornar seus olhos mais parecidos com os de ocidentais e disse que gostaria de estar divulgando para a comunidade japonesa, já que muitos têm esse mesmo desejo. Relatou ainda que jovens vêm do Japão para o Brasil fazer plástica porque querem ficar mais ocidentais.

“[...] minha parte, eu nunca tive complexo... meu olho puxado, nunca teve problema... mas no Japão, mais o olho japonês, japoneses gostam de olho aberto... Porque de vez em quando faz uma plástica também [...] Ce pode ver revistas, artistas, são tudo olho aberto entendeu, olho faz até cirurgia entende, artistas né, tudo aberto maioria, que nem fazia cirurgia também.” (HA2)

⁶⁴ “Programa do Gugu”, 08/08/05, às 16:30 horas, quadro sobre bioplastia.

“É uma coisa mundial, tanto que você vê até japonês operando só pra poder mudar o olho, teve um, eu tava lendo umas revistas que era, acho que eles estavam querendo ficar igual descendente, mestiço né, ficar com essa dobrinha aqui que japonês mesmo não tem. Aí eu falei gente, pra que que ta fazendo operação pra isso? Porque? Porque é melhor pra botar maquiagem... ce vê japonês fazendo cirurgia pra fazer isso, pra parecer ocidental” (MJ6)

As respostas mais comuns foram relacionadas ao cabelo e aos olhos. Lembrando que em alguns momentos foi necessário perguntar diretamente sobre estas características, já que muitos não conseguiam entender bem a pergunta ou não sabiam direito o que responder. Considerando as respostas podemos verificar que as características mais lembradas são as que mais chamam atenção e que diferenciam os japoneses. A baixa estatura e a forma do corpo feminino também foram bastante citadas.

Comentários como “fisionomia japonesa feia” foram relatadas pelas mulheres. As entrevistadas lembraram que alguns/algumas de seus/suas amigos(as) também não apreciavam a fisionomia oriental. As explicações para isso são de que os japoneses não estão no padrão de beleza ocidental (MJ6 e MJ8) que faz parte da cultura majoritária, colocando as características de seu grupo como sendo inferiores às dos brasileiros.

“Os meninos, eles acham os japoneses feios, mas as japonesas assim normalmente eles sentem atraídos em relação a elas.”(MJ7)

“Eu acho que, por não estar naquele padrão de beleza assim que a gente vê na televisão, eu acho que eles não, não acham aquela coisa assim de bonito” (MJ8)

“Porque tem aqueles padrões de beleza, então às vezes eles podem não achar o japonês bonito, mas aí não é o caso de ser japonês ou não, é porque pra eles não é bonito não. [...] tem um padrão de beleza ocidental, é ser alto loiro, de olho azul, ou então um moreno de olho azul, que é um padrão assim. Sem ser alto, não sei o que, então fala assim, você é barangueira, não sei o que, mas não só de japonês, qualquer pessoa normal que não se encaixe nesse padrão acaba entrando um pouco nisso”. (MJ6)

Esta mesma explicação é dada, no entanto, para dizer o porquê dos brasileiros considerarem atrativa a exótica beleza japonesa.

“[...] japonês acha que brasileiro é muito bonito, também se uma brasileira vai pra Japão todo mundo acha brasileira bonita. Mas não é geral, tem brasileira feia também, entende. Mas é, como não ta vendo sempre, quando vê acha bonita porque diferente... deve acontecer a mesma coisa pro brasileiro se vê japonesa bonita acha mais bonita que o normal também entende.” (HA2)

De forma geral os homens japoneses não são considerados muito bonitos de acordo com os entrevistados. As mulheres, porém, têm alguns atrativos: os olhos, por exemplo, são elogiados (bonitinho, engraçadinho e sensual). Vários entrevistados relataram que conhecem brasileiros que têm “fissura” por japoneses.

Outro comentário interessante e bastante comum foi que japoneses são considerados muito parecidos entre si ou “que é tudo igual”, daí o apelido de “chinês” que vários japoneses recebem e não gostam, fazendo questão de afirmar que não são chineses.

A categoria “engraçado” merece um destaque. Outros entrevistados em outras questões acrescentaram que brasileiros consideram, ou eles mesmos consideram os japoneses engraçados na forma de andar, vestir, rir, entre outras coisas. MJ8 e HA2 ressaltam que muitas brincadeiras dão ênfase a essa forma “diferente”, dita “engraçada” do grupo, fazendo com que os japoneses pareçam “retardados” ou “bobos”. Algumas propagandas de televisão também mostram os japoneses desta forma, como citado por HA2. Ainda circula uma dessas propagandas publicitárias que é de um fabricante de aparelhos eletrodomésticos. Neste caso, os meios de comunicação são citados como um veículo que propaga uma imagem negativa não só em propagandas, mas em diversos outros programas.

“[...] fica imitando assim, e aquele, parece até que o povo japonês é tudo retardado, fica falando daquele jeito, é, gesticulando daquele jeito...” (MJ8)

“[...] fazem gozação entende, japonês não é aquela, mas a maioria japoneses são mais legítimos, são mais discretos [...] Na televisão você vê japonês [gesticula abaixando a cabeça várias vezes], aquilo é muita vergonha.” (HA2)

Outra forma de ver essas propagandas é como elas inferem que os “japoneses brasileiros” são melhores que os “brasileiros”. Segundo Lesser (2001), ocorreria uma “recriação” do japonês como meio de apresentar-se como brasileiro, sugerindo, sutilmente, que os brasileiros deviam se “japanizar” para tornarem-se modernos e ajudar no crescimento nacional, ou sugerindo que a etnicidade japonesa melhora a identidade nacional.

MJ6 que se interessa bastante por cultura japonesa moderna, mangás e animes⁶⁵, tem conhecimento da moda no Japão atual e a aprecia bastante. Diz que gosta da forma moderna como os jovens japoneses incrementam seu vestuário e seus cabelos das formas mais diversas. Conhece várias pessoas que consideram isso esquisito e louco, algo que descaracteriza os japoneses.

Comuns também são os comentários e brincadeiras a respeito do órgão sexual, principalmente dos homens, que são considerados reduzidos. Houve muito constrangimento quando os entrevistados relataram essa experiência. Foram ouvidas referências em relação à genitália feminina também.

As brincadeiras e piadas trazem um certo incômodo dependendo de quem brinca. Um psicanalista⁶⁶ afirma que os brasileiros têm dificuldade em lidar com a diferença e que as piadas servem justamente para que os façam sentir-se melhores quando invejam um outro que teve mais sorte. E declara:

“Neste aspecto, as piadas de japoneses com referência ao seu pequeno órgão sexual são carregadas de grande simbolismo narcísico. Isso denota que o órgão sexual, em termos de proporção, traz a representação do potencial que o indivíduo tem na vida. Ter um “grande pênis” é simbolicamente ter força, poder, grandeza. As piadas, na minha opinião, não ridicularizam os japoneses como se pode pensar à primeira vista mas sim, diz àquelas que com elas se divertem: “olha como vai ser horrível se descobrirem que você tem tão pouco poder na vida”. Agora, não podemos deixar de lado que tais anedotas sobre japoneses surgiram no momento em que o Japão despontava como grande potência industrial e econômica mundial. Será coincidência? Ou é despeito mesmo?”

As respostas mais comuns dadas pelos homens fazem referência à questão da masculinidade (órgão sexual, baixa estatura e corpo feminino) com exceção dos olhos, que é a característica mais evidente e de identificação do grupo.

⁶⁵ Desenhos japoneses modernos. Mangás são especificamente revistas japonesas em quadrinhos (Yamamoto, 2000).

⁶⁶ QUILICI, M.L. Nossos Risos e Nossos Preconceitos Quando rimos do outro ou de nós mesmos? Psicologia da vida cotidiana. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal>. Acesso em 22/07/05.

4.3 SOBRE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

4.3.a Situações Preconceituosas

Quadro X: Ocorrência de sentimento de constrangimento relacionado à etnia quando as pessoas olham, comentam ou perguntam.

OCORRÊNCIA DE CONSTRANGIMENTO	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sim	MJ5, MJ8, MJ9, MA1	HJ1, HJ3
Não	MJ7, MA3, MA4	HJ2, HA1
Às vezes	MJ1, MJ4	HJ4, HA2, HA3
Não reparam	MJ2, MJ3, MJ6, MA2	-

Alguns entrevistados não percebem que são olhados na rua devido à etnia como demonstrado no quadro X. Destes, todos são do sexo feminino, onde três delas são jovens e mestiças. A outra mestiça disse que não sente constrangimento, pois não reparam nela com frequência. O único mestiço (sexo masculino) afirmou que só se sente olhado por crianças de regiões mais pobres.

“[...] é tudo criancinha mais, é, bom, humildes né, então lá eles ficavam olhando pra mim assim tipo, nossa, eu era quase de outro planeta”. (HJ4)

Fica claro que a condição de mestiço faz com que eles se percebam menos visíveis nas ruas no que diz respeito a sua origem étnica. Admitem, porém, que de forma geral os capixabas ainda reparam bastante nos japoneses. Como Lesser (2001) cita, os mestiços tendem a negar serem japoneses e o resultado pode ser a negação de que ainda são olhados como diferentes na rua. É necessário ressaltar que os entrevistados mestiços possuem traços japoneses mais suaves, mas ainda perceptíveis. Houve somente uma adulta (não mestiça) que informou que não se sente olhada ou apontada na rua como diferente.

A grande maioria sente constrangimento com os comentários e brincadeiras ouvidos nas ruas, pois afeta o *giri ligado ao nome*⁶⁷ (Benedict, 2002). Os sentimentos relatados são:

⁶⁷ Giri ligado ao nome segundo definição de Camacho (1993) e Benedict (2002) significa a preservação da honra e da reputação.

- incômodo,
- indignação,
- ficar sem graça,
- sentir vergonha,
- sentir raiva.

As reações são:

- ignorar,
- “olhar torto”,
- xingar,
- responder.

Tanto os sentimentos quanto as reações mostram que o *giri* foi atingido. Camacho (1993) encontra estes dados também em seus entrevistados e afirma que o *giri* está bastante presente na vida dos nipo-brasileiros.

Quanto à questão de se sentirem ofendidos, Camacho (1993) afirma:

“Assim como seus antepassados japoneses, os imigrantes e seus descendentes são, ainda hoje, muito sensíveis em relação à sua reputação. A ofensa leva, na maioria das vezes, o indivíduo a achar que sua honra e reputação estão sendo arranhadas. Eles se sentem ofendidos quando a sua reputação é colocada em jogo. A ofensa pode ser sentida por motivos banais (na visão ocidental) como uma ‘gozação’ de colegas de escola ou por motivos mais sérios, como incompreensões e desavenças familiares, ou ainda, por manifestações de racismo”. (Camacho, 1993, pág.120).

A reação de vergonha apareceu quando relatavam o sentimento que tinham nas brincadeiras que aconteciam na rua. O recato, quando lidam com outras pessoas, faz-se presente ao não revidarem, mesmo quando os incomodam. É necessário o auto-controle e não demonstrar sentimentos. O Japão enfatiza muito mais a vergonha do que a culpa, sendo a vergonha uma reação à crítica dos demais quando são ridicularizados abertamente ou quando pensam que são (Benedict, 2002). Na cultura da culpa – ocidental – existe a interiorização do pecado, já na cultura da vergonha enfocam-se as sanções externas para a boa conduta. Fica clara, com isso, a importância do julgamento dos atos por parte do público.

A necessidade de manter as aparências é consequência de evitar que os outros zombem ou riam deles, o que se constitui num grande peso para os japoneses,

herança da cultura de origem (Benedict, 2002). Ofender-se com um insulto é uma virtude. Se um japonês fizer algo não aceito de acordo com as regras sociais do grupo, “o mundo rirá deles”. Benedict (2002) ainda nos fala que, ao contrário do que é esperado, os japoneses só apóiam um membro do próprio grupo se houver uma aprovação externa primeiramente, ao invés de defender seus membros quando atacados externamente. Isto reitera como os descendentes se importam com a opinião dos outros.

É evidente que existe incômodo quando se referem à etnia nas brincadeiras. Ser identificado como diferente pode gerar o desejo de parecer com o grupo majoritário, como aconteceu em outras épocas da imigração japonesa (Lesser, 2001).

Lesser (2001), Oliveira (1998), Ennes (2001) e Yamamoto (2000) nos mostram ainda que a identidade social fica em xeque principalmente quando vão ao Japão, sentindo que não têm nacionalidade. No Brasil, mesmo que queiram se tornar brasileiros completos, nunca conseguirão, e no Japão se sentem como estrangeiros também. Os traços físicos condicionam a alteridade em relação aos não nipo-brasileiros.

“Dá pra sentir até um ET assim na rua.” (MJ9)

“[...] parece que eu sou um ser de outro lugar, parece que eu não sou brasileira, parece que eu não, não conheço nada daqui, não, como se diz, não, não tô inserida na cultura daqui, parece que eu sou um ser de fora.” (MJ9)

“Geralmente eu costumo ser assim meio indiferente, que tem japonês que quando passa assim, ah japa e tal, se sente meio ofendido né, eu procuro não ligar.” (MJ4)

Alguns entrevistados já consideram normal ser olhado ou passar por brincadeiras, muitas vezes, incômodas e que isso inevitavelmente acontece já que há poucos japoneses em Vitória.

“[...] eu acho até meio inevitável porque a aparência é diferente... a parte de reparar acho que é natural porque é diferente a aparência.” (MJ2)

HA2 relata que só há incômodo em ser reparado na rua quando já não está bem e que geralmente procura nem ouvir o que falam. MJ4 relata algo parecido, dizendo que nos dias em que já está estressada as brincadeiras e piadas incomodam mais.

“Quando eu to muito ruim e mal humorado aí eu fico um pouco indignado, mas quando ta tudo bem não, nem liga entende [...] Nem responde, nem olha na cara também” (HA2)

Já MJ3 fica constrangida quando tem que soletrar o nome japonês, pois há muitas brincadeiras. Não entende por que tem que passar por isso já que considera que não tem cara de japonesa. Lesser (2001) cita que muitos mestiços rejeitam suas origens japonesas em situações sociais, porém, na esfera econômica (busca de empregos) prevalece a crença de que é japonês, pois isso trará vantagens. Este uso de identidades múltiplas é comum também entre nipo-brasileiros (Oliveira, 1998), apesar de serem identificados claramente como japoneses.

“[...] o que me constrange em relação a ser japonesa [...] é na hora de ter que soletrar o nome toda vez [...] o pessoal te faz sentir um ser de outro mundo, que você não é normal [...] não tenho cara de japonês porque que eu tenho que agüentar isso?” (MJ3)

Os filhos de MA1 se incomodam bastante com os comentários e brincadeiras na rua, principalmente porque são gêmeos e sempre tiveram dificuldade em lidar com isso. Eles se afastaram da Associação Nikkei para tentar viver e ser mais como os brasileiros e parece ocorrer a negação de ser japonês, reações citadas por outros participantes. Falas que vão ao encontro das idéias de Lesser (2001) novamente. O grau de insatisfação em serem apontados como tão diferentes e de serem discriminados (portanto em condição de opressão) coloca em questão a própria identificação e seu sentimento de pertença a esse grupo (Tajfel, 1983).

“Diz que sempre mexia com eles , não disse se verbalmente... diz que mexia mesmo, e eles não suportavam isso.” (MA1 falando dos filhos)

“Eu cheguei até a falar, gente, vocês deveriam ter orgulho de ser raça japonesa, porque eu também, é meio errado falar, mas eles são raça muito bom, são excelentes, então tem que ter orgulho disso. [...] não digo que odiar, mas eles não queriam ter essa cara de japonês, não queria ter sido japonês.” (MA1)

“Os japoneses daqui parece que vivem numa comunidade ainda fechada apesar de não valorizarem a associação, de negarem a associação de japoneses, alguns, de forma não explícita, mas inconsciente... eles preferem viver no meio de brasileiros mas eles nunca se sentem como brasileiros... e acho que eles também não são assim tão aceitos como brasileiros dentro dos brasileiros.” (HJ7)

“[...] quando eu era criança eu acho que eu, eu queria ter cachinho no cabelo, uma coisa que era impossível de fazer no meu cabelo, eu queria ser brasileira, queria ter cachinho, queria ter olhos claros, sabe, me incomodava um pouco por ser japonesa.” (MJ1)

Neste caso, para os nipo-brasileiros não é possível abandonar o grupo efetivamente por causa da marca facial. Observamos na fala de MA1 a tentativa de mudança da imagem do japonês para seus filhos, enaltecendo o grupo, e de certa forma repreendendo-os por não se orgulharem de serem japoneses. Com a boa imagem do Japão ligada à alta tecnologia, esse “trabalho” de mudança de imagem tornou-se mais fácil, ajudando na aceitação da origem étnica e na promoção de uma auto-estima positiva.

Camacho (1993) explica que geralmente os adolescentes nipo-brasileiros passam por situações de conflito quando se sentem diferentes dos brasileiros e por medo de serem rejeitados pela sociedade por causa dessa diferença, acabam rejeitando tudo que diz respeito ao Japão, desejando ser iguais aos brasileiros. A crise é considerada passageira e a aceitação em ser japonês acaba ocorrendo como percebemos em alguns de nossos entrevistados. Percebemos, porém, que a rejeição de ser japonês acaba sendo mantida por alguns, só que é mostrada de forma mais sutil, por exemplo, quando reclamam uma maior abertura aos brasileiros na comunidade japonesa, desejando um abraço e criticam determinadas características dos japoneses.

Yamamoto (2000) aponta em sua pesquisa a existência de diferenças na identidade étnica de nikkeis que foram trabalhar no Japão. Ela percebe 3 grupos distintos: 1- Nikkeis que se sentem quase totalmente brasileiros, envergonhando-se de serem “japoneses” devido aos deboches, desejando a todo custo serem brasileiros e evitando se relacionar com outros nikkeis (negação de pertencimento ao grupo). Só se incomodam quando ouvem críticas aos brasileiros e sempre se relacionaram, predominantemente, com brasileiros; 2- Nikkeis que se sentem brasileiros, mas vinculados ao Japão e aos japoneses pela origem. Sentem-se incomodados quando ouvem críticas sobre brasileiros e sobre japoneses. Estes nikkeis tiveram oportunidade de ter maior contato com japoneses. Para os dois casos, as relações eram maiores com brasileiros e existia o sentimento de vergonha por serem “japoneses” e negação de pertencimento ao grupo. Passaram por situações de deboche devido aos traços físicos, onde uns se incomodavam, outros compensavam com a boa reputação dos japoneses no Brasil, e outros ainda justificavam as brincadeiras afirmando que são feitas por ignorantes e caboclos. São considerados menos orientados etnicamente. Ainda foi identificado um terceiro grupo: 3- Nikkeis

que não se sentem nem brasileiros e nem japoneses, ficam chateados quando ouvem críticas aos japoneses e sentem orgulho quando são elogiados. Foi relatado um caso em que o sujeito sentia-se inferiorizado com os deboches que ouvia e casou-se com uma brasileira para que seus filhos não tivessem tantos traços orientais. Yamamoto (2000) conclui que a oportunidade de vivenciar a cultura étnica influencia na manutenção da orientação étnica, partindo da idéia de que a cultura do grupo étnico é introjetada no processo de socialização. Inoue (2002) reafirma esta idéia partindo da identificação com os brasileiros, afirmando que o sentimento de pertencimento ao Brasil está na dependência da convivência e participação nas atividades da vida brasileira.

Identificamos os três grupos de orientação étnica em graus diferentes nos relatos dos nossos entrevistados. Além da vivência maior com o grupo étnico, ficam claras as conseqüências dos deboches para os participantes, que são os sentimentos de vergonha, de negação e de inferioridade.

Vários participantes desta pesquisa relatam que principalmente crianças ou pessoas mais humildes reparam e comentam quando vêem um japonês e os deixam constrangidos (MJ2, HJ1, HJ2, HA2, HA3). Em relação às pessoas mais humildes, as brincadeiras e a curiosidade podem ser devido ao restrito contato, pois há indicativos de que a comunidade japonesa reside em grande parte em bairros de classe média.

“Você não tem um japonês numa periferia muito... eu pelo menos nunca vi.” (MJ5)

Estas pessoas são colocadas em um patamar abaixo dos japoneses, sendo consideradas mal-educadas, ou seja, apresenta-se uma auto-imagem de superioridade nestas situações, de modo semelhante aos dados encontrados nos relatos de Camacho (1993). As brincadeiras de pessoas com maior intimidade não chegam a ofender, pois são encaradas somente como brincadeiras.

No questionário da primeira fase os entrevistados relataram que os japoneses chamam muita atenção em regiões interioranas, algumas vezes causando constrangimento, mas percebem que as pessoas têm somente curiosidade por não conhecerem japoneses. Já em Vitória é notado que existe um incômodo maior

justamente por sentir que várias brincadeiras têm um “tom pejorativo” e que muitas pessoas têm a intenção de “zoar”.

Quadro XI: Evita ou já evitou situações?

EVITA SITUAÇÕES?	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sim	MJ1, MJ9, MA1	HJ1
Não	MJ4, MJ5, MJ8, MA3, MA4	HJ3, HJ4, HA1, HA2, HA3
Não respondeu	MJ2, MJ3, MJ6, MJ7, MA2	HJ2

Conforme o quadro XI, a maior parte dos sujeitos nunca evitou qualquer situação, apesar de ter passado por situações constrangedoras algumas vezes. Afirmam que não deixariam este tipo de situação atrapalhar suas vidas.

“Me sinto inconformada mas nada que atrapalhe minha vida a ponto de fazer essas coisas né, deixar de freqüentar qualquer lugar por causa disso” (MJ5)

Apesar de poucos sujeitos evitarem ou já terem evitado situações, há um número significativo (quatro entrevistados). Para muitas pessoas talvez seja estranho pensar que há japoneses que deixam de fazer algo por se incomodarem com situações em que chamam a atenção por serem diferentes. Inclusive para alguns entrevistados pareceu estranho pensar que outros japoneses passam por isso. O maior incômodo parece indicado pelos jovens e mais na época da adolescência.

“[...] quando eu era, 13, 14 anos, eu realmente, eu evitava, passava em outro lugar, às vezes eu preferia até ir de carro, ah pai, não quero ouvir aquela pessoa, me leva de carro. Às vezes me sentia assim, muito incomodada com tudo que falavam, me sentia mal por eu ser pequena, ser baixinha, porque às vezes, por ter cabelo muito liso eu me incomodava por tudo.” (MJ1)

“Sempre que fica cheio de gente , muito homem e tal. Aí eu passo do outro lado da rua pra ninguém ficar vendo assim pra, sei lá, pra não ficar falando, eu evito assim passar perto de muita gente.” (MJ9)

“Algumas ruas do meu bairro por exemplo? Pessoal sempre ficava. Evito... Hoje não, evitava antes né... Até porque o pessoal que ficava lá era, já não fica mais, já mudaram [...]” (HJ1)

No caso de MA1 a resposta dada foi que não evita situações, porém, antes de começar a entrevista ela perguntou se era realmente necessária a gravação, pois sentia um extremo incômodo em ouvir a própria voz devido ao sotaque carregado, motivo de muitas brincadeiras e cobranças durante sua vida. Expliquei que somente eu ouviria a fita, que não seria exposta e ela autorizou. Somente há pouco tempo

parou de se incomodar com isso e passou a aceitar que é japonesa e que não precisa saber falar o português tão bem. Ou seja, sempre se cobrou em ter que ser como os brasileiros. A vergonha pela maneira como falam também foi manifestada no trabalho realizado por Demartini (2001) junto com a recusa de muitos deles em serem entrevistados.

“E pensava isso como se fosse um crime, pôxa, tantos anos aqui no Brasil eu tenho obrigação de falar melhor [...] Era uma coisa que pra mim era um complexo... mas de certo tempo pra cá eu falei não, eu sou japonesa, eu não tenho obrigação de falar corretamente como vocês que nasceram aqui, então eu assumi isso, no momento que assumi começou a afetar menos ainda.” (MA1)

Ennes (2001) observa que falar corretamente o português acaba valorizando o nipo-brasileiro nas suas relações sociais. Isto é uma forma de não diferenciá-lo tanto dos brasileiros.

Alguns sujeitos não responderam à questão referente ao Quadro XII. Isto se deve ao fato de na questão anterior (Quadro XI) terem respondido que não reparam se são olhados diferentemente em Vitória ou não se sentem constrangidos, logo, não teriam motivos para evitar situações.

Quadro XII: Indicação de situações consideradas preconceituosas passadas pelos entrevistados ou por conhecidos, que tenham alguma ligação com etnia japonesa.

CATEGORIAS DE RESPOSTAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Preconceito no Japão por ser “brasileiro”	MJ3, MJ5, MA2, MA4	HA3
Preconceito dos japoneses contra mestiços	MJ2, MJ3	-
Brincadeiras e piadas	MJ5, MJ8, MJ9	-
Estigma de pão-duro	MJ2, MJ9	HJ1
Situações na escola durante a infância	MJ1, MA1, MA3	-
Outras situações	-	HJ4
Não teve ou não relatou nenhuma situação considerada preconceituosa	MJ4, MJ7, MA2	HJ2, HJ3, HA1, HA2

O número de relatos sobre situações preconceituosas foi muito diversificado de acordo com o quadro XII. Ainda assim foi possível encontrar semelhanças nos exemplos dados como situações na escola, principalmente durante a infância, piadas e brincadeiras com a intenção de “zoar” e a questão de ser “pão-duro”. Alguns entrevistados falaram de terceiras pessoas e não sobre si mesmos.

Quanto às situações na escola, quase todos os entrevistados sentiam preconceito na infância e na adolescência. Com o passar do tempo, já na faculdade, não sabem dizer se as situações preconceituosas diminuíram ou se são eles que não mais se importam tanto, pois já se acostumaram e as situações se tornaram normais. MJ1 relata que ficou mais tímida com as brincadeiras e gozações na sala de aula, retornava para casa chorando e dizendo que não iria mais para a escola.

Situações em que os japoneses são identificados como “pão-duros” também foram consideradas preconceituosas, deixando claro que os entrevistados não gostam de ser identificados por esta característica que faria parte do estereótipo do japonês, como inferido em várias entrevistas⁶⁸.

Na categoria “Outras situações”, o entrevistado HJ4 relata que ao entrar em um ônibus muito cheio, o motorista irritado mandou “o japonês” pegar um helicóptero, que supostamente tinha, ao invés de atrapalhar seu trabalho, enchendo mais ainda o ônibus. Aqui, supõe-se que o entrevistado por ser japonês tem dinheiro, o que faz parte das idéias do senso comum de que todo japonês é rico, exagerando os dados de boa situação sócio-econômica que, de forma geral, os nipo-brasileiros no Brasil têm (Camacho, 1993). Esta situação foi considerada preconceituosa, mais pela forma como foi falada do que propriamente o estereótipo atribuído ao entrevistado (rico). O motorista tenta ofender – e consegue – utilizando um estereótipo do japonês considerado positivo. Outras situações foram relatadas em que um brasileiro tentava ofender um entrevistado a partir de características consideradas positivas socialmente. Parece ocorrer uma inversão de valor, de positivo para negativo, por brasileiros que se encontram em posição inferior ao entrevistado no momento do ocorrido (motorista/passageiro; aluno/professor).

As duas irmãs que são mestiças relataram situações e sentimentos de preconceito por parte dos japoneses, relacionados ao fato delas não serem “japonesas puras”, como se elas e os brasileiros fossem inferiores. Há outros relatos afirmando que alguns japoneses têm “sentimento de superioridade”.

⁶⁸ Alguns entrevistados não utilizam o termo “pão-duro”, mas contam situações que passaram que deixa claro que os brasileiros os caracterizam desta maneira. Numa destas situações, um diretor de uma instituição de ensino diz que os japoneses têm que aprender a pagar escola. Em outra situação, um vendedor desconfia que o entrevistado não pagou pelo produto (no caso, um picolé) que comprou.

“Uma pessoa olha pra você como se de alguma forma você fosse inferior só porque você não é um japonês puro.” (MJ2)

“[...] sempre tive que mostrar que eu sou boa de escola, que eu sou CDF, sei lá o que mais do que os outros porque, por ser mestiça... ser zoada por ser brasileira...” (MJ3)

“[...] eu sou japonesa, eu sou melhor do que você” (MJ3 falando das reações que os japoneses tem com ela)

“[...] ficou tão bem feito que parece até japonês que fez.” (comentário ouvido pela mãe de MJ2 e MJ3 e relatado por elas)

Os mestiços parecem formar um sub-grupo, pois são considerados e se consideram diferentes dos japoneses e nipo-brasileiros, quando declaram ter que provar seu valor diante da comunidade japonesa e no que diz respeito à questão da miscigenação, que provoca diferenças estéticas e um sentimento de identificação maior com brasileiros, ou seja, ocorre uma divisão intra-grupal (Hogg et al, 2004; Tajfel, 1983). Como ainda há um movimento de diferenciação em relação aos brasileiros, atribuindo características negativas a eles que poderão ser visualizadas mais adiante, podemos entender o porquê do mestiço precisar provar seu valor. Ele é considerado mais brasileiro, portanto não pertenceria e não teria tantas qualidades quanto os japoneses. Lesser (2001) notou que existem diferenças quanto à identidade dos mestiços afirmando que se sentem mais brasileiros que os nipo-brasileiros, o que fica claro na seguinte fala: “não sou exatamente japonesa”.

Observamos então, que os japoneses atribuem características positivas a seu próprio grupo, notado pelos mestiços na forma de sentimento de superioridade. Ao mesmo tempo os mestiços valorizam características que o japonês não tem, ligado a seu lado mais brasileiro. É interessante notar que os japoneses nascidos no Brasil transitam entre identidades, e os chamados mestiços, apesar de se identificarem mais com brasileiros, sentem ainda o peso da herança japonesa, procurando ao mesmo tempo escapar dela, criticando algumas características japonesas, e se aproximarem, quando tentam provar que são tão “bons quanto os japoneses”.

Os relatos particulares, que não tiveram semelhança com nenhum outro, foram interessantes. Alguns deles merecem ser explicitados. Novamente surgiu um grande incômodo, considerado preconceito, em relação às brincadeiras com nomes. MJ6 relatou que o irmão ficava extremamente irritado quando faziam trocadilhos com seu nome quando era criança.

Muito interessante também a situação exposta por MA3 quando relata que seu filho foi chamado de “japa” por uma professora. MA3 foi à escola pedir retratação porque o termo é pejorativo e havia sido utilizado pelos norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial para nomear os japoneses. Seu filho não sabia sobre isso, mas se sentiu ofendido também. Provavelmente o incômodo em ser denominado “japonês” é devido ao fato de ser identificado pela sua origem étnica, que muitas vezes já não tem mais relação com sua identificação cultural (Yamamoto, 2000).

Há o relato de HA3 sobre acontecimentos preconceituosos ocorridos durante a guerra, sofridos pelo pai, que foi preso algumas vezes, e seus irmãos que foram proibidos de estudar japonês em São Paulo. Havia nessa época um preconceito mais aberto contra os japoneses (Nucci, 2000).

Os demais relatos particulares foram: de MJ7 que supõe que os homens japoneses devem considerar as piadas sobre o órgão sexual preconceituosas; MA1 que relata as brincadeiras ouvidas nos ônibus e nas ruas com seus filhos gêmeos; e HJ1 que relatou um episódio ocorrido dentro de um ônibus, onde uma mulher falou para a colega dele que não era pra confiar em japonês, que eram todos “safados”. Ele não soube responder se considera tal atitude como preconceito, pois atribuiu loucura no caso desta mulher, justificando sua ação.

Quando se falava em preconceito, alguns entrevistados lembraram de acontecimentos no Japão que envolviam dekasseguis. É de conhecimento geral, e dos participantes, que os brasileiros descendentes de japoneses que vão ao Japão trabalhar são discriminados, entre outras coisas, porque em sua maioria fazem os serviços chamados 3ks (kitanai – sujo; kiken – perigoso; kitsui – pesado) segundo Ocada (2000). Os entrevistados que tiveram oportunidade de visitar o Japão (a passeio ou em intercâmbio) e se sentiram discriminados atribuem o preconceito contra qualquer “brasileiro” ao fato de haver preconceito contra dekasseguis.

“[...] esses imigrantes (dekasseguis) não são bem aceitos pelos naturais da região, também pelo fato de não falarem o mesmo idioma e não possuírem os mesmos costumes. No país de origem (Brasil), em virtude da ascendência nipônica, também são considerados estrangeiros”. (Ocada, 2000, pág.6)

Somente dois entrevistados relataram que tem parentes que são ou foram dekasseguis. Estes parentes têm apenas o segundo grau completo ou quando têm

ensino superior (somente um caso), estava desempregado. Fazem parte das famílias de menor escolarização do grupo pesquisado. Os dekasseguis vão em busca de melhor remuneração (Inoue, 2002) e muitos já são formados em profissões de nível superior.

No *Jornal da Unicamp*⁶⁹, uma estudiosa da identidade do nipo-brasileiro fala sobre os dekasseguis e o jogo de identidade que o nikkei de “olhos rasgados, pele amarela e mesmo sangue, mas nascido fora do Japão – utiliza para sobreviver dentro de uma sociedade que o discrimina como um estrangeiro, como aquele que parece, mas não é”.

Na época da vinda de imigrantes japoneses para o Brasil sua marca identitária era de povo trabalhador em contrapartida ao estereótipo do brasileiro que era de preguiçoso. A questão da identidade social se faz tão presente que quando vão trabalhar como dekasseguis no Japão, os descendentes de japoneses valem-se do estereótipo em relação à preguiça latente do *outro* (brasileiro) para se reafirmar como trabalhador (Inoue, 2002). A comparação social é necessária para marcar um determinado lugar de nipo-brasileiro e não brasileiro.

Os descendentes muitas vezes sentem-se como brasileiros pela primeira vez quando estão no Japão porque utilizam a identidade brasileira (Lesser, 2001), que na verdade é a mais forte identificação para a maioria deles (Ocada, 2000). Mesmo para os mais velhos, que vieram há mais tempo para o Brasil, a identidade mostrada nestas situações é mais próxima à brasileira. Um dos entrevistados, nascido no Japão, esclarece que se voltasse hoje ao país de origem provavelmente não o reconheceria como seu, pois já sente que o Brasil é a sua “casa”. Este estranhamento acontece também porque o Japão dos japoneses que imigraram para o Brasil há décadas atrás, não existe mais. Em conversas informais verificamos que muitas pessoas percebem que ocorreram mudanças ao longo das décadas e quando retornam ao Japão, o encontram muito diferente de quando o deixaram ou de como o imaginavam.

Muitos disseram que nunca sofreram preconceito (de acordo com a avaliação do próprio entrevistado) ou pelo contrário, são até elogiados. Ficou perceptível

⁶⁹ SUGIMOTO, L. Parece, mas não é. *Jornal da Unicamp*. Campinas, 24 a 30 de junho de 2002.

novamente o estranhamento dos próprios entrevistados ao se falar de preconceito contra seu grupo. A partir da década de 70, o Japão já representava boa parte da economia mundial (Inoue, 2002). Isto contribuiu para uma valorização do grupo de japoneses no Brasil. Como os nipo-brasileiros são os japoneses no Brasil, inevitavelmente, existe a vinculação com o Japão e sua nova boa imagem de modernização, tecnologia e empresariado. Os meios de comunicação e as escolas são fundamentais na propagação desta nova imagem e os elogios freqüentes reforçam a imagem positiva do grupo. Apesar de haver algumas críticas aos meios de comunicação por ridicularizarem os japoneses em algumas situações, de forma geral são considerados positivos por divulgarem mais sobre os japoneses no Brasil e no Espírito Santo, tornando-os conhecidos. A divulgação da cultura japonesa no Estado é considerada fundamental pelos entrevistados e fica subentendido que os capixabas a conhecem muito pouco ainda.

Os jovens apontaram mais a presença de elementos discriminatórios do que os adultos nos questionários realizados na primeira fase da pesquisa e nas conversas informais, o que não foi confirmado nas entrevistas. Quase todos afirmaram que a maior freqüência de situações discriminatórias acontecia na infância e que continuavam até a adolescência, diminuindo gradativamente.

Mais mulheres do que homens têm a percepção de situações preconceituosas no dia-a-dia, considerando que apenas três mulheres não relataram nenhuma situação entre as treze mulheres entrevistadas e quatro homens entre os sete homens entrevistados.

Quadro XIII: Como avalia as brincadeiras e piadas sobre japoneses

IMPRESSÕES E SENTIMENTOS EM RELAÇÃO ÀS PIADAS E BRINCADEIRAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Não se importa	MJ1, MJ5, MJ6, MJ7, MJ8, MA1, MA2	HJ2, HJ4
Diverte-se junto	MA2, MA4	-
Normal	MJ2, MJ4, MA4	-
Incomoda/ não gosta	MJ3, MJ4, MJ9	HJ1, HJ3, HA1, HA2
Japonês representado como retardado	MJ8	HJ3
Preconceito é ironizado	MJ9	-
Menospreza os japoneses	MA3	-
“Ciúmes”	MJ3	HA3

A manifestação das brincadeiras com referência étnica, citada pelos entrevistados, é considerada por muitos como preconceituosa, verificado no quadro XIII. As principais “brincadeiras” são as mesmas citadas por Camacho (1993): zombaria com palavras japonesas, com nomes japoneses, com marcas físicas (“puxar os olhos”), com gestos típicos dos japoneses e com o sotaque.

A maioria dos entrevistados afirma não se importar com brincadeiras e piadas de pessoas na rua ou de conhecidos. Muitos dos que não se importam hoje, já se incomodaram bastante em algum momento anterior, porém, como não há nada o que fazer, já que as brincadeiras não vão deixar de existir, eles aprenderam a lidar com isso com o passar do tempo.

“Se você for ficar ligando pra toda piadinha que ouve, todo mundo que fala, que comenta, não sei o que, realmente é, você se estressa né, fica estressado o dia inteiro.” (MJ1)

“[...] quando eu era pequeno eu era mais invocado, recebia mal, ficava bravo com todo mundo, hoje eu levo na esportiva né, tem piada pra todo mundo também.” (HJ4)

“Não, não incomoda não, se incomodar eu não consigo viver né.” (MA3)

Alguns riem e se divertem junto, considerando que piadas existem para todos e as comparam, principalmente, com as de portugueses e negros, afirmando que as piadas para estes grupos são até piores.

“[...] dou risada, não, não me afeta assim você entendeu, porque existe, todo mundo faz piada de qualquer tipo de raça né.” (MA2)

“[...] igual essas piadas de português não tem? Que só fala mal de português nas piadas, só que em vez de português bota japonês... é, falam mal de japonês, assim, acho preconceituosa também.” (MJ8)

“[...] japonês é tudo igual, caminhão, caminhão de japonês, sempre uma piada assim, mais essas piadas, mas é brincadeira igual a gente fala de piada de português, não tem piada de português que todo português é burro?” (MJ6)

Outros tantos consideram normal a existência de piadas e, portanto, já não se importam mais.

“Mas isso ficou tão normal que a gente nem liga mais pra essas coisas...” (HA3)

Alguns simplesmente riem como uma forma de não criar antipatia, demonstrando uma preocupação com o outro devido ao contexto (sala de aula) em que se encontravam.

“Eu era bem tranqüila assim, eu ria das piadinhas, não achava graça não, mas eu ria né, pra não criar antipatia com os alunos e tal e também porque ultimamente eu não tenho ligado muito pra essas coisas.” (MJ9)

Um número significativo é o dos sujeitos que se incomodam e não gostam de brincadeiras desse tipo. As reações mais comuns são: não reagir e ignorar. Poucas vezes respondem ou perguntam o porquê dessas brincadeiras. Um entrevistado já chegou a xingar. Alguns dizem que há um menosprezo aos japoneses nas piadas, outros dizem que os japoneses acabam como “bobos” nessas brincadeiras. Um comentário interessante é de que ironizamos nosso preconceito nas piadas, ou seja, há a percepção de que o preconceito contra japoneses existe e é mostrado de uma forma camuflada. Camacho (1993) afirma que os japoneses são muito susceptíveis a zombarias que os coloquem em situação de ridículo.

“[...] piada geralmente ironizam, quando você ouve de português, normalmente é piadas que mexem com eles [...]” (MA1)

Geralmente, quando não aceitam as piadas sobre japoneses, afirmam que são provenientes de pessoas desconhecidas, que passam na rua.

Alguns entrevistados atribuem o comportamento de fazer piadas e brincadeiras a um ciúme (significa “inveja” pelo contexto utilizado pelos participantes) que os brasileiros têm dos japoneses, pois os considerariam mais bem sucedidos e por isso estariam tomando espaço. Argumento que justifica também a pixação no muro da USP, dizendo que para entrar no vestibular basta matar um japonês. Fica claro que existe um incômodo dos brasileiros, opinião também dividida com Camacho (1993). Alguns consideram uma forma de elogio, mas podem haver outras interpretações, por exemplo, quando Hilton (2004) deixa claro que em um processo de comparação social existe a tendência a colocar em patamar inferior – ou excluir de alguma outra maneira – aquele que ameaça a auto-estima de alguém, estereotipando-o. Neste caso, predominaria o estereótipo do japonês bitolado em estudo ou que é muito estressado porque trabalha e estuda demais.

“Parece que eles querem tirar o desconto, por exemplo, uma piada que meu pai viu é, quando recebeu pela Internet, por email, num banheiro de USP, Unicamp assim, é, você quer passar no vestibular mate um japonês.” (MJ3)

“[...] eles sempre dão um tom de querer, acho que, talvez aproveitar, de fazer um certo desconto aí pra né, que a gente tá tomando o espaço deles, talvez, não sei... Eu acho que tem, às vezes porque a gente tem um pouquinho a mais que eles, então fica com ciúme.” (HA3)

Muitos entrevistados consideram que quando eram crianças esses eventos ocorriam com maior frequência e que as crianças e as pessoas de menor poder aquisitivo são aqueles que fazem essas brincadeiras. Podemos inferir com isso que, provavelmente, a época de mais brincadeiras é na infância, justamente a época que causa maior incômodo aos participantes.

“[...] eu não sei se foi porque eu passei a não ligar mais, passei a ignorar assim, ah todo dia tem isso, que saco, ou se diminuiu.” (MJ9)

“Eu acho que quando você é criança, acho que por ser criança, acaba fazendo, as comparações são maiores assim, e a gente liga mais... quando você vai crescendo, com o tempo acho que você vê que tem, que eles não tem motivo né e não tem motivo pra você se envergonhar e não tem motivo pra eles fazer nada, que você é normal assim como qualquer outra pessoa.” (MJ1)

Lesser (2001) nos mostra que na época da II Segunda Guerra Mundial, e logo após, era freqüente encontrar tanto artigos quanto canções populares com letras antijaponesas. HA3 relata as brincadeiras preconceituosas que brasileiros faziam com os japoneses, principalmente os negros, segundo ele.

“Japonês, calabrês, o diabo que te fez.”

O que era retrucado por ele da seguinte forma:

“Preto fedorento tira sebo do jumento pra ganhar mil e quinhentos.”

Percebemos o preconceito nos dois grupos, um em relação ao outro.

Camacho (1993) afirma que a percepção de preconceito dos japoneses adultos e mais velhos é maior do que dos jovens, por terem passado pela experiência de preconceito explícito no pós-guerra.

Ennes (2001) em sua pesquisa em Pereira Barreto (São Paulo), onde HA3 residiu, revela que a Segunda Guerra Mundial exacerbou o nacionalismo dos japoneses,

além de acentuar as diferenças étnicas e culturais e que a situação dos imigrantes chegou a ser dramática com as perseguições gerando até o suicídio de uma família japonesa, também relatada por HA3. O entrevistado afirma que várias pessoas denunciavam os japoneses que falavam a língua nativa, inclusive seu pai foi denunciado, pois alguns brasileiros acreditavam que estavam fazendo um movimento de guerra dentro da cidade.

Quadro XIV: Ocorrência de sentimento de desqualificação dos japoneses em piadas e brincadeiras étnicas

SENTIMENTO DE DESQUALIFICAÇÃO	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sim	MJ3, MJ8, MJ9, MA3	HJ3, HJ4, HA1, HA3
Não	MJ2, MJ5, MJ6, MJ7, MA4	HJ2
Tem lado positivo e negativo	MJ1, MA1	-
Nem positivo nem negativo	MJ4	-
Depende	-	HA2
Outros	-	HJ1

Mesmo não se importando com as piadas, a maior parte dos entrevistados considera que as piadas desqualificam os japoneses, como fica evidente no quadro XIV. HJ4 afirma que as piadas falam das deficiências do grupo.

“[...] eu acho que desqualifica porque toda vez o japonês, que, que entra na piada, ele fica, faz as, né, como é que eu digo assim, leva desvantagem, não, é, sempre você que ta sendo humilhado, sei lá, parece.” (HA1)

Boa parte acredita que não ocorre a desqualificação. MA4 afirma que “é o que a raça é”. MJ7 não acha que desqualificam, porém, acredita que talvez piadas de cunho sexual devam incomodar os homens japoneses. HJ2 diz que levam pra um lado mais negativo, mas que não chegam a desqualificar.

“[...] acho que as piadas, as que eu ouço, acho que eles não tem o intuito, não sei, de denegrir realmente. Acho que elas só tem o intuito de serem engraçadas, divertidas, não sei.” (MJ2)

“[...] eu levo mais na brincadeira mesmo, não acho que desqualifique não.” (MJ5)

“[...] porque pelo menos as pessoas que eu vejo contando piada e às vezes fala essas coisas, a gente sabe que não tem essa intenção, às vezes só é uma brincadeira mesmo...” (MJ6)

Outros consideram que sempre há um lado positivo e um negativo nas piadas, pois os japoneses são tanto elogiados como referenciados de uma forma negativa.

“[...] tem os dois lados né, tem algumas coisas que falam bem de japoneses e algumas coisas que realmente falam mal.” (MJ1)

“Acho que tem os dois lados.” (MA1)

Para outros entrevistados, não há nada de negativo ou positivo, pois piadas são apenas piadas, sem intenção de desqualificar, considerando como anteriormente, normal, natural.

“[...] piadas e brincadeiras, do mesmo jeito que o pessoal faz piada de português, de argentino, de papagaio, de loira, eu enxergo só como piadas mesmo.” (MJ2)

“Eu acho que não tem muito negativo, esse sentido negativo... é neutro.” (MJ4)

HJ1 não responde à questão, mas explica que as piadas e brincadeiras levam para o “lado da maldade”, sugerindo que desqualificam.

Já HA2 diz que tudo depende de como está na hora em que acontecem as brincadeiras para considerar se desqualifica ou não, pois na verdade o que importa não são as brincadeiras em si, mas o estado da pessoa na situação.

A noção da existência do preconceito não está completamente difundida, mas não está ausente. Muitos entrevistados relataram claramente situações preconceituosas já vivenciadas no dia-a-dia no Espírito Santo, confirmando as respostas obtidas na primeira fase da pesquisa (questionário). Para muitos deles, porém, não existe o preconceito contra japoneses, reafirmando um discurso propagado de forma geral pelos brasileiros e que a ciência ajudou a instituir (Nucci, 2000). Há um reconhecimento da existência de piadas e brincadeiras que diferenciam os japoneses dos brasileiros, muitas vezes tornando-os “estranhos” ou “ETs”, o que é visto por alguns como simplesmente uma brincadeira que não causa conseqüências maiores, e por outros como extremamente incômodo.

Foi possível observar que alguns entrevistados acreditam que existe uma certa discriminação aos japoneses, outros não acreditam que haja preconceito e outros ainda apresentam ambigüidade no seu próprio discurso, por vezes afirmando que

não existe preconceito, mas sendo contraditórios em outros momentos quando destacam as brincadeiras e piadas. A naturalização do discurso preconceituoso é freqüente, como se preconceito fosse algo normal, natural, ou que vai acontecer de uma maneira ou outra (não somente em Vitória) e não há como evitar. Nesse caso podemos inferir que ocorre uma certa negação do preconceito como forma de proteção do próprio grupo.

São sutis certos aspectos discriminatórios por parte dos brasileiros presentes, por exemplo, em piadas e brincadeiras no dia-a-dia. Muitos japoneses não percebem discriminação, tendendo a ter uma visão mais positiva do seu próprio grupo, o que faz parte do processo de identificação social. Este processo de caracterizar positivamente o grupo ganha força devido à posição social de potência econômica em que o Japão se encontra hoje.

Em relação ao núcleo de interesse “Sobre preconceito e discriminação”, alguns participantes declararam que percebem situações de preconceito no dia-a-dia. Aqueles que declararam na primeira fase da pesquisa que percebiam algum tipo de discriminação, com exceção de uma entrevistada, confirmaram sua percepção de que são diferenciados pelos brasileiros e quatro participantes que declararam que não percebiam qualquer diferenciação (MA1, HJ4, HA2 e HA3) na primeira fase também, revelaram na entrevista que na realidade sentem discriminação contra eles em alguns momentos.

Sete participantes reafirmaram que não percebem grande diferenciação por serem japoneses. Entre estes participantes estão incluídos três dos cinco mestiços. Uma das mestiças afirma que existe a diferenciação dos japoneses em relação aos capixabas em Vitória, mas não fala de si mesma e sim dos “outros japoneses”. Outras duas mestiças acreditam que os japoneses discriminam os mestiços por serem mais “abrasileirados”. Novamente observamos a diferenciação que os mestiços fazem de si em relação aos japoneses.

Consideramos que todos os entrevistados que indicaram pelo menos 3 respostas negativas (de percepção de diferenciação) entre os cinco quadros referentes a este núcleo (“Sobre preconceito e discriminação”) não percebem indícios de discriminação.

- os entrevistados MJ2, MJ5, MJ6, MJ7, HJ2, MA2 e MA4 não percebem discriminação e preconceito;
- os entrevistados MJ9 e HJ1 responderam a percepção de discriminação e preconceito em todos os quadros;
- todos os demais percebem algum tipo de diferenciação em graus diferentes, onde seis entrevistados apontaram somente uma resposta negativa para a percepção de diferenciação e cinco indicaram duas respostas para a percepção de diferenciação.

4.4 SOBRE A IDENTIDADE SOCIAL DOS JAPONESES NO ESPÍRITO SANTO:

4.4.a Características dos japoneses

Quadro XV: Características atribuídas aos japoneses⁷⁰

CARACTERÍSTICAS DOS JAPONESES	Positivas		Neutras		Negativas	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1. Características Físicas	MJ4, MA3	HJ1	MJ1, MJ4	HJ4	MJ4, MJ7	HJ1
2. Trabalhador e Honrado	MJ2, MJ3, MJ8, MJ9, MA1, MA4	HJ3, HA1, HA2, HJ4, HA3	MJ7, MA3	HA3	MJ1	-
3. Estudioso e Esforçado	MJ2, MJ3, MJ7, MJ8	HJ1, HJ2, HA1, HA2, HA3	MJ6, MJ7, MJ8, MA1	-	-	-
4. Disciplinado e Organizado	MJ3, MJ9, MA2, MJ8	HJ3, HJ4, HA1, HA2	-	-	MJ9, MA2	HJ1, HA1, HA3
5. Tímido e Sensível	MJ3, MJ6, MJ9, MA1	HJ1, HJ2, HJ4, HA2	MJ3, MJ4	HJ1, HJ3	MJ1, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MA3	HJ1, HA1, HA2
6. Conservador e Submisso	MJ7, MJ9, MA1, MA2	HJ4	MJ3, MJ4, MJ6, MA4	HA2	MJ3, MJ6, MJ8, MA1, MA2, MA3	HJ4
7. Falso e Machista	-	HA2	MJ4	-	MJ1, MJ2, MJ3, MJ8, MJ9	-
8. Outras Características	MJ3, MJ8, MA1	HJ1	-	-	MJ1, MJ9, MA1, MA4	-

⁷⁰ As características que foram dadas aos japoneses durante a entrevista e que não foram classificadas em positivas ou negativas entraram na categoria neutro.

O objetivo do quadro XV era verificar como os japoneses representavam seu próprio grupo. Fica claro, no entanto, que não há identificação como japonês e, ao mesmo tempo, não há desidentificação completa. Encontramos similaridades no comportamento dos descendentes de japoneses no Estado com os relatados por Benedict (2002). Muitos dos nossos entrevistados ou seus pais nasceram no período da pesquisa de Benedict ou na década seguinte.

É interessante notar que a maioria dos participantes se identifica, por vezes, com brasileiros e, por vezes, com japoneses, utilizando pronomes retos como *nós* e *eles* para se referir ao mesmo grupo em diferentes momentos da entrevista, dependendo do contexto que favoreça ou não. Então, *nós* valorizamos o estudo, e *eles* são muito rígidos, referindo-se nos dois casos aos japoneses.

Há um sentimento de pertencimento ao grupo dos japoneses no Brasil, diferenciando-se dos brasileiros, uma inserção grupal mais objetiva que é a de origem racial (Tajfel, 1983; Nascimento, 2000). Apresentam os três componentes necessários ao reconhecimento como grupo, segundo Tajfel (1983): reconhecem que pertencem a um grupo (componente cognitivo), dão conotação positiva e negativa aos grupos (componente avaliativo) e são acompanhadas de emoções dirigidas a seu próprio grupo ou a outros grupos (componente emocional). Quanto às emoções, foram identificados o orgulho do próprio grupo e gostar ou não gostar de ser japonês.

Muitos entrevistados tiveram dificuldades em classificar como positivas ou negativas as características citadas, afirmando que não se pode dar uma carga de valor a uma comunidade que é simplesmente diferente. Tudo indica que, nestes casos, a dificuldade era, na realidade, em classificar como negativas certas características de seu próprio grupo, o que manteria uma auto-imagem positiva.

Os entrevistados lembraram mais características positivas do que negativas para seu próprio grupo, como é explicado por Tajfel (1983), na questão da manutenção da identidade social positiva para o *in-group*. Porém, quando citavam características negativas, geralmente falavam referindo-se a *outro* também, aos japoneses do Japão ou aos japoneses mais tradicionalistas, grupos em que o próprio entrevistado, mesmo os mais velhos, nunca estava incluído. Quando atribuem aspectos negativos

ao próprio grupo podemos considerar que já está ocorrendo uma certa identificação com os brasileiros e diferenciação dos japoneses, indicativo de adaptação.

Em “características físicas” muitos citaram as mais diversas, não sendo conveniente nem relevante citar tudo que surgiu. Geralmente consideravam cabelo e pele como positivos, já a altura e, às vezes, os olhos como negativos. É interessante ressaltar que de forma geral a primeira palavra lembrada pelos participantes era alguma característica física, indicando que as marcas étnicas são fundamentais na caracterização dos japoneses.

Para caracterizar japoneses, muitos entrevistados fizeram diferença entre os que moram aqui e os que moram no Japão. Grande parte deles não conhece japoneses do Japão, no entanto, supõe como eles são, baseados em estereótipo. Os que moram aqui, geralmente, são considerados mais flexíveis e mais abertos, apesar de, muitas vezes, ainda manterem o mesmo tipo de comportamento. Novamente tendem a atribuir aspectos positivos para o próprio grupo mesmo sem conhecer o outro grupo.

“Eu acho que os japoneses daqui hoje... não é igual aos japoneses mesmo... e os japoneses mesmo, mesmo né, eu acho que eles são mais frios.” (HA1)

“Japonês do Japão é japonês né, japonês do Brasil é mais brasileiro.” (HA2)

Algumas características citadas pelos entrevistados são consideradas herança japonesa, porém, muitas delas só se tornaram conhecidas por eles após alguém comentar que era parte do comportamento japonês ou após lerem em jornais ou revistas e assistirem em algum programa de televisão. Os jovens japoneses estão muito afastados de sua cultura de origem devido ao abasileiramento ou determinados comportamentos são tão naturais que não sabem reconhecer se fazem parte da educação japonesa ou da educação de qualquer família ocidental.

“Traços, ah, essa parte de ficar quieto, eu acho que é, até meu professor da pós-graduação, meio que comentou né, que japonês é muito reservado, é muito na dele, que é, não é de falar muito, não é de conversar muito... Eu já ouvi na, por exemplo, no Globo Repórter que a pontualidade é uma coisa de japonês. Eu considero pontualidade muito importante.” (HJ1)

A categoria “tímido e sensível” apreende o conceito de “vergonha” e tem o significado de discrição e recato (Camacho, 1993), levando alguns japoneses a serem mais fechados, principalmente em público, para que não se exponham tanto, e mais frios, por não poderem demonstrar os sentimentos. Isto evitaria passar por situações de constrangimento, mantendo intacta sua imagem. No próprio desenvolvimento da pesquisa, houve uma certa desconfiança por não saber direito do que se tratava e receio em ter que expor algo sobre suas vidas. Percebemos que esta preocupação com a discrição sobre suas vidas pessoais faz parte também da herança cultural japonesa.

HA2 dá outros significados à timidez, ainda que ligados ao citado por Camacho (1993). Significaria falta de personalidade, falta de individualidade, falta de ego e falta de vaidade, como sinônimos, significando “obedecer mais, não sair do padrão” (categoria “Conservador e submisso”) e que pode ser tanto positivo quanto negativo, dependendo da situação. Fala de uma padronização cultural existente entre os japoneses e esclarece que são educados para serem assim, diferentes dos ocidentais. Isto remete ao que Benedict (2002) trata como “assumir o lugar devido”, tanto dos que exercem o poder, como dos que estão sob controle dos outros.

A questão da hierarquia e da tradição (presentes na categoria “Conservador e submisso”), já é vista como um ponto negativo, pois os descendentes já enxergam estes aspectos sob uma perspectiva mais ocidental, sem compreender e sem procurar saber sobre o funcionamento de uma outra estrutura social. Consideram que há submissão ou machismo, a mesma forma como os brasileiros classificam a hierarquia japonesa. Isto dificulta o relacionamento amoroso entre japoneses, na opinião dos mais jovens, e provoca críticas até dentro de suas próprias famílias, onde é perceptível este tipo de estrutura familiar, pois fazem parte da hierarquia as considerações sobre sexo, idade, laços de família e relações anteriores (Benedict, 2002). A caracterização como uma estrutura machista é geralmente feita pelas mulheres, reflexo de uma postura mais ocidental e mais moderna. Para os homens não há tanto problema quanto à manutenção da herança de uma sociedade patrilinear em que os homens têm prioridades em relação às mulheres. Os jovens tendem a considerar necessário um abasileiramento do comportamento dos mais velhos para que estes sejam mais flexíveis. Neste abasileiramento está implícito

que os japoneses devem ser menos fechados, devem ter outras atividades que não sejam ligadas a trabalho e estudo, como a prática de esportes e ter um tempo para o lazer. Podemos observar uma pequena diferença entre os participantes da pesquisa de Camacho (1993) em que o lazer não é valorizado.

Ao mesmo tempo em que há crítica à hierarquia estabelecida dentro da família, existe uma admiração também. A questão do respeito e da fidelidade ou lealdade (categoria “Trabalhador e honrado”) não é vista de forma tão clara nas famílias ocidentais. O respeito não se restringe ao âmbito familiar, mas é um valor encontrado no trabalho, na escola, nas relações cotidianas em geral e nasce no seio da família. Por isso, os entrevistados citam características como “certinho”, “correto”, “trabalhador”, entre outros, objetivando a boa reputação, caracterizando o “giri ligado ao nome”. “Respeito” significa obediência ao decoro e atender às expectativas dos outros. No questionário um dos participantes declarou que procura manter uma imagem mais comportada porque é isso que esperam dos japoneses e que ouve amigos “lembrando” que “japonês não faz isso ou aquilo”, determinando o comportamento de um grupo através do estereótipo. Fidelidade é traduzida por Benedict (pg. 89) como “on”, típica do comportamento japonês.

Disciplina (categoria “Disciplinado e organizado”) é primordial para os japoneses e seus descendentes, visto que é entendida como algo que aprimora a conduta na própria vida. Uma das entrevistadas (MJ1) critica os colegas brasileiros de faculdade que deixam os trabalhos para serem feitos na véspera de entregá-los, afirmando que eles não abrem mão de sua diversão. Para ela não há problema algum antecipar suas atividades curriculares de forma organizada, remetendo à importância da auto-disciplina.

MA1 citou a palavra “vida” (categoria “Outros”) que traduziu como tradição e conservadorismo, que são positivos, e isolamento pelo qual o Japão passou durante um bom período da sua história antes da Reforma Meiji, que é negativo. Ela lembra de palavras que são referentes à cultura japonesa e sua história mais antiga. A palavra “militar” também é citada referindo-se ao período dos samurais, que tem conotação tanto positiva como negativa para ela.

Alguns entrevistados lembram palavras que se referem a um Japão mais moderno como tecnologia e imitação da vida americana (categoria “Outros”). Outros entrevistados também fazem referência aos norte-americanos e outras nacionalidades, como MA2, que afirma que os japoneses do Japão são gentis quando se deparam com estrangeiros em geral, mas quando vêem brasileiros descendentes de japoneses são frios e exigentes. É a mesma opinião de HJ4 que diz “se fosse americano pra lá eles: nossa! Faziam oh, puxavam o saco até a morte”.

Para MJ8 apesar dos japoneses no Brasil manterem uma série de características reconhecidas como sendo de origem japonesa, aqui eles têm menos pressão para estudar do que no Japão. Os descendentes têm mais liberdade, aproximando-se de um comportamento mais brasileiro. MA2 e MA3 falam que os japoneses no Brasil são mais espontâneos e falam mais abertamente que os do Japão, que são mais frios. HJ3 reforça estas idéias e afirma que os japoneses do Japão são introvertidos, fechados e tristes, consideradas características negativas. MA1 completa que os japoneses do Japão admiram os do Brasil, pois no Japão não há o carinho que há aqui. Uma visitante do Japão “achou que a gente é perfeito” (HA1).

“Cultura japonesa” (categoria “Conservador e submisso”) tem vários significados como, por exemplo, sensibilidade, referindo-se aos trabalhos com natureza e literatura. É, portanto, geralmente valorizado pelos entrevistados que lembraram esse termo.

As características relacionadas a “Tímido e sensível” se referem ao “giri ligado ao nome” (Benedict, 2002) que é o dever de conservar imaculada a reputação. Com isso, a conduta deve ser tranqüila e equilibrada, deve haver polidez nas relações, sendo imprescindível o auto-controle, imagem que faz parte do estereótipo atribuído aos japoneses. Também relacionado ao *giri* está a questão da “falsidade” (categoria “Falso e machista”), pois existe a necessidade de manter uma imagem que a todo momento está à espera de um julgamento público. Ennes (2001) indica que em sua pesquisa um entrevistado reproduziu o que considera um “velho preconceito” contra os japoneses, de que são interesseiros e que só se misturam se houver algum interesse em jogo, pois são muito fechados. MJ2 considera que a falsidade é refletida principalmente nas mulheres japonesas.

Na categoria “trabalhador e honrado” também há relação com o “giri”, não sendo adequado admitir as falhas. Portanto, há uma preocupação maior com os erros no trabalho do que, comparativamente, os ocidentais têm. Tudo deve ser feito da maneira mais correta possível e quando fracassam, “arrastam a vergonha”, podendo tanto ser um incentivo como comumente um depressor. O trabalhador japonês tem obrigações com as pessoas com quem trabalha e com a empresa em que trabalha, retribuindo na forma de lealdade e empenho em suas atividades (Camacho, 1993). Tanta dedicação ao trabalho tem como consequência uma imagem dos japoneses ligada a sucesso profissional, como citado por vários entrevistados.

Existe o reflexo também na escola, onde o fracasso não é admitido e, quando ocorre, é motivo de grande vergonha, existindo casos de suicídio entre estudantes que foram reprovados no Japão. Isto explicaria também o sucesso escolar⁷¹ dos nipo-brasileiros, que tem como prioridade a educação escolar (Camacho, 1993). Ennes (2001), em seu estudo, afirma que a noção de responsabilidade acaba aproximando nisseis e sanseis na escola. Alguns jovens do nosso estudo relataram que andavam em companhia de outros japoneses no ambiente escolar. HJ1 caracteriza os japoneses como inteligentes e lembra o que brasileiros afirmam sobre a inteligência dos japoneses: “[...] como é que eu vou dizer a respeito de QI, inteligência assim, uma inteligência que o pessoal considera superior”. Novamente a questão da superioridade vêm à tona, porém, “não sou eu que me sinto superior”, mas sim “o outro que se sente inferior”.

Praticamente todos os entrevistados falaram da grande importância do estudo em suas vidas e para suas famílias: quase todos tinham curso superior ou pós-graduação completos ou em andamento, ou estavam se preparando para o vestibular. Os únicos dois jovens que não mostraram grande preocupação com o estudo, nem sentiram tanta cobrança dos seus pais, são exatamente aqueles que fazem parte das famílias em que os pais não estudaram muito, pois foram agricultores e têm empregos mais humildes atualmente, chegando em Vitória por motivos que não têm relação alguma com trabalho nas grandes empresas. Ambos permaneceram por cerca de um ano sem estudar, um deles, depois de formado, porque estava cansado de estudar e o outro porque não sabia o que tentar no

⁷¹ Camacho (1993) afirma que o desempenho escolar dos descendentes de japoneses está acima da média.

vestibular. Mesmo assim ambos estudam, estando um deles cursando uma pós-graduação e o outro fazendo curso superior. Ou seja, de qualquer forma há a valorização do estudo.

A motivação principal dos nipo-brasileiros para se obter o destaque na escola é atender ao objetivo de boa educação que os pais traçam para os filhos (Camacho, 1993), mesmo que tenham que passar por situações de discriminação. O esforço para oferecer esta boa educação é reconhecido e procura-se retribuir ou saldar a dívida atendendo às expectativas. Existe uma grande preocupação da maioria dos entrevistados com o desempenho escolar. Preferem o afastamento dos colegas do que não atender à obrigação com os pais (herança cultural) e precisam manter o que é a base do seu sentimento de superioridade, ou, da caracterização positiva de seu grupo: a educação escolar. Uma das entrevistadas afirma que alguns colegas queriam ser japoneses somente pela “fama de CDF”, ou seja, pela valorização social desta característica.

MJ1: Alguns eu sentia que era um tom negativo, né. Que era, que nem é, negócio de CDF, essas coisas. Sentia que muitos invejavam assim, queriam ser japoneses só pra levar o nome de CDF, né. E eles, alguns me isolavam por causa disso, por eu ser japonesa e por, por ter essa fama de CDF, meio que afastava assim né, quando eu era mais, quando eu era pequena assim, criança, eu sentia um pouco isso, que eles me afastavam um pouco da turma, por eu, por ter essa fama de CDF [...] ainda mais sobre isso que eu me sentia meio isolada, por isso eu não gostava que me chamassem assim, aí depois eu fui crescendo e aí eu falava, tentava mostrar que nem sempre é né, que tinha japoneses e mais japoneses que podiam tirar nota baixa como qualquer outra pessoa, que a gente podia errar como qualquer outra pessoa. Eles achavam que a gente não podia errar nunca, eu me sentia muito mais pressionada né, era uma pressão assim, querendo ou não eles me pressionavam assim, pra estudar. Pra nunca ouvir comentários, nada, preferia estudar e falar assim, ah, eu tirei nota boa, realmente sou a CDF da sala, ah, tô sem saco, ficar ouvindo coisa de ninguém não, então eu acabava estudando mesmo, pra ficar, pra não ter esse negócio de CDF só, disse pra mim, ah, tem que manter, senão o pessoal fica enchendo o saco na sala, não sei o que, não posso nem tirar uma nota baixa né, trabalho tinha que ser perfeito que a professora elogiava, porque senão o pessoal ficava enchendo o saco, mas era mais essa questão mesmo.

Pesquisadora: Mas é interessante né? Que você fala assim: Ah, às vezes eu sentia que eles me isolavam, porque eles me classificavam como CDF, mas ao mesmo tempo você fala que fazia questão de manter.

MJ1: É, eu mantinha. Querendo ou não eu acabava mantendo pra não precisar ouvir, é que o comentário deles era muito pior do que o afastamento dele.

MJ3, ao falar de seu relacionamento com a família do namorado brasileiro, destaca algumas diferenças referentes à situação sócio-econômica e à estrutura familiar japonesa, enaltecendo o seu grupo e criticando o grupo de fora:

“É meio complicada, né, porque a gente tá acostumada a ter uma família estruturada, a ter um padrão financeiro, a ter prioridade que normalmente a maioria das famílias de **gente aqui fora** não tem. Tipo, a gente confia demais no estudo né, no, no valor que o estudo vai trazer pra vida da gente. As outras famílias, por exemplo na dele, ele teve que batalhar praticamente sozinho até o cursinho pra conseguir fazer faculdade. Que o pai não acredita no poder de uma faculdade pra melhorar sua vida”. (MJ3)

Destacando “Outras características” foi citado “tecnologia”. MA1 quando fala das características dos japoneses, principalmente associadas a tecnologia, diz que quando os filhos descobriram como o povo japonês é, ficou mais fácil a aceitação em ser japonês, ou seja, como cita Oliveira (1998), para os descendentes existem momentos em que se consideram como parte de um grupo e outros momentos fazendo parte do outro grupo, dependendo de o contexto favorecer ou não.

“Porque antigamente acho que eles, eles não digo que odiar, mas eles não queriam ter essa cara de japonês, não queria ter sido japonês, é, eles queriam ser igual brasileiros né. Quando descobriu como o povo japonês, como é que era, o país Japão como é que era, eu acho que isso deve ter atribuído positivamente pra eles.” (MA1)

A fala mostra claramente o desejo de “ser como os brasileiros” e que o fato de o Japão ser um país avançado ajuda na aceitação de “ser japonês”. Não há uma crítica propriamente dita a respeito dos nisseis da geração jovem se relacionarem mais com brasileiros, porém há uma tentativa de aproximá-los da cultura japonesa quando oferecem o convívio na Associação Nikkei. Lesser (2001) revela que existem ainda queixas das gerações imigrantes de que nisseis e sanseis tornaram-se brasileiros demais.

Observamos que ocorre ainda a reprodução de alguns valores tradicionais japoneses na comunidade japonesa do Estado, o que ajuda na integração e na ascensão social do grupo, assim como ocorreu em outros Estados no Brasil (Ennes, 2001). Associando estas características japonesas a outras referentes à identidade brasileira, constituem uma nova identidade em processo de construção contínua e portanto de mudanças, mas que afirma um modo de ser. Desta forma, o indivíduo mantém uma auto-estima positiva que é alcançada a partir da identificação com mais de um grupo.

4.4.b Características da comunidade japonesa de Vitória

Quadro XVI: Comparação dos japoneses de Vitória com os de São Paulo

CARACTERÍSTICAS DOS JAPONESES DE VITÓRIA COMPARADOS AOS DE SÃO PAULO	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Mais fechados	MJ1, MJ3, MJ5, MJ7, MA2	HJ3
Falsidade	MJ2	-
Menos adaptados	MJ6, MJ9	-
Não mantém tanto as tradições	MJ4, MA3	-
Mais desunidos	MJ5	HJ3
Mais abertos	MJ7	HJ3
Mais unidos	MJ4, MA1	HJ2, HA1
Diferença de grande centro	MJ3, MJ7, MJ8, MA1	HJ1, HA1, HA2, HA3
Não existe diferença	MA4	HJ4

O quadro XVI mostra as características atribuídas aos japoneses que moram em Vitória em comparação aos japoneses que moram em São Paulo. Todos os entrevistados ainda tinham parentes ou conhecidos em São Paulo, como havia sido verificado nos questionários, porém, o contato de muitos deles é bastante restrito, seja porque não têm mais tantos parentes ou simplesmente porque perderam o contato com o tempo.

A principal diferença entre japoneses que moram em Vitória e japoneses que moram em São Paulo é a própria diferença de morar em cidade menor e cidade grande. Ou seja, os japoneses daqui agem como os capixabas e os de São Paulo agem como os paulistas. Os entrevistados deram exemplos de como os japoneses de São Paulo são mais estressados, mais metidos, mais arrogantes, entre outras coisas.

“Talvez a diferença que pode existir é somente gerado por situação, quem mora na grande cidade e quem mora em Vitória que é uma coisa menor.” (MA1)

“[...] eles me parecem mais fechados e um pouquinho mais esnobes que os daqui, que parece que eles se sentem mais bem sucedidos que os daqui... você ter que, como é que fala, se esforçado mais pra sobreviver num ambiente mais complicado te deu um pouquinho mais de, né, auto-estima.” (MJ3)

“Acho que eles puxam muito o lado paulista né, paulista é mais metido, não sei o que, e realmente paulista, japonês de São Paulo é mais chato.” (HJ1)

“[...] como é cidade grande, tem mais oportunidade, quer dizer, de alguém sair fora de linha do que aqui que é menor, entendeu?” (HA3)

“Acho que o pessoal aqui é mais tranqüilo né, acho que né [...] Lá é muito, porque São Paulo, são paulino é são paulino né. São paulino veste, que anda com gravata, só fala em dinheiro, depois fala que não tem dinheiro, só quer passar por cima de outro entende [...] Aí é mesma coisa né, japonês de São Paulo é são paulino. Japonês capixaba é capixaba, entende, muito mais tranqüilo”. (HA2)

“Eu acho que o japonês que mora aqui em Vitória, que eu convivo com eles, eles são mais hospitaleiros”. (HA1)

“Os japoneses de São Paulo parecem que estão no ambiente deles e se sentem mais brasileiros”. (MJ7)

Houve dificuldade em caracterizar os japoneses de Vitória, repetindo a dificuldade em caracterizar os próprios capixabas em questão posterior. A caracterização do capixaba fica subentendida a partir da caracterização do paulista. O processo de comparação social se mostra tão importante nesta análise que sem ele não haveria como identificar os japoneses que moram no Estado. Características que desqualificavam o *outro grupo* (japoneses de São Paulo) ficaram evidentes, o que faz parte do processo de comparação grupal.

O capixaba é aquele que não é o paulista, não é o carioca, não é o baiano, como afirmado por alguns entrevistados que conseguem enxergar como *os outros* são, mas não conseguem caracterizar o grupo a que pertencem. Afirmam que *os outros* têm características específicas, ao contrário do capixaba, que é simplesmente “normal”. Falam do capixaba como se não tivesse uma identidade, porque não há nada que o destaque, como citado por outro participante. Mas como Gama Filho (2003) bem diz: “a identidade cultural capixaba também não possui uma essência nítida: ela é o que as demais identidades não são. Sua característica mais exata é ser ‘o que as outras não são’: a identidade cultural capixaba é aquela que não é a mineira, não é a baiana, não é a italiana – não é nenhuma das outras do seu sistema” (Gama Filho, 2003, pág.232). A identidade resulta da diferença, portanto da comparação, logo, a idéia de que o capixaba não tem uma identidade peca por ser superficial, pois o comparamos com habitantes de outros Estados e vemos que existem diferenças.

Na pesquisa de Inoue (2002) foram encontrados dados sobre caracterização dos dekasseguis de acordo com o Estado em que moravam no Brasil. Quando os dekasseguis estavam no Japão percebiam que havia diferenças entre os

descendentes, pois somente lá é que se sentiam realmente “brasileiros”⁷². Há uma rede de solidariedade entre os descendentes para se obter apoio moral e sobrevivência econômica, no entanto, no interior de um mesmo grupo de imigrantes, há relações de competição, mercantilização ou exploração. Seus entrevistados afirmam que os japoneses de São Paulo são mais “atirados” que os do Rio de Janeiro, que ao contrário, seriam mais passivos ou considerados mais “puxa-sacos”. De acordo com o relato dos japoneses cariocas, os paulistas não conseguiriam economizar o que ganham por gastar mais dinheiro “na gandaia” e “aprontam” muito, fazendo “gozações” em seus ambientes de trabalho com seus colegas japoneses. Uma de suas entrevistadas relata que paulistas e paranaenses tratavam diferente os cariocas, que estavam em minoria na condição de dekassegui, afirmando que eram melhores e mais determinados. O japonês carioca é apontado como “malandro”, estereótipo de qualquer carioca. Como estavam em relação de competição pela manutenção do trabalho, tentavam arrumar mecanismos para prejudicar o outro, por exemplo, deturpavam a tradução da língua japonesa no local de trabalho. Na clara situação de conflito configurada na competição pelo trabalho dos dekasseguis no Japão, os grupos se dividem pelo Estado de proveniência diferenciando-se positivamente, uns dos outros.

Mesmo para os que não têm convivência com outros japoneses e não participam efetivamente da Associação Nikkei, existe o sentimento de pertencimento ao grupo dos japoneses que moram em Vitória, o que fica claro quando se diferenciam dos que moram em São Paulo. Segundo Souza (1996) o sentimento de pertencimento a um grupo depende da “avaliação subjetiva que carrega o valor e o significado emocional de se sentir um elemento pertencente ao grupo” (Souza, 1996, pág.62).

A comunidade japonesa de Vitória, no entanto, foi bastante criticada. Ao mesmo tempo em que observamos a atribuição de características negativas à comunidade de São Paulo e, portanto, a caracterização positiva do próprio grupo e uma clara identificação com os capixabas, observamos a crítica ao grupo de Vitória. Percebemos, no entanto, que essas críticas também faziam parte de um movimento de diferenciação, agora em relação aos japoneses mais conservadores. As características dos japoneses consideradas negativas pelos brasileiros são

⁷² Os imigrantes japoneses que chegaram no Brasil não eram diferenciados pela região de origem, somente por serem japoneses, mas internamente havia uma diferenciação.

atribuídas ao grupo dos japoneses conservadores. É interessante observar que nenhum dos entrevistados considera-se pertencente a este grupo, nem mesmo os adultos. Em vários momentos houve a diferenciação em sub-grupos no grupo dos japoneses, o que é natural acontecer quando se tratam de grupos humanos (Hogg et al, 2004).

Uma diferença bastante lembrada é de que os japoneses de Vitória acabam sendo mais fechados que os de São Paulo, principalmente em relação a brasileiros. Este fechamento parece ocorrer com alguns integrantes da Associação Nikkei, de gerações mais antigas, em um movimento de preservação da cultura japonesa, que segundo nos foi informado, vem se perdendo devido à pequena quantidade de descendentes no Estado. Se considerarmos que a convivência com pessoas do mesmo grupo étnico é fundamental na manutenção da identidade étnica, aumentando ou diminuindo o sentimento de pertencimento ao grupo (Yamamoto, 2000), concluiremos que há conseqüências no processo de identificação dos japoneses de Vitória devido à reduzida comunidade japonesa que aqui se encontra.

Entendemos que a crítica dos entrevistados está justamente no fechamento aos brasileiros, fazendo-se necessário uma maior abertura para a cultura receptora, visão bastante compartilhada pelos jovens (que freqüentam com menor assiduidade a Associação Nikkei) que não se identificam com o modo de ser japonês. Percebemos que as características negativas lembradas para a comunidade japonesa em Vitória são dadas por jovens, em sua maioria. Ao mesmo tempo em que acreditam ser necessária uma maior abertura, reclamam da falta de manutenção das tradições, manutenção que ocorre em São Paulo, o que seria natural imaginar, pois o contato social é muito maior com brasileiros. O número de japoneses que utilizam a Associação como ponto de encontro é pequeno, o que acaba impedindo a promoção de mais eventos que divulguem sobre sua comunidade, assim como a construção de laços identitários mais fortes.

Esta contradição da necessidade de abertura para brasileiros e a necessidade da manutenção da cultura de origem faz parte da contradição do próprio processo de identificação dos japoneses. Ou seja, ao mesmo tempo que desejam um abrasileiramento, defendem a manutenção de algumas características típicas dos japoneses.

Os japoneses que moram no Estado seriam mais fechados porque visam a conservação das tradições, que no entanto vêm se perdendo. Os que moram em São Paulo seriam mais abertos e receptivos aos brasileiros, mantendo mesmo assim, algumas tradições. Parece contraditório, porém, a grande quantidade de japoneses em São Paulo e toda a importante história da imigração que envolveu o Estado, acabam marcando uma diferença e valorizando sua cultura de origem através do contato com outros japoneses, e concretamente, através de instituições como associações, museus, centros de estudos, bairros predominantemente japoneses e por conseqüência, um maior número de eventos para sua divulgação e fortalecimento da cultura étnica.

Tanto o fechamento dos japoneses de Vitória quanto a abertura dos de São Paulo parecem ser um reflexo das culturas locais em que estão inseridos em que o capixaba teria maior dificuldade em aceitar o diferente e, portanto, maior resistência às mudanças (chamado “provinciano” pelos entrevistados) do que os paulistas que vivem num grande centro (Quadro XVIII). Os que moram no Estado seriam mais conservadores do que os que moram em São Paulo, devido justamente à diferença de contexto.

Uma conseqüência deste fechamento pode ser a impressão de menor adaptação em comparação com os de São Paulo, onde os brasileiros já estão mais acostumados e têm maior contato com japoneses e acabam conhecendo um pouco mais sobre a cultura japonesa. Segundo alguns entrevistados, os moradores de São Paulo se sentiriam mais brasileiros por não serem apontados como diferentes como é o caso em Vitória. Vários deles afirmaram que uma diferença saliente em morar aqui ou em São Paulo, Estado que comporta o maior número de japoneses do Brasil, é que ainda os japoneses no Espírito Santo chamam muita atenção.

“É que os japoneses de São Paulo, eles tem uma visão maior do que daqui. Que daqui eu acho que eles são japoneses meio, como fala assim, sabe, não olham pros lados, olham só pra frente. Agora por isso mesmo que tem esses problemas, que tinha aqueles problemas sabe, de não concordar, japonês, japonês tinha que ser com japonês, brasileiro com brasileiro, cada um no seu lugar... a cultura deles de lá, eles são japoneses só que eles não são fechados, falam que moram no Brasil, sabem que tem outras características dos brasileiros que às vezes os filhos pegam.” (MJ1)

“[...] os japoneses de São Paulo parecem que estão no ambiente deles e se sentem mais brasileiros em relação aos brasileiros e são aceitos de forma mais natural em relação aos paulistas do que os japoneses daqui. Os japoneses daqui parecem que vivem numa comunidade ainda né, fechada, apesar de não valorizarem a associação...” (MJ7)

De forma inversa, alguns entrevistados consideraram que os japoneses de Vitória são mais abertos que os japoneses de São Paulo. O grande contato com brasileiros seria a causa de uma abertura forçada, pois não haveria como ficar entre os “seus iguais” pela pequena quantidade de nipo-brasileiros na cidade, ao contrário de São Paulo em que alguns japoneses se fechariam praticamente em “guetos”.

Obtivemos ainda respostas de entrevistados que consideram os japoneses mais unidos entre si e aqueles que consideram mais desunidos. Uma das explicações é que tratam-se de grupos distintos: os que freqüentam ou já freqüentaram a Associação Nikkei e, portanto, se conhecem e mantêm algum tipo de contato, e os que não freqüentam há muito tempo ou nunca freqüentaram. A diferença é que são considerados mais unidos os que ainda mantêm contato entre si, tendo a Associação Nikkei, um papel fundamental nesta união. São considerados desunidos os que não têm contato com outros japoneses por não freqüentarem a instituição e, portanto, se relacionam basicamente com brasileiros, “perdendo” um pouco mais da cultura japonesa.

A ocorrência de respostas contrárias para um mesmo grupo é explicada sob o ponto de vista dos diferentes entrevistados que acabam enfocando sub-grupos diferentes: alguns falam referindo-se aos japoneses que freqüentam a Associação Nikkei de Vitória; outros falam dos que não freqüentam a instituição ou que estão afastados; outros ressaltam a grande concentração de japoneses em determinadas regiões de São Paulo, formando verdadeiros guetos; e outros destacam os japoneses de São Paulo mais abertos, permitindo um maior contato com brasileiros.

Uma entrevistada destacou que os japoneses que moram em Vitória são mais falsos. Ela os compara com os japoneses do interior de São Paulo, que ela conhece e que realmente seguiriam os valores da cultura de origem, diferentemente dos daqui, que teriam os valores japoneses somente no discurso e não na prática, sugerindo que os jovens do Estado já estariam se diferenciando um pouco mais dos japoneses para se identificar com os capixabas.

“É, não sei, existem, existem várias coisas que eu sinto que o pessoal fala só da boca pra fora, por exemplo, é, pessoal fala, muito o pessoal da minha idade pra falar a verdade, pessoal fala que tem que estudar, tem que fazer não sei o que lá, não sei o que lá, não sei o que lá, só que, só que quantas vezes eu vejo o pessoal aqui, por exemplo, tentando vestibular, não passou, negócio de perseverança, o pessoal não leva muito a sério, os pais falando pros filhos, os filhos falam que eles têm também, só que ninguém leva muito a sério essa questão de estudo, é, pra passar em vestibular consegue com esse tipo de coisa, e honestidade também, eu sei que tem esse tipo de coisa que eu já vi muitas vezes, duas caras assim da pessoa aparecendo lá no Nikkei [...] É, porque, por exemplo, os garotos da minha idade tão mais preocupados em, não sei, em, sei lá, ir pro “rock”, pegar as minas lá, ou então ir pra academia ficar malhando, e estudo, tipo assim, uma coisa secundária”. (MJ2)

Muitos termos como “bicho diferente”, “ET”, “alienígena”, “não é normal”, foram utilizados pelos sujeitos para designar a diferenciação que é feita em relação aos japoneses em Vitória e sentida por eles. Nucci (2000) mostrou que os brasileiros faziam muitas referências deste tipo principalmente até o pós-guerra. Como podemos ver, os entrevistados sentem-se tão diferentes que em certos momentos utilizam estes termos para auto-designação. Joffe (1995) afirma que quando o *outro* ocupa um lugar de “aberração” pode ocorrer a discriminação.

Quadro XVII: Existência de abertura a brasileiros na Associação Nikkei

EXISTÊNCIA DE ABERTURA A BRASILEIROS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sim	MJ1, MJ7, MA1, MA3, MA4	HJ2, HA1, HA2, HA3
Com restrição	MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MJ8, MJ9, MA2	HJ1, HJ3, HJ4

Todos consideram a Associação Nikkei aberta a brasileiros no sentido literal da palavra, pois pode ser freqüentada por brasileiros. Porém, metade deles ainda acredita que existem restrições. De todos os entrevistados que afirmam que há restrições a brasileiros, apenas um deles é adulto. Todos os demais adultos não vêem diferença de tratamento entre japoneses e brasileiros dentro da Associação Nikkei, mesmo sabendo que vários brasileiros os consideram fechados. Entre os jovens que afirmam que é completamente aberta a brasileiros, todos freqüentam com mais assiduidade a instituição e têm uma relação mais próxima. Ou seja, para os freqüentadores, existe uma tendência a defender a Associação Nikkei como não discriminatória.

“É, a gente tá aberto né, sim, mas pra quem olha de fora, acha que tá fechado.” (MA3)

Os jovens afirmam que principalmente por parte dos mais velhos ocorre uma diferença no tratamento dos brasileiros que freqüentam a instituição. Esse resultado demonstra que os adultos ainda têm uma certa desconfiança em relação aos brasileiros.

No entanto, algumas entrevistadas afirmaram que mesmo alguns jovens preferem o relacionamento com japoneses, fazendo seus esportes na instituição e saindo somente com japoneses.

Foram relatadas situações de conflito entre japoneses e brasileiros configuradas no contexto da Associação Nikkei. Uma destas situações aconteceu quando uma brasileira visitou a instituição e foi recriminada por atrapalhar o evento que estava ocorrendo (jogo de vôlei). Outra situação aconteceu em uma festa na qual um brasileiro, estudante da escola japonesa, ouviu outros integrantes da Associação Nikkei comentarem, em japonês, que não gostavam dele, sem motivo algum, interpretado pela entrevistada como sendo devido ao fato de não ser japonês, pois há uma clara diferenciação em relação aos brasileiros, na sua percepção. Outras situações são relatadas por brasileiros, amigos dos entrevistados, que percebem clara distinção na instituição, também observada pelos próprios entrevistados. Quando os brasileiros entram, são considerados preguiçosos e os japoneses acreditam que eles provavelmente não levarão a sério as atividades a que se propõem participar. Os brasileiros carregam o estereótipo do preguiçoso, relaxado e não dedicado. Para que eles não sejam mal vistos pelos japoneses da Associação é necessário que já conheçam algo da cultura japonesa, como se tivessem que provar que são bons ou que pelo menos se interessam pela cultura para serem aceitos. Fica claro que ocorre uma diferenciação negativa para os brasileiros e positiva para os japoneses.

“Eu acho que ainda tá um pouco diferente porque os japoneses, realmente o pessoal além de conhecer a pessoa que tá lá, conhecer a família, não sei o que, às vezes tem uma relação maior. Com, com os brasileiros, eles são um pouco mais pé atrás pra contar com as coisas, porque tem uns brasileiros que vêm e somem, então eles, sei lá, são um pouco, pra confiar alguma coisa desse tipo, numa atividade importante [...] Os brasileiros que realmente já mostraram que estão lá pra ajudar e tudo mais, eles, acho que tratam igual, agora aqueles que tão vindo novos, ali eles ainda são meio relutantes”. (HJ4)

Para este mesmo entrevistado, os brasileiros aprendem com o tempo a serem mais responsáveis, mas sem a rigidez de conduta do japonês, que é algo criticado.

As pessoas “de fora” são aceitas depois de provar seu valor para a comunidade, auxiliando-a em suas atividades, mas segundo entrevistados, são sempre lembrados de que não pertencem ao grupo, diferenciando-os de várias maneiras, por exemplo, questionando sutilmente a capacidade intelectual ou manual.

Conseguimos perceber que, apesar da diferenciação grupal ser destacada principalmente pelos adultos, os jovens também apresentam identificação com o grupo dos japoneses, sentindo-se também japoneses. Logo, existe uma identidade étnica (Yamamoto, 2000).

Quadro XVIII: Objetivos da Associação Nikkei

OBJETIVOS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sobrevivência da cultura japonesa	MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MJ7, MJ9, MA1, MA2, MA3, MA4	HJ3, HJ4, HA2
Unir japoneses e quem se interessa	MJ8, MA1, MA2, MA3	HJ1, HJ2, HJ3, HJ4, HA1, HA3
Apoio para japoneses	MJ9, MA3	HA1
Ensinar japonês	MA2, MA4	-

Os principais objetivos da Associação Nikkei, segundo consta no quadro XVIII, na opinião dos entrevistados que participam ou não desta instituição, são de manter a cultura japonesa no Estado para seus descendentes e uní-los, o que está de acordo com o que Saito (1980) afirma sobre as funções das associações.

“[...] pra o japonês daqui de Vitória não ficar isolado. Eu, se não tivesse na Associação, eu ia ficar isolado no meu canto. Quem é que vai assim, eu vou ter contato com os japoneses aqui em Vitória?” (HA1)

“Integrar, porque se não tiver, quando que eles vão se encontrar? Não tem.” (MA3)

Outra função citada por Saito (1980) que surge no discurso de alguns entrevistados, é oferecer um ponto de apoio aos japoneses. Esta era das mais importantes funções, pois ajudava no processo de adaptação e integração na sociedade adotiva e foi fundamental para a comunidade japonesa que começava a se formar no final dos anos 70. No entanto, hoje, não parece tão necessário neste sentido, pois os

participantes se consideram bem adaptados, servindo somente como referência para os japoneses que acabam de chegar a Vitória. Era uma forma de apoiar os membros de um grupo considerados diferentes pelos capixabas e que não tinham referência alguma além dos próprios japoneses que vinham para Vitória na mesma situação: não tinham parentes, não conheciam ninguém e não conheciam a cidade.

Para muitos a divulgação também é uma importante função da associação, mas não é para todos que esta função é bem realizada. Falta divulgação da cultura japonesa que não é conhecida por muitos em Vitória como afirma MJ1. Respostas como ensinar a língua japonesa e dar apoio para a comunidade, também foram encontradas.

“Hoje funciona uma escola e hoje a gente dá apoio, apoio pra todos os moradores assim, é, por exemplo, pessoas isseis, são pessoas do Japão mesmo, né.” (HA1)

Alguns entrevistados também deram sua opinião quanto ao que achavam da Associação Nikkei. Ela é vista como antiquada e pouco motivante para MJ6. Alguns participantes declararam que a associação em Vitória é conservadora e tenta manter tradições que existiram somente na época em que imigraram para o país e não existem mais.

“[...] parece que eles estão assim no passado e não vê o que que tá acontecendo hoje... Aí não sei, a maneira de fazer isso acho que fica antiquado.” (MJ6)

É interessante a observação de um issei que afirma que sempre têm pessoas que querem manter as tradições e isso é importante, porém, “a cultura em si você tem que revolucionar, senão cultura morre”. Afirma que se não há revolução na cultura, provocando mudanças para melhorá-la, ela empobrece. Fala também das dificuldades de quem questiona um sistema de funcionamento e que isso causa conflito, pois todos querem “mais ou menos homogêneo”, ou seja, se um grupo já possui uma forma de funcionamento instituída, qualquer movimento que visa uma nova conformação deste grupo é visto como ameaça.

Os integrantes adultos da Associação Nikkei são considerados mais tradicionalistas. Entrevistados afirmam que eles são resistentes a mudanças na instituição e que ainda predomina um sistema hierárquico nas relações internas. À medida que as

crianças que freqüentavam a Associação iam crescendo, diminuía o interesse pela cultura japonesa e aumentava o desejo de identificação com os capixabas que eram as pessoas com maior convívio cotidiano na escola e no trabalho. Com isso, diminuiu também o número de nipo-brasileiros que freqüentam a instituição. Yamamoto (2000) afirma que para a manutenção de valores e costumes é importante que haja convivência e relação com membros do mesmo grupo étnico. Desta forma, como a instituição é o único lugar de encontro de japoneses, os que daí saem estariam menos orientados etnicamente, pois estariam convivendo e participando mais das atividades da vida brasileira acarretando um sentimento de pertencimento maior ao Brasil.

MJ7 “interpreta” o que os jovens sentem em relação à Associação Nikkei:

“Eu acho que alguns se sentem bem de estar no meio de japoneses, dentro do, principalmente os mais velhos, dentro daquele ambiente, né, mas os mais novos assim, os rapazes de 20, 15 anos, eles se sentem meio presos àquela questão, eles vão lá, mais porque o pai, a mãe, estão de certa forma impondo, de uma forma inconsciente, de uma forma inconsciente impondo aquela cultura pra eles. Eles tão lá, mas na realidade eles não sentem vontade de ir pra lá assim. Acho que na realidade eles prefeririam tá no meio de brasileiros, viver como os brasileiros assim. Apesar de não conseguir às vezes”. (MJ7)

Para aprender o idioma utiliza-se uma metodologia que exige que o aluno seja japonês, com sua disciplina, pois nas aulas não se aprende somente a língua, mas também a cultura (Ennes, 2001). Isto é desestimulante para vários estudantes que não se identificam mais e não querem ser “japoneses”. Os jovens até começam a estudar, mas depois param por desinteresse. Alguns entrevistados ressaltam que muitos brasileiros não se adaptam a esse sistema e nas aulas não são tão bem vistos quanto os descendentes por conhecerem pouco sobre a cultura.

Para muitos japoneses, por não se sentirem tão brasileiros, os locais de encontro nikkei, como as associações, dão a sensação de estar em casa, ao contrário dos locais freqüentados no dia-a-dia com brasileiros (Lesser, 2001). Em São Paulo, por exemplo, existem muito mais associações, além de boates, festas e até um bairro predominantemente de japoneses. Isto seria uma reação à rejeição dos brasileiros às identidades hifenizadas.

Um dos entrevistados adultos considera a Associação Nikkei uma segunda casa, onde se encontra sempre com os amigos japoneses nos momentos de lazer e tem

um grupo de amigos que fazem reunião constantemente, ajudando financeiramente uns aos outros. Alguns adultos só têm a Associação como local de lazer e de suas atividades cotidianas. Não chegam a formar grupos com brasileiros, só com japoneses.

“Então lá, eu me sinto assim como minha segunda casa lá... eu tenho um grupo, nosso grupo já, há quase 10 anos são as mesmas pessoas... A gente reúne, por exemplo, esse mês de agosto, esse mês foi reunião lá em casa, então a gente almoçou, passamos o dia todo lá em casa, jogamos baralho, é, cantamos karaokê, né, e vai rolando, faz o sorteio... quem for sorteado ganha R\$2.400,00 naquele mês, aí é um empréstimo que você faz isso com seus amigos que tá precisando.” (HA1)

Este tipo de aliança descrito por Ennes (2001) seria “um mecanismo de ajuda mútua não institucionalizado e baseado nos códigos de honra de seus participantes”, prática tradicional japonesa em que seu código básico é a honra, também citada por Benedict (2002). Este é um dos mecanismos de solidariedade da comunidade japonesa que está pautada muito mais no coletivismo.

Outra entrevistada, jovem, que frequenta com um pouco mais de assiduidade a Associação Nikkei, afirma que seus integrantes convivem há muito tempo e acabam tornando-se parentes, pois “todo mundo toma conta um pouco de todo mundo”.

Para as mulheres adultas existe a rotina das atividades da Associação Nikkei, pois não trabalham e geralmente não exercem outra atividade. Para os homens a frequência nesta associação não é tão grande já que tem outras atividades com que se ocupam. MA3 comenta que as mulheres de sua geração que vieram para Vitória têm curso superior (todas as entrevistadas fizeram faculdade), mostrando um novo movimento que estava ocorrendo entre os imigrantes, não só do sexo masculino como do sexo feminino, que era o de alta escolarização. Porém, escolheram vir para Vitória acompanhando seus maridos, abandonando seus empregos e tornando-se donas-de-casa por opção ou por “falta de opção”, como é destacado por uma das entrevistadas que afirma que se estivesse em São Paulo teria um trabalho fora de casa. Ainda predomina um modelo de família japonesa tradicional em que o homem se responsabiliza pelo sustento da casa e a mulher se responsabiliza pelos assuntos da casa e pela educação dos filhos, transmitindo os valores culturais japoneses (Camacho, 1993). Isto fica mais claro na entrevista de HA2 que afirma que é mais fácil encontrar uma boa esposa que se dedique à casa entre as japonesas que não

tiveram uma educação ocidental ou entre as nipo-brasileiras que apresentam ainda algumas características japonesas.

Observamos, portanto, que há resquícios de um sistema tradicional hierárquico nas famílias e na instituição japonesa em Vitória, dado também encontrado na pesquisa de Camacho (1993). Outro indicativo de manutenção da cultura japonesa por algumas famílias é o uso da língua japonesa dentro de casa.

Uma das entrevistadas (MA2) afirma que é mais fácil estar entre os mesmos (que seria o *in-group*) do que entre os brasileiros (que seria o *out-group*), fazendo referência ao fato de que entre os japoneses a competição é menor e estão entre “iguais” que se apóiam. Tajfel (1983) e Sawaia (2001) descrevem este movimento de proteção aos membros do próprio grupo. Ser um membro do *in-group* (descendente de japoneses) permitiu que esta pesquisa fosse desenvolvida com tranqüilidade, pois apesar de não freqüentar a Associação Nikkei, já conhecia alguns de seus integrantes e outros conheciam minha família. No início havia desconfiança quanto ao trabalho, porém, depois de explicada minha origem – quem era minha família – as pessoas passaram a me receber melhor. Outros trabalhos feitos por brasileiros (Inoue, 2002; Demartini, 2001) fizeram considerações a respeito do estranhamento que causaram nos grupos pesquisados e as dificuldades ocorridas em função de não serem “participantes do mesmo grupo”.

A maioria dos entrevistados freqüenta a Associação eventualmente, quando há algum evento especial. Dois adultos não consideram a instituição tão importante, é somente para “esquentar uma vez por mês, uma vez por dois meses” (HA2). Um deles acredita que algumas características dos japoneses devem ser substituídas por outras para se adequar ao contexto capixaba. Deixa claro, portanto, que apesar de ser issei, compreende que não é possível permanecer fechado às mudanças. O outro entrevistado, prefere não se relacionar nem com japoneses, nem com brasileiros, pois sua preocupação é com os gastos que possíveis círculos de amizade podem trazer.

São unânimes ao falar da necessidade de abrir a Associação para brasileiros já que os japoneses não freqüentam mais, por desinteresse dos jovens que preferem ficar entre brasileiros ou porque foram embora do Estado. O número de associados

freqüentadores diminuiu, segundo os entrevistados, assim como algumas de suas atividades, por exemplo, o baseball deixou de existir para funcionar em seu lugar o “softball” por falta de participantes. Os filhos dos japoneses têm mais ou menos a mesma faixa etária, pois seus pais vieram na época da CST, e, portanto ainda não tiveram filhos. A Associação vem se abrindo a brasileiros aos poucos há cerca de nove anos, sendo mais efetiva há cinco anos. Antes era bastante rigorosa no que diz respeito à entrada de brasileiros. Muitos acreditam que daqui a alguns anos a Associação será extinta justamente por causa do desinteresse. Assim como Ennes (2001) verificou em sua pesquisa que o abrasileiramento contribuiu para a diminuição da colônia de Pereira Barreto, o abrasileiramento tem contribuído para a diminuição do número de freqüentadores da Associação Nikkei em Vitória.

Os participantes consideram que a abertura é bastante recente. As modificações foram produzidas nas relações entre japoneses e brasileiros e na necessidade de se abrir. A influência dos brasileiros já é tão grande que alguns dos entrevistados relataram que dentro e fora da instituição já tem o “jeitinho brasileiro”, por exemplo, na comida japonesa ou na organização de alguns eventos. Existe também o desejo de abrasileirar mais a associação por considerar que ainda não está adequada aos freqüentadores nipo-brasileiros, mais parecidos com brasileiros. Ao mesmo tempo, alguns poucos entrevistados jovens reclamavam que a influência brasileira na Associação estava presente, descaracterizando as práticas da cultura japonesa e causando a perda da mesma. Há uma tentativa de proteção às práticas culturais de origem, não só das gerações mais velhas, quando percebem que estas podem desaparecer.

A participante MJ5 demonstrou receio em responder esta questão, perguntando o que seria escrito sobre a Associação Nikkei na dissertação. Ficou claro que havia uma preocupação em proteger a imagem da instituição. Disse que é uma instituição aberta, mas tem seus preconceitos. Fez um relato que em uma ocasião, há cerca de quatro anos atrás, em que levara uma amiga brasileira, esta foi destrutada. Disse ainda que existem muitas “panelinhas” dentro da associação, idéia que vem acompanhada de várias opiniões semelhantes dos outros entrevistados.

Percebemos que a maior preocupação na manutenção da cultura tradicional japonesa é dos adultos e que os jovens não se interessam tanto mais em aprender

sobre a cultura e a língua, também verificado em pesquisas em São Paulo (Jornal Nippo-Brasil, junho de 2003). Há poucos jovens que freqüentam com alguma regularidade a Associação para as diversas atividades, a não ser que estudem a língua, e a maioria sabe pouco o idioma. O número de japoneses que estudam a língua japonesa é bem menor do que nos primeiros anos de funcionamento da escola japonesa. Quase metade dos alunos é de brasileiros que tem fascínio pela exótica cultura japonesa, tão em voga, ou pelos famosos desenhos japoneses como mangá e anime. Verificamos através de dados obtidos na secretaria da Associação Nikkei de Vitória⁷³ que, em um total de 33 alunos matriculados, praticamente 50% deles já são brasileiros. A faixa etária de maior concentração de alunos é entre 15 e 25 anos. Entre os brasileiros dessa faixa etária os homens jovens se interessam em estudar a língua japonesa mais do que as mulheres jovens. Quanto ao grande número de brasileiros estudando o idioma japonês, MJ6 comenta:

“Aí, quando eles abriram isso [a escola japonesa para brasileiros] quem procurou eles também não era mais japonês entendeu? Quer dizer, então, quer dizer, o japonês não gosta de ser japonês?”

No entendimento da entrevistada, não se desvincula o aprendizado da língua japonesa do aprendizado da cultura japonesa, assim como afirma Ennes (2001), portanto, não querer aprender japonês pode significar não querer mais saber sobre sua cultura de origem, negando-a.

Todos os adultos (acima de 30 anos) que fazem nihongakô⁷⁴ são brasileiros. Os entrevistados adultos sabiam o suficiente da língua japonesa para se comunicar entre eles e, portanto, não necessitavam de aulas, o que deve provavelmente acontecer à maioria dos freqüentadores desta faixa etária que são japoneses nascidos no Japão e nisseis ou sanseis nascidos em São Paulo com bastante contato com a comunidade nikkei.

O funcionamento da Associação Nikkei é mais criticado do que elogiado e a maior parte dos entrevistados, principalmente jovens, acredita que um abasileiramento seria o ideal pelos seguintes motivos: ter sócios, ter um sistema mais flexível ou

⁷³ Dados obtidos em janeiro/2005 para os alunos matriculados até a época junto à secretaria da Associação Nikkei de Vitória. Para denominar japonês foi considerada qualquer pessoa que tivesse pelo menos um dos sobrenomes em japonês.

⁷⁴ Escola japonesa.

mais brasileiro, necessidade de abertura já que estamos no Brasil. O contato é muito maior com brasileiros e por isso talvez esteja acontecendo uma perda maior da cultura de origem do que em São Paulo. O fato da cultura japonesa não ser forte no Espírito Santo – nem todos conhecem – pode contribuir também para o desinteresse dos próprios nipo-brasileiros que aqui residem.

4.4.c Características dos capixabas

Quadro XIX: Características atribuídas aos capixabas

CARACTERÍSTICAS DOS JAPONÊSES	Positivas		Neutras		Negativas	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1. Normal e Comum	-	-	MJ4	HJ1, HJ2	-	-
2. Tranquilo	MJ6, MA3	HJ3, HA1	-	HA2	-	-
3. Descontraído	MJ1, MJ5, MJ6, MA3	HJ4	-	-	-	-
4. Amigável	MJ2, MJ3, MJ5, MJ6, MJ7, MJ8, MJ9, MA1, MA2	HJ2, HJ4, HA1	-	HA2	MJ9	-
5. Trabalhador e Honrado	MJ7, MA2	-	-	-	-	-
6. Estudioso e Esforçado	MA2	HA2	-	HA2	-	-
7. Disciplinado e Organizado	-	HA2	-	HA2	-	-
8. Provinciano	-	-	-	-	MJ3, MJ5, MJ7, MJ8, MJ9, MA4	HJ1, HA3
9. Pouco dedicado	-	-	-	HA2	MJ1, MJ6, MA2	HJ1, HJ3, HJ4, HA1, HA3
10. Outras características	-	HJ4, HA3	-	HJ1, HA2	-	HJ1, HA3

Há mais características positivas lembradas do que negativas para os capixabas como podemos observar no quadro XIX. É interessante observar que muitos japoneses se identificam com os capixabas quando é necessário compará-los a grupos de outros Estados e, portanto, qualifica-os positivamente. Por vezes utilizam o pronome “nós” quando se referem a capixabas.

A palavra mais citada pelos entrevistados é “amigável”. Os capixabas são considerados receptivos apesar de alguns participantes declararem que pessoas de fora do Estado os consideram pouco simpáticos ou às vezes fechados. Novamente

fica clara a identificação com o capixaba, caracterizando-o positivamente, apesar dos *outros* o caracterizarem negativamente.

“Porque as pessoas assim, cariocas, paulistas, que vem morar aqui, eles fazem comentários, né, que os capixabas são, são mais na deles assim, não são muito simpáticos. Mas eu não sei, não sei se é porque eu sou capixaba, eu não sinto essa diferença assim”. (MJ4)

Quando se referem às características negativas do capixaba, utilizam a identidade japonesa, colocando-se em diferenciação grupal em relação aos capixabas. Existe um compartilhamento das crenças e atitudes do grupo dos japoneses, assim como a percepção da diferenciação dos outros grupos (brasileiros e japoneses do Japão) com a carga de valor que atribui mais características positivas ao próprio grupo. Isto faz parte do processo de categorização social, separando em grupos, cada qual com suas “ações, intenções e sistemas de crenças” (Tajfel, 1983, pág.289 e 290).

“Provinciano” também é bastante lembrado e aqui será entendido como quem não aceita modernidade, não aceita/ não respeita a diferença, é desconfiado, repara em todos que têm algo diferente, regionalistas e quem tem a “mentalidade limitada”. Falam isto, em alguns casos, quando se referem à falta de respeito que sentem no tratamento dos que são considerados diferentes, como os japoneses por exemplo.

“... eu acho que provincialismo incorpora tudo, é, falta visão sabe, de tudo, fica fechado nessa Vitória, uma visão assim curta, fechada.” (MA4)

“É, eles são fechados pra gente de fora (risos)... Sabe porquê? Às vezes a gente que vem de fora, eles acham que a gente tá tirando o espaço deles.” (HA3)

Quando afirmam que os capixabas não sabem lidar com a diferença, falam de modo geral também, em relação a todos os grupos excluídos.

“Capixaba não, não, ele não sabe lidar muito assim com o diferente mesmo e eu digo isso não só com relação aos japoneses não, em escola assim, que eu dei antes... o menino que tem deficiência física, o negro, o japonês, o gay, tem muito discriminado aqui, eu acho que aqui o grau de preconceito com relação às coisas é muito grande.” (MJ9)

A falta de pontualidade dos brasileiros é algo que os entrevistados destacam, fazendo uma crítica à questão de um mau desempenho no trabalho.

“Porque pontualidade brasileiro não tem, né, agora não digo assim só o capixaba, é o brasileiro em geral. Dez horas, vai aparecer dez e meia, às vezes até esquece, né e nem pra telefonar, né” (MA2)

Falta de dedicação, preguiçoso, folgado, parado, entre outros termos, são bastante citados pelos entrevistados, fazendo um contraponto às características citadas como positivas para seu próprio grupo. Outra característica considerada negativa atribuída aos capixabas é que eles erram e não se preocupam em não errar novamente. Para os japoneses o auto-sacrifício, no trabalho e no estudo, é fundamental, visto que organizam suas vidas de forma muito rígida no que diz respeito às obrigações. Benedict (2002) também caracteriza os japoneses de forma contrária aos ocidentais, explicando que os japoneses são por demais rigorosos no tratamento do trabalho e estudo devido ao “giri”.

“Aí eu sempre falo com ela, falo o seguinte, você quer vir trabalhar ou, ou, ou você quer cumprir horário, né? Então sempre falo assim, no Japão, no Japão, né, você vê, não conheço os costumes de lá, eu sei que no Japão, primeira coisa, primeira coisa no Japão quando você entra numa empresa você tem que dedicar a essa empresa totalmente a empresa, né. Você tem que deixar sua família em segundo plano e tem que dedicar a empresa. Porque ele que dá sustento pra você né. Então aqui eu sempre falo pra ela né, se você tá aqui pra ganhar o dinheiro aqui, tem que dedicar a empresa né, não é chegar 8:10, 8:15, 8:30hs né.” (HA1)

Observamos no trecho acima que a importância dada ao trabalho chega a ser maior do que à própria família. O empenho que é esperado naturalmente pelos japoneses, como uma retribuição ao “benefício” do sustento de sua casa, não é atendido pelos brasileiros, pois não estabelecem a mesma ligação de lealdade à empresa. Não existem as relações de obrigações, débitos e pagamentos no ambiente de trabalho entre os brasileiros.

HA2 considera que vêm ocorrendo mudanças no cenário capixaba no que diz respeito ao empreendedorismo. As pessoas vêm se tornando mais ambiciosas e mais responsáveis com o crescimento da cidade, das empresas e tem dado oportunidade para crescimento. Hoje os empresários não vêm mais de fora, são de dentro do Estado e isso é considerado positivo.

Ocorre a atribuição de características negativas para os capixabas, considerados o *outro grupo*. Quando os entrevistados se diferenciam dos brasileiros, geralmente ocorre porque estão fazendo referências ao contexto escolar ou de trabalho, onde os japoneses são valorizados.

“... não se preocupam em fazer antes assim essas coisas. Preferem fazer tudo correndo, né, eu acho que, eu acho isso um pouco negativo, eu acho que se fizesse as coisas, eu prefiro fazer as coisas com calma e fazer antecipado... Mas eu acho que tinha que ser um pouco mais dedicado, um pouco mais preocupado né...” (MJ1)

No entanto, observamos que para os ambientes de trabalho já há críticas em relação à rigidez do japonês, afirmando que os capixabas são mais maleáveis (categoria “Outros”). Respostas positivas ligadas a estudo e trabalho também apareceram para os capixabas, mesmo que citadas por poucos entrevistados, explicitando uma mudança no pensamento ocidental quanto à maior valorização destes aspectos.

“Japonês dá muito valor no estudo que dá. Agora brasileiro estudando muito também entende... Mas japonês é muito inteligente. Deu muito valor no estudo também, desde a primeira migração.” (HA2)

Quanto à questão da diversão dos capixabas, alguns entrevistados ressaltam sua valorização nos dias atuais e que os próprios japoneses estão começando a mudar o pensamento de que a diversão é necessária no dia-a-dia e não somente trabalho e estudo. A questão do lazer é colocada em um outro patamar de importância atualmente. Este novo pensamento é muito comum entre os jovens, porém alguns adultos também demonstraram que concordam com esta visão mais recente.

“[...] eu acho que se divertir faz bem né pra qualquer pessoa... Acho que se você tá bem você consegue fazer as coisas melhor, você cumpre suas tarefas melhor desde que você tenha consciência que tem uma tarefa a cumprir entendeu.” (MJ1)

Em relação a isto, MJ3 se identifica com os capixabas também – anteriormente havia se identificado com japoneses – ressaltando que não se sente pertencente nem a um grupo nem a outro, ao mesmo tempo em que tenta se mostrar melhor que os japoneses para ser aceita, já que é mestiça. Parece haver uma questão a mais para os mestiços que não se identificam nem com brasileiros, nem com japoneses e nem com os nipo-brasileiros. Novamente aparecem como um sub-grupo. O trecho abaixo mostra a identificação de MJ3 com os capixabas quando fala “a gente” referindo-se aos capixabas.

“Espontâneos. **A gente** faz o que dá na telha.” (MJ3)

Grande parte dos participantes apresentou dificuldade em responder esta questão de caracterização dos capixabas. Alguns não conseguiram caracterizá-los dizendo somente que são normais, comuns.

“Agora capixaba, capixaba não tem, o capixaba é uma coisa, é um tipo assim, são vários tipos, não sei, juntos.” (MJ4)

“Pessoas normais, não tem palavras pra caracterizar.” (HJ2)

Ocorre a generalização das características atribuídas aos capixabas para os brasileiros de forma geral por vários participantes (MJ5, MJ8, HJ2, HA1).

Vários entrevistados identificam as pessoas que geralmente fazem piadas e brincadeiras de mau-gosto nas ruas como sendo crianças e pessoas mais humildes, caracterizando os capixabas também segundo estas experiências.

“Acho que, ignorantes, alguns, né, acho que falta também respeito, educação... Acho que é mais com, só das pessoas mais humildes né... uma pessoa educada não, geralmente não faz entendeu, não vai falar mal de japonês, na lata assim, pessoa educada já não faz esse tipo de coisa.” (MJ5)

MA3 e MJ8 criticam a tranqüilidade dos capixabas no trânsito, visto de forma negativa, pois acabam atrapalhando os outros.

MA3 ao falar dos capixabas o faz comparando com paulistas, com quem conviveu boa parte da vida. Diz que os capixabas vivem melhor, são mais tranqüilos, enquanto os paulistas são bastante estressados.

Foi possível notar que dependendo da situação os entrevistados se colocavam iguais aos capixabas e em outras situações criticavam os capixabas como diferentes. Quando citam os estressados paulistas, falam que não são tranqüilos como “nós capixabas” e quando falam da falta de responsabilidade dizem que os capixabas não são como os japoneses.

Uma das entrevistadas comenta que não sabe dizer como os capixabas são porque teria que dizer como ela própria é.

4.4.d Características dos japoneses na visão dos brasileiros

Quadro XX: Características atribuídas aos japoneses pelos capixabas

CARACTERÍSTICAS DADAS PELOS CAPIXABAS	Positivas		Neutras		Negativas	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1. Características Físicas	MJ4	HJ1	MJ2, MJ6	-	-	HJ1
2. Trabalhador e Honrado	MJ2, MJ5, MJ6, MJ7, MA1, MA4	HJ1, HJ3, HA1, HA2, HA3	-	-	-	-
3. Estudioso e Esforçado	MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MJ7, MJ8, MJ9, MA1, MA2, MA3	HJ1, HJ2, HJ3, HJ4, HA1, HA2, HA3	-	-	MJ6	-
4. Disciplinado e Organizado	MJ1, MJ3, MJ8, MJ9, MA2	HJ4, HA1, HA3	-	-	MJ3, MJ9	HA3
5. Tímido e Sensível	MJ9	HJ1, HJ2	-	-	MJ1, MJ3, MJ5, MJ7, MA3	HJ3, HJ4
6. Conservador e Submisso	MJ7	-	MJ2, MA4	HJ2, HA2, HA3	MJ2, MJ3, MJ8	-
7. Falso e Machista	-	-	-	-	MJ2	-
8. Outras Características	MJ3, MA4	HA3	MJ5, MA4	HJ4	MJ9	-

No quadro XX a maioria dos entrevistados relata que ouve muitos elogios, mais do que críticas, ou seja, são avaliados mais positivamente do que negativamente pelos capixabas. Isto pode ter ocorrido pelo simples fato do grupo não tender a evidenciar coisas negativas sobre si mesmo, ou porque, de maneira geral, são reconhecidos mais pelas qualidades. Muitos afirmaram que a visão que têm do seu próprio grupo é a mesma que os brasileiros têm deles, ou seja, corroboram a idéia de que a identidade é constituída nas relações intergrupais (Tajfel, 1983; Hogg et al, 2004).

Muitos brasileiros elogiam os japoneses como já havia sido afirmado em questões anteriores, principalmente na escola e no trabalho.

“A maioria fala bem.” (HA3)

“Eu acho, porque tudo o que você vê na escola sobre Japão fala bem. Com a tecnologia, os avanços, só isso que você ouve na escola” (MJ5)

A característica mais ouvida é *inteligente*. MJ4 e MA3 afirmam que os brasileiros consideram os japoneses inteligentes, mas eles não vêem como algo natural, próprio da etnia.

“Eu acho que nós, é, nós (risos), a gente meio que assim, a gente, é por esforço mesmo, não é uma coisa natural assim.” (MJ4)

“Japonês não é inteligente, inteligência não muda ninguém. Eu acho que o que muda é o esforço, né.” (MA3)

Muitos falam do estereótipo do japonês estudioso e certinho. Os entrevistados afirmam tentar manter este estereótipo esforçando-se para obter sucesso escolar. Realmente, há uma valorização do estudo na comunidade, reconhecida tanto pelos próprios, como pelos brasileiros.

“Trabalhador e honrado” também é uma categoria bastante lembrada. Uma das entrevistadas que é mestiça, relata que seus colegas de faculdade consideram vantagem ter um sobrenome japonês para sua futura atuação profissional como médica. Os pacientes a escolheriam devido a sua descendência, somente pelo estereótipo que o japonês tem de estudioso, relacionado a sua origem étnica. Afirma ainda que “[...] mesmo o cara sendo brasileiro, tendo cara de japonês, nome japonês, eles acabam ligando um pouco às vezes a essa imagem de ser mais estudioso e tal, e ser melhor [...]”. Os brasileiros não conseguiriam diferenciar os japoneses do Brasil dos japoneses do Japão.

Alguns entrevistados relataram situações de exclusão na escola por serem considerados muito dedicados ao estudo ou por serem reconhecidos como bons funcionários nos ambientes de trabalho. MJ6 afirma que no Brasil não se valoriza quem gosta de estudar, como acontece no Japão, e era rejeitada pelos colegas que estavam “preocupados em namorar”, sendo, muitas vezes, motivo de risada; MJ1 relata a cobrança que havia por parte de alunos para que tirasse as melhores notas porque era “japonesa” e como a excluía, deixando-a sozinha na escola; e MJ3 era taxada de “velha” por se comportar de uma forma mais recatada quando “tinha que parecer gostosa”, afirmando que os japoneses procuram não parecer vulgares, mas sempre inteligentes e interessantes, ou seja, há um prejuízo nos relacionamentos interpessoais. Já HA3 interpreta como ciúmes o comportamento dos brasileiros em

seu trabalho por considerarem os japoneses mais dedicados e mais corretos. Em situações de competição (que é também uma situação de conflito), como as citadas nos ambientes de trabalho e estudo, os entrevistados ressaltam as características japonesas que os favorecem apesar de sentirem que são excluídos. Esta é uma situação de conflito em que o sentimento de pertencimento ao grupo dos japoneses é incrementado, o que faz parte do processo de identificação social (Tajfel, 1983).

Colocar o grupo de japoneses em posição que os destaque em determinados âmbitos não quer dizer que seja favorável aos relacionamentos cotidianos, pois como Nucci (2000) mostra, isso serve para diferenciá-lo ainda mais, e os aspectos que são, de forma geral, considerados positivos acabam invertidos, parecendo negativos. Como Geraldes (1998) destaca, a inclusão dos japoneses acontece em determinados âmbitos, não em todos e de forma definitiva.

MJ9 descreve o que os brasileiros e ela mesma acham engraçado no comportamento dos japoneses de forma geral, indicando que para os próprios descendentes esse comportamento japonês já é considerado diferente. Afirma que há um tom pejorativo quando os brasileiros falam que os japoneses são engraçados:

“[...] sempre os gestos e cultura mesmo assim, esses undo-kais⁷⁵ que têm o jeito de andar, às vezes, que mais? Jeito de vestir, que é diferente né, a forma como eles se organizam, por exemplo, todo mundo é, é, se reúne, os japoneses né, vão cantar lá o karaokê, aí canta as músicas em japonês e as músicas são engraçadas pros brasileiros nesse sentido assim. Todo mundo ri, a forma como os japoneses gargalham é diferente da, né, cultura brasileira, especialmente os mais velhos, acho que isso eles vêem como engraçado nesse sentido.” (MJ9)

Brasileiros ressaltam que consideram o grupo de japoneses do Estado fechado. MA3 justifica o grupo em um movimento de proteção ao *in-group*.

“Eles falam né. Acaba fechando um pouquinho né, porque a gente tem que ter uma comunidade né e acaba que você freqüentando uma comunidade e trabalhando nisso também. Interesse é diferente um pouquinho né. Pelo fato da nossa cultura recente né, atividades assim, e acaba fechando as atividades. Não que a gente não seja aberto não né, não dá pra ficar fechado não né, porque somos poucos né.” (MA3)

A crença dos brasileiros de que o japonês é honesto tem como sinônimos, bobo e trabalhador para HA2. Ele acredita que é necessário que o japonês seja mais esperto, mais malandro de vez em quando.

“Mas de vez em quando tem que ser um pouco de esperto para não ser muito honesto de, não, eles tem que saber agir, senão honesto é bobo, mesma coisa né”. (HA2)

Os brasileiros têm mais personalidade que os japoneses segundo HA2, pois os japoneses seguiriam um padrão, enquanto os brasileiros poderiam “mostrar sua individualidade”, baseados numa sociedade igualitária que prega a liberdade. Benedict (2002) afirma que a sociedade japonesa, baseada em forte hierarquia, não permite que seus cidadãos saiam da “devida posição” que ocupam nos contextos, não ultrapassando os limites, ficando dentro do padrão que é esperado. Os papéis, as funções e as condutas são muito bem definidos. Kitahara (1998) reitera a idéia da padronização, afirmando que o Japão produziu cidadãos que não gostam de quebrar as regras.

“É porque japonês é esforçado, mas é tudo dentro de padrão [...] Porque japonês é preparado pra, para encaixar... Não tinha muito movimento, emprego vitalício entende, tudo encaixado né. Gente não queria este tipo de destruição, renovação muito, não queria. Tradição né, tradição.” (HA2)

“Que o japonês às vezes é muito, segue muito a risca um padrão né. E não consegue desviar um pouco. E tem que seguir aquela regra né, aquela regra estabelecida, sem nenhum desvio. Esse é o problema maior do japonês.” (HA3)

Outra característica que segue essa linha de pensamento é “sincero” (categoria “Trabalhador e honrado”), pois significa o empenho em seguir a “estrada” traçada pelo código japonês e pelo Espírito Japonês. É muito importante para os japoneses que aceitem as regras e que joguem de acordo com elas.

Ser “certinho” (categoria “Disciplinado e organizado”) é uma imagem que os japoneses e nipo-brasileiros procuram manter frente aos brasileiros. No questionário da primeira fase da pesquisa um dos entrevistados afirmou que evita certas situações em que seja questionada a sua postura de “japonês correto” (questão 29). Ele escreve literalmente que evita “ficar bêbado e fazer bagunça – o japonês tem fama de ser sério”. Na entrevista, ele reitera que não gosta de fazer “farra” e ficar “zoando” como os amigos brasileiros, porém, ao contrário do questionário, afirma não ter certeza se este comportamento está relacionado a uma herança japonesa e se está relacionado o faz de forma “inconsciente”.

⁷⁵ Undo-kai: competição de atletismo e de brincadeiras.

Quanto à categoria “conservador e submisso” em que os brasileiros classificam os japoneses, Benedict (2002) já havia nos falado:

“Pois as pressões sociais no Japão, por mais voluntariamente que sejam acolhidas, exigem demais do indivíduo. Obrigam-no a ocultar suas emoções, a renunciar aos seus desejos e a erigir-se no representante em evidência de uma família, organização ou país. Os japoneses demonstraram ser capazes de se sujeitar a toda auto-disciplina exigida por tal norma. Mas o peso sobre eles é demasiado. É demasiado o que são obrigados a reprimir”. (Benedict, 2002, pág.263)

Diversas características citadas como negativas nesta categoria, sob o ponto de vista ocidental, ficam expostas no trecho acima como a auto-disciplina, a repressão das emoções e a renúncia dos desejos.

Uma característica descrita por um dos participantes é de que alguns brasileiros acreditam que os japoneses são “ricos” (categoria “Outras características”). Isso pode ser devido ao fato de muitos deles, especialmente em Vitória, estarem bem colocados na escola e no trabalho por outras características que fazem parte da identidade japonesa como perseverança, paciência e esforço. Segundo Ennes (2001) estes atributos foram fundamentais para que os japoneses alcançassem certa estabilidade econômica. MA4 acredita que os brasileiros sentem admiração, respeito e curiosidade.

Inoue (2002) afirma que os brasileiros consideram todos os nikkeis, inclusive os mestiços, como japoneses pelos traços étnicos e por atributos como disciplina, correção, dedicação ao trabalho e perseverança, todas características citadas pelos participantes.

4.5 SOBRE A ADAPTAÇÃO DOS JAPONESES NO ESPÍRITO SANTO

4.5.a Inserção e adaptação dos japoneses no Espírito Santo

Quadro XXI: Inserção e adaptação dos japoneses em Vitória⁷⁶

INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sim	MJ1, MJ2, MJ3, MJ4, MJ5, MJ6, MJ7, MJ8, MJ9, MA1, MA3, MA4	HJ1, HJ2, HA1, HA3
Não muito/ em processo	MJ3, MA2	HJ4, HA2

Quadro XXII: Indicativos de adaptação

INDICATIVOS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Capixabas conhecem a Associação Nikkei	MJ1	-
Relacionamento normal com brasileiros	MJ1, MJ2, MJ4, MJ5, MJ6, MJ7, MJ8, MJ9, MA3, MA4	HJ1, HJ2, HJ4, HA1, HA2, HA3
Estabilidade econômica	MJ2, MJ3, MJ7	HA2
Participação de japoneses na mídia	MJ4	-
Gostam de morar em Vitória	MA2	-

Quadro XXIII: Indicativos de não adaptação

INDICATIVOS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Convivência só com japoneses	MJ3, MJ8, MA1, MA2, MA3	HJ1, HJ4, HA3
Desejo de ir embora de Vitória	MA2	HA1
Desejo de relacionamento com japoneses	MA2	-
Sentimento de superioridade	MJ2, MJ3, MJ9	-
Se sentem como japoneses/ de fora	MJ7	HA2
Pouca participação/ divulgação	MJ7, MA1, MA2, MA3	-
Não estabelecidos socialmente	MJ3	-

O quadro XXI indica que os entrevistados acreditam que os japoneses estão bem inseridos e adaptados no Espírito Santo. A média de nota atribuída pelos participantes para adaptação e inserção dos japoneses no Espírito Santo é de oito em uma escala de zero a dez, ou seja, não é completa ainda.

Todos os participantes consideram que existe adaptação na comunidade capixaba, mas em graus diferentes. Para alguns participantes a adaptação é completa. Para outros poucos a adaptação ainda está em processo ou os japoneses ainda não

⁷⁶ A maioria dos participantes atribuiu nota ao grau de inserção e adaptação dos japoneses em Vitória.

estão muito bem adaptados. Nestes casos, geralmente os mais velhos são apontados como menos adaptados à sociedade capixaba.

“Eles estão adaptados porque estão no Brasil, senão não sobreviveria né [...] Como nós somos um grupo menor aqui não é tão fácil a gente adaptar entre eles, não é tão fácil.” (HA3)

Os indicativos para uma boa adaptação são diversos, apontados no quadro XXII. O mais comum é que acreditam não haver restrições para japoneses no Estado e são, portanto, tratados como qualquer outro, tendo acesso à escola, trabalho, lazer e relacionamentos. MJ1 e MA4 afirmam que em vários momentos esquecem que são japonesas.

“[...] eu acho que já ficou natural, uma coisa normal assim [...] alguma pessoa deve sentir alguma coisa assim, deve ter restrição por japonês, mas é uma minoria assim.” (MJ1)

“[...] na verdade eu acho que é completa porque não tem uma distinção, não tem nenhum preconceito.” (HJ2)

Outro indicativo de boa adaptação é que, principalmente os mais jovens, relacionam-se com brasileiros a maior parte do tempo. Porém, muitos japoneses com mais idade ainda procuram restringir seu círculo de relacionamento a pessoas da mesma etnia ou pelo menos desejam isso a seus descendentes. Isso é indicado como não adaptativo.

“Às vezes tem gente que não adapta com brasileiros... tem gente que só procura o meio de nisseis... os meus filhos vivem com, geralmente com brasileiros.” (HA3)

A boa situação econômica também indica que há boa adaptação, na opinião de alguns participantes, mostrando que este aspecto é considerado fundamental, enquanto outros apontam dificuldades vivenciadas socialmente.

Para MJ3, economicamente os japoneses estão adaptados, porém socialmente, não. Ao mesmo tempo em que valorizam o estudo e conseguem emprego, afirmam que os japoneses procuram não se misturar, não divulgando a associação num movimento protecionista do grupo.

Tanto a prefeitura quanto a comunidade capixaba sabem que existe uma associação japonesa em Vitória e isso é considerado um indicativo de adaptação para uma das

participantes. Para ela, mesmo que os capixabas não conheçam a cultura japonesa, o fato de saber de sua existência já é suficiente para caracterizar a boa adaptação. Porém, na opinião de alguns, ainda falta participação política e artística da comunidade.

O quadro XXIII já indica que existe a necessidade dos japoneses aprenderem a ver brasileiros como iguais, porque isso é algo que atrapalharia a adaptação, assim como se acharem superiores, opinião também comum a alguns brasileiros, segundo entrevistados. Quanto maior a relação de igualdade entre japoneses e brasileiros, maior seria a adaptação. É interessante alguns entrevistados apontarem que são os brasileiros que os enxergam como diferentes, como japoneses, ou seja, não se sentem como iguais ainda, se sentem de fora. Para HJ2 não são os japoneses que se sentem superiores e sim os brasileiros que se acham inferiores aos japoneses e isso atrapalha a adaptação. Camacho (1993) afirma que o sentimento de superioridade dos japoneses acontece em decorrência da diferenciação e da discriminação sofridas, gerando um processo de compensação.

Enquanto uns gostam bastante da cidade e do clima, outros sentem vontade de ir embora do Estado para estar mais perto de seus familiares, principalmente em São Paulo, o que podem ser respectivamente indicadores de boa adaptação e problema de adaptação.

HA1 considera que os japoneses que não se adaptaram foram embora e os que ficaram já estão adaptados. Para os que estão aqui ainda há a necessidade de freqüentar a Associação Nikkei para não se sentir sozinho, inferindo a impossibilidade de se juntar aos brasileiros ou que os brasileiros os excluam.

4.5.b Recepção dos capixabas aos japoneses

Quadro XXIV: Percepções que os participantes têm quanto à recepção dos capixabas aos japoneses⁷⁷

PERCEPÇÃO DA RECEPÇÃO DOS CAPIXABAS	PARTICIPANTES	
	Sexo feminino	Sexo masculino
Sensação de que alguns capixabas não gostam de japoneses	MJ1, MJ4, MA3	HA1
Não se sente ou não é tratado como brasileiro	MJ3, MJ9, MA3	HJ3
Muitas brincadeiras e piadas étnicas	MJ5, MJ7, MJ8	HJ1, HJ3
Desejo que os japoneses sejam como os brasileiros	-	HA3
Sentimento de inferioridade dos capixabas	-	HJ2, HA3
Capixabas acostumados	MJ6	-
Curiosidade/ interesse	MJ7, MJ8	-
Comentários favoráveis	MJ1, MA4	-
Outros	MJ2, MA1, MA2	HJ4, HA2

Quanto à recepção dos capixabas aos japoneses, o quadro XXIV indica tanto aspectos positivos quanto negativos. A média de nota para a recepção dos capixabas aos japoneses foi de 8,5 em uma escala de zero a dez, demonstrando que consideram os capixabas receptivos.

Apesar da boa classificação obtida, os entrevistados ainda apontam categorias que contribuem para a percepção de uma certa diferenciação que é feita em relação ao seu grupo. O quadro mostra a percepção que os entrevistados têm no cotidiano em seu contato com os capixabas.

Para considerar que a recepção não é completa os argumentos foram os seguintes: sentir que algumas pessoas não gostam de japoneses, alguns ainda olham “estranho”, há muitas brincadeiras, são tratados de forma diferente, os capixabas se acham inferiores aos japoneses, não são tratados como brasileiros, são mal recebidos em locais públicos e os brasileiros querem que os japoneses mudem para ser como eles.

O principal argumento é que ainda acontecem muitas brincadeiras e piadas relacionadas à etnia, indicando que os capixabas ainda não tratam os japoneses

⁷⁷ A maioria dos participantes atribuiu nota ao grau de recepção dos capixabas aos japoneses em Vitória.

com tanta naturalidade como, por exemplo, em São Paulo, onde os paulistas já estão acostumados com a presença marcante dos nipônicos há muito mais tempo.

“Dentro da normalidade, não é muito receptivo e, assim, aquela coisa de ficar perguntando e tal, não sei o que e rindo e, mas assim, os que eu conheço eles sentem curiosidade de saber e sentem vontade de tá convivendo com japoneses.” (MJ7)

“Que sempre tem aquelas pessoas, sempre tem 1 ou 2 que são exceção a regra, já encham o saco, são pessoas meio chatas... o fato de tá zoando.” (HJ1)

Alguns entrevistados também sentem que existem capixabas que não gostam de japoneses, pois acham que não há outro motivo para serem tratados de forma diferente nas situações relatadas nas entrevistas. Uma das jovens afirma que deve existir quem tenha restrição a japoneses, ela mesma já havia passado por situações na faculdade em que era tratada de forma diferente por alguns professores, sentindo que não gostavam dela por ser japonesa. Ao mesmo tempo afirma que há professores que gostam de japoneses, “que preferem japoneses do que brasileiros” e que é admirada não só por ser japonesa, mas também por manter a cultura de origem.

Pode ser que o motivo pelo qual alguns entrevistados sejam tratados de forma diferente não tenha ligação alguma com a sua etnia, porém é desta forma que eles interpretam. Já que não enxergam outro motivo para serem tratados mal, buscam resposta naquilo que os diferencia.

Novamente surge a questão da superioridade e inferioridade “racial”, porém, desta vez existe a culpabilização do outro grupo (brasileiros) ao invés de colocar o sentimento de superioridade no próprio grupo. HA3 ressalta novamente o ciúme dos brasileiros em relação aos japoneses.

“[...] é um pré-julgamento que fala que nós somos inteligentes, mas é um pré-julgamento que pra eles é ruim... Fala que nós somos mais inteligentes, então eles acham que, acham inferiores.” (HJ2)

Quando HA3 cita que os brasileiros desejam que os japoneses sejam como eles, vai ao encontro do que Lesser (2001) diz sobre a existência de uma pressão social para forçá-los a deixarem de “ser japonês”. Remete também à proposta de assimilação dos japoneses que ocorreu na década de 30 e 40 (Nucci, 2000). Em diversos

momentos das entrevistas são percebidos processos discriminatórios vivenciados pelos participantes que repetem os processos vivenciados pelos japoneses nas décadas de aberto preconceito, mas de uma forma mais sutil. Lembramos que por existir o “mito da democracia racial” (Valente, 1994), não se permite discriminar abertamente os diferentes grupos étnicos.

Os indicativos de uma boa recepção são: os capixabas já estão acostumados com os japoneses, têm curiosidade e interesse em conhecer a cultura, fazem comentários favoráveis e consideram positivo que os japoneses trazem tecnologia.

“Eu acho que sim, mesmo fazendo piadinha assim, eu acho que, eu acho que sim... é porque assim nunca viu e tal, mas tem uma curiosidade sabe, fica perguntando... trata até de uma maneira diferente assim, com mais atenção [...]” (MJ8)

A seguir, é transcrita parte da avaliação que MJ7 faz sobre a inserção dos japoneses em Vitória, que retrata bem a questão das contradições em “ser japonês”:

Pesquisadora: E em relação ao contato com japoneses de São Paulo, você nota diferença?

MJ7: Não, os japoneses de São Paulo parecem que estão no ambiente deles e se sentem mais brasileiros em relação aos brasileiros e são aceitos de forma mais natural em relação aos paulistas do que os japoneses daqui. Os japoneses daqui parecem que vivem numa comunidade ainda, né, fechada, apesar de não valorizarem a associação, de negarem a associação de japoneses, alguns né, assim, de forma não explícita, mas inconsciente, de negarem a associação. Eles preferem viver no meio de brasileiros, mas eles nunca se sentem como brasileiros, entendeu? E acho que eles também não são assim, tão aceitos como brasileiros dentro dos brasileiros, dentro daquela, daquele grupinho.

Pesquisadora: Por que você acha que eles não são tão aceitos como brasileiros?

MJ7: Acho que pelo modo de agir, você sente quando... alguém, alguns jovens assim, levam amigos brasileiros [na Associação Nikkei], você sente assim, você sente nos amigos brasileiros que eles vêem assim de forma meio alienígena, né.

Pesquisadora: Por que? Por comentários, pela forma de olhar?

MJ7: Pela forma de olhar, de olhar e de observar. Realmente achar que aquilo ali... não é normal, assim, entendeu? Não é, não é, como se você entrasse num ambiente estranho.

Pesquisadora: E os japoneses nesse meio dos brasileiros?

MJ7: Você sente assim um orgulho, e ao mesmo tempo, um orgulho por, por, aquela questão do, do japonês inteligente, do japonês ser rígido, do japonês ser assim, ser assado, e também por um certo receio porque tem aquela aparência e é daquele jeito e isso tudo, ficam meio assim.

Comparando as notas atribuídas à adaptação dos japoneses e à recepção dos capixabas, notamos que existe menos restrição por parte dos capixabas. Os japoneses, segundo os entrevistados, teriam uma resistência um pouco maior ao relacionamento com capixabas do que o inverso.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade japonesa de Vitória é constituída por japoneses e seus descendentes que tiveram a oportunidade de trabalhar na CST, principalmente como engenheiros. Chegaram, assim, em busca de uma melhor oportunidade de trabalho objetivando o crescimento profissional e estabilidade financeira. Aqueles que vieram diretamente do Japão tinham apenas contratos temporários com a CST e foram embora logo após o término das obras. Os que aqui permaneceram já são nisseis, sanseis e mesmo alguns isseis, que já haviam morado em outros Estados brasileiros, não sendo preciso passar pelo processo de adaptação em Vitória pelo qual passaram os primeiros imigrantes que desejavam o retorno ao Japão. Vieram para o Estado com a expectativa de viverem aqui, já conhecendo os hábitos e costumes dos brasileiros. Caso não se adaptassem teriam como fácil alternativa o retorno à cidade de origem (principalmente São Paulo), onde estavam parentes e amigos, opção escolhida por muitos. Alguns japoneses, como declarado por entrevistados, saíram da CST na época da privatização com a política de demissão voluntária em 1992 (Morandi, 1997), e outros efetivaram-se na empresa ou mantiveram-se, trocando de função.

Desde o início da migração em maior quantidade para o Estado, os japoneses foram morar na região da Praia do Canto (registros da CST⁷⁸), Santa Lúcia, Jardim da Penha e Camburi (ES Agora⁷⁹, 1982) e atualmente concentram-se na Mata da Praia e Jardim da Penha, segundo entrevistados. A própria Associação Nikkei foi construída no bairro Mata da Praia. Existem claros indicativos (bairros em que moram, escolas particulares dos filhos, cargos de trabalho e locais de trabalho) de que a maioria desses imigrantes está concentrada nas classes médias. A observação direta nas residências de muitos participantes confirma esse dado, que é semelhante aos dados encontrados por Camacho (1993), para a privilegiada situação econômica da maioria dos nipo-brasileiros que mora no Brasil. Acreditamos, no entanto, que mais dificilmente encontraremos japoneses com problemas financeiros no Espírito Santo comparando a São Paulo. Apenas um dos entrevistados apresentou indicativos de menor estabilidade econômica: seu pai é

⁷⁸ Dado fornecido pelo setor "Arquivo Central" da CST.

⁷⁹ **E os japoneses continuam chegando.** Espírito Santo Agora, n 70, julho de 1982, Maio Editora LTDA, Vitória.

taxista, mesma atividade que exerce somente nos fins de semana, e sua mãe era costureira.

Identificamos com essa pesquisa a existência de identidades, às vezes mais próximas dos japoneses, às vezes mais próximas dos brasileiros, ou seja, uma nova “etnicidade hifenizada” (Lesser, 2001). Entretanto, faz parte destas identidades se auto-identificarem como brasileiro ou se auto-identificarem como japonês, quando favorável.

Uma série de características de origem japonesa ainda é reconhecida pelos japoneses de Vitória como fazendo parte da identidade de seu próprio grupo e, como Benedict (2002) deixa claro, faz parte da constituição identitária da população japonesa. Camacho (1993) identificou em sua pesquisa que os traços culturais se mantêm em sua essência, apesar de modificados e Nucci (2000) reforça a idéia, afirmando que não há um desaparecimento da consciência étnica desse grupo. Inoue (2002) afirma que os japoneses são abertos ao novo, ao contrário do que diz o senso comum, porém, este novo adapta-se à conformação da identidade japonesa, o que corrobora a visão de identidade dinâmica e maleável.

Lesser (2001) afirma que as diferenças étnicas são reformuladas para apropriarem-se da identidade brasileira e que as identidades desses imigrantes são múltiplas e contraditórias desde o início da imigração. A contradição na identidade social é característica do processo migratório (Inoue, 2002). Não deixamos de ressaltar, porém, que é parte do próprio processo identitário de qualquer pessoa, pois a identidade está em constante (trans)formação (Ciampa, 2001). Hoje o Brasil é constituído, em sua maioria, por pessoas que carregam a cultura do país de origem modificados pela cultura local, ou seja, a identidade dos imigrantes e seus descendentes é a “etnicidade hifenizada”. Nos resultados encontrados, entretanto, parece ficar evidente que ser nipo-brasileiro é ser identificado como japonês no Brasil, e que o desejo é tornar-se cada vez mais brasileiro. Observamos que a forma como os japoneses são identificados pelos brasileiros é bastante semelhante à forma como eles próprios identificam os japoneses. Porém, para ambos os grupos, os japoneses caracterizados são o *outro grupo*.

Devemos deixar claro, portanto, que tanto a identidade atribuída aos japoneses, quanto a identidade que os capixabas atribuem aos japoneses, não é a identidade dos participantes, mas parte dela. Afirmam não serem japoneses, mas têm a consciência de que carregam muitos traços ainda, o que caracterizaria a identidade do nipo-brasileiro. Alguns entrevistados têm consciência do pertencimento a este novo grupo, pois se diferenciam dos japoneses do Japão e dos brasileiros. Outros só adquirem consciência de que não são japoneses quando vão ao Japão e percebem-se brasileiros. São visitantes tanto no Brasil, quanto no Japão.

“Alguns autores acreditam que o ‘dekassegui’ vive entre dois mundos e ele teria dois homelands, percebidos em momentos diferentes da sua experiência migratória. Quando parte no seu imaginário o país de destino é a terra de seus ancestrais, nutre um sentimento de pertencimento ao Japão, um mito de retorno à sua origem étnica. Quando chega ao Japão se percebe estrangeiro, pelo distanciamento social da condição dessa, uma vez que pode ficar ou partir, ele se dá conta que o seu país é o Brasil”. (Inoue, 2002, pág.558)

A situação do dekassegui é vista como ambígua por Inoue (2002), pois “operam negociações de identidade entre o nikkei estrangeiro e o japonês nativo”, podendo se considerar japonês ou brasileiro sem certezas, assim como acontece com o nipo-brasileiro no Brasil.

O grupo em questão assumiu determinadas posições construídas histórica e socialmente⁸⁰, criando estereótipos e identidades. Os estereótipos identificam o grupo, homogeneizando seus membros e distinguindo-o dos outros grupos. Nós mencionamos os japoneses como comunidade, indicando separação e diferenciação grupal, evidentes e acentuadas pela sociedade. A diferença está literalmente “na cara” e muitas vezes não se permite que os nipo-brasileiros sejam brasileiros.

A tendência a homogeneizar o intra-grupo fica evidente para os japoneses com a frase que é ouvida por tantos entrevistados: “japonês é tudo igual”, fazendo referência não só à aparência, mas também aos comportamentos. Como já citado por Camacho (1993), “Ser japonês significa ser marcado duplamente, ou seja, física e culturalmente” (Camacho, 1993, pág.1). São identificados como “japoneses”, taxados de “japonês”, mesmo que já sejam muito mais brasileiros em seu

comportamento. Alguns tentam negar a herança cultural, como muitos nipo-brasileiros entrevistados, para não se diferenciarem tanto dos brasileiros e para não serem apontados como diferentes, porém a marca facial acaba sendo um obstáculo para isso. Nossa identidade é resultante das nossas relações e de como somos nomeados pelos outros (Ciampa, 2001); portanto ser nomeado “japonês” inevitavelmente irá acarretar a identificação em graus diferentes.

Verificamos a existência de *in* e *out-groups* nas várias relações inter-grupais estabelecidas e a existência de sub-divisões internas ao grupo dos japoneses, ou seja, ocorre a avaliação das categorias sociais de maneira diferenciada:

- entre japoneses e brasileiros;
- entre japoneses do Brasil (nipo-brasileiros) e japoneses do Japão;
- entre japoneses do Espírito Santo e japoneses de São Paulo;
- entre japoneses mais abasileirados e japoneses mais tradicionais no Espírito Santo;
- entre mestiços e “japoneses puros”.

Hogg et al (2004) afirmam que temos várias identidades sociais de acordo com os grupos aos quais pertencemos. Os entrevistados apresentam essas identidades, dependendo da situação que estão relatando no momento, demonstrando o sentimento de pertencimento a vários grupos. As identidades mudam em resposta a mudanças contextuais.

Ocorre uma diferenciação em relação ao grupo dos japoneses, ditos “do Japão” ou “os mais antigos no Brasil”, e o grupo dos brasileiros. Existe um movimento de construção de uma nova identidade que abarca tanto características de um grupo quanto de outro assim como as assimila e transforma em novas características. Camacho (1993) afirma que a tradição e a inovação sempre caminham juntas para

⁸⁰ Os nipo-brasileiros carregam a herança de serem comportados, demonstrando índices baixíssimos de criminalidade (Kitahara, 1998), mas esta representação se mistura dentro dos mais variados

os japoneses, pois a inovação é a modificação do que já existe, mantendo-se a característica essencial do objeto. Um exemplo claro, principalmente entre os jovens é a questão do estudo. Ainda dão muita importância e se sentem cobrados, porém criticam a forma, considerada radical, com que muitos japoneses (neste caso vistos como *out-group*) tratam a questão, tentando ser menos rigorosos. Até mesmo quando os pais formam um casal interétnico parece ocorrer concordância com os valores educativos japoneses para a parte brasileira do casal, ou seja, predomina o modelo de educação japonesa. Outro exemplo que não aparece na análise está relacionado à religião. No questionário da primeira fase da pesquisa, a maioria dos participantes afirmou não ter religião, dado diferente do encontrado por Camacho (1993). Alguns já são católicos, outros protestantes e alguns seguem religiões de origem oriental. Quando questionados durante a entrevista, muitos revelaram que ocorre a mescla de práticas religiosas em suas famílias, ou seja, seguem tanto o cristianismo como ainda mantêm alguns rituais de religiões japonesas. Isto é mais claro nas práticas dos adultos e idosos, e não faz tanto sentido para os mais jovens que, muitas vezes, não entendem por que existem determinados rituais e não conhecem os objetos utilizados nestes rituais.

Alguns autores utilizam termos como “perdidos entre dois mundos” (Geraldes, 1998) ou “viver uma identidade sem crises” (Oliveira, 1998), porém concordamos com Lesser (2001) que afirma que há uma etnicidade hifenizada ou há um processo de construção de uma nova identidade na busca da identidade nacional. Isto não quer dizer que não exista uma certa crise no que diz respeito a essa identidade, já que muitos entrevistados sentem um certo incômodo de serem identificados e cobrados continuamente para serem japoneses e não serem identificados como brasileiros (Oliveira, 1998). A identidade não é única e fixa (Ciampa, 2001), portanto, podemos afirmar que tanto já existe uma identidade nipo-brasileira, como ela está em construção e em processo de mudanças, ficando mais claro quando percebemos o desejo dos jovens de se tornarem mais brasileiros. A tendência é de abrasileiramento à medida que as gerações vão se afastando da origem étnica.

Algumas características reconhecidas como parte da identidade japonesa são reforçadas com o estereótipo do grupo e os nipo-brasileiros se sentem na obrigação

planos, sendo cobrado que o japonês seja “certinho” em todos os aspectos.

de comprovar que o “povo japonês” é realmente o que se pensa sobre eles. Ocorre, portanto, a manutenção de uma identidade que traz benefícios aos descendentes no Brasil, dependendo da situação, pois são reconhecidos como inteligentes e de bom caráter, ou seja, neste momento a identificação com os japoneses é mais forte. Já em outros momentos é preferível afirmar sua brasilidade, pois já não são mais frios e rigorosos como os verdadeiros japoneses. A manutenção e a mudança de determinados comportamentos que foram herdados dependem da percepção dos japoneses quanto à adaptação ao meio social em que estão inseridos, assim como da sua relação com outros grupos. Parece, portanto, que a integração de características brasileiras tais como flexibilidade e carinho, no repertório identitário, são bem vistas.

O japonês é inteligente e se você não for é uma exceção, o japonês é certinho e se você não for existe a cobrança. O incômodo em ter que reafirmar o estereótipo do japonês foi relatado por alguns participante, no entanto, fazem questão de mantê-lo como uma identificação positiva. A cobrança é tanto dos brasileiros quanto dos próprios japoneses. Faz parte do processo de categorização social a generalização para todos os membros de seu próprio grupo de um membro “ideal”, e não de um membro típico (Hogg et al, 2004). Por isso, na auto-descrição a tendência é afirmar as características que são positivas para seu grupo.

A questão da identidade, principalmente para o *nissei*⁸¹, é bastante “pesada”, pois são criados “numa mescla de continuidade do *‘Yamato Damashi’*, sem explicações” (Inoue, 2002, pág.391). Os princípios japoneses são introjetados desde a infância, o que é chamado socialização primária (Camacho, 1993), mas ao mesmo tempo há uma convivência com um outro grupo que possui princípios muito diferentes. Há um sentimento confuso com relação a sua identidade étnica, de valores compartilhados, mas não discutidos, em que muitos não querem saber sobre o passado dos pais e avós. Inoue (2002) afirma ser comum encontrar pais dizendo que os filhos não se interessam pela cultura, que aprenderam pouco da língua, que não sabem qual é a religião dos filhos ou que os filhos têm a religião que escolheram, casos também encontrados nesta pesquisa.

⁸¹ Segundo Inoue (2002) *nissei* significa etimologicamente que pertence a dois mundos, predominando um deles dependendo da influência do meio em que vive.

A comunidade tenta manter o que é atribuído de positivo e, ao mesmo tempo, os brasileiros cobram um comportamento característico japonês para os descendentes. Quando os japoneses não se encaixam no estereótipo são considerados meras exceções ao grupo, ou que “não são originais”, são “falsificados”. O próprio termo “japa”, que qualquer descendente tem, é mal visto por vários deles. Para os brasileiros é apenas mais um apelido, por vezes “carinhoso”, porém para os japoneses é um rótulo. Se o descendente sai do que é esperado, na mesma hora alguém vai lembrá-lo de quem ele “realmente é”. O estereótipo visto somente como positivo pelos brasileiros e até por alguns japoneses é um peso e um incômodo, pois são identificados o tempo todo como japoneses. O estereótipo é tão forte que as pessoas deixam de ser Maria, João ou José para ser o “japa”. O rótulo que identifica, pressupõe um comportamento específico (Ciampa, 2001). Apesar de pertencerem a vários grupos, como qualquer um de nós, os japoneses são requisitados a se apresentarem o tempo todo com a identidade japonesa, justamente decorrente da marca facial. Esta cobrança é chamada por Nucci (2000) de racismo, pois coloca o japonês como um ser diferente, de comportamentos diferentes dos brasileiros. Alguns entrevistados interiorizaram essa diferença e utilizam o termo raça fazendo uma clara distinção entre brasileiros e japoneses.

Os japoneses que moram em Vitória se diferenciam dos japoneses de São Paulo em vários aspectos, mas ressaltam que a principal diferença é a mesma entre paulistas e capixabas, ou seja, os japoneses paulistas são considerados mais estressados, mais metidos, mais abertos a outras culturas e mais arrogantes, e os japoneses capixabas são mais tranquilos, mais folgados, mais fechados e mais hospitaleiros. A comunidade ainda é considerada pequena em relação a outros Estados (São Paulo, Paraná, Pará), de migração recente e com características específicas como, por exemplo, fazer parte da classe média de forma geral. Em Vitória ocorre um certo fechamento na Associação Nikkei por parte dos mais velhos como uma forma de evitar ficar isolado entre os capixabas, representando um lugar de segurança entre “os iguais”. Entretanto, alguns entrevistados, principalmente os jovens, procuram se afastar da Associação Nikkei e, conseqüentemente, dos japoneses, para conviver somente com brasileiros. A cultura japonesa ainda é pouco conhecida e parece não se manter tão bem quanto em São Paulo, onde é forte e reconhecida. Como o número de japoneses se mantém estável, mas o desinteresse vem aumentando, a

tendência segundo os participantes é que haja mais abertura aos brasileiros na associação para que ela não acabe, acarretando a perda da cultura original que já estaria se misturando à cultura local.

Dos vinte entrevistados, treze apontam algum incômodo nas relações com capixabas, seja na percepção de discriminação ou simplesmente na diferenciação⁸² que ocorre quando os capixabas se referem aos japoneses, confirmando a existência de manifestações de discriminação na percepção dos participantes. Neste estudo, o mais importante é a própria classificação do entrevistado da existência ou não de preconceito, pois isso revela a percepção e o sentimento diante do que parece aos olhos dos brasileiros, simples brincadeiras sem maiores conseqüências.

Não encontramos diferenças entre a percepção de jovens e adultos e nem diferença entre as gerações (issei, nissei, sansei e yonsei) a que pertencem. Tanto em um grupo quanto no outro há entrevistados que se mostram indiferentes ao preconceito e outros que nem percebem que há preconceito. De acordo com os dados de Camacho (1993) os adultos teriam uma percepção maior de preconceito, no entanto, em nossa pesquisa não observamos esta diferença. Qualquer pessoa que apresente mais características físicas japonesas é alvo de brincadeiras e piadas discriminatórias. Quando há diferença é referente ao grupo dos mestiços, que apresentam menos traços faciais japoneses. Como alguns entrevistados mestiços ressaltaram, muitas vezes os brasileiros nem percebem que eles são “japoneses”. Na literatura (Yamamoto, 2000; Saito, 1980) também se afirma diferenças entre gerações de nikkeis referentes ao meio cultural em que ambos cresceram. Neste caso, todas as gerações de nikkeis percebem discriminação em Vitória. Já quando classificam como “preconceito”, notamos uma parcela um pouco maior de jovens.

As piadas e brincadeiras sobre japoneses muitas vezes são consideradas preconceituosas se têm o intuito de “zoar” ou ofender. Geralmente são pessoas desconhecidas que os incomodam com as brincadeiras “sem graça”, pois as brincadeiras de seus amigos não ofendem, mesmo que sejam iguais às de qualquer estranho. Esses desconhecidos são classificados como sendo de classes menos abastadas ou crianças. A falta de estudo, de conhecimento e de educação de

peças mais simples e a ingenuidade das crianças que falam sobre tudo, servem como razão para conseguir conviver normalmente com os brasileiros. Quando os amigos ou pessoas da mesma classe social (classe média) fazem essas mesmas brincadeiras, não o fazem diretamente ou são simplesmente naturalizadas, ou seja, são percebidos de outro modo e, portanto, justificadas da mesma maneira. A explicação para isso pode ser a tentativa de justificar as situações do cotidiano pelas quais têm que passar, mesmo quando consideram preconceito. Tentar minimizar o peso das piadas e brincadeiras significa conseguir lidar melhor com essas situações e manter uma auto-imagem positiva do seu grupo. Muitos participantes tiveram que aprender a não se importar com as brincadeiras e a não se importar em serem considerados diferentes.

Alguns participantes naturalizam tudo o que ouvem sobre japoneses, dizendo que é normal que exista o preconceito e que existe para todos os grupos, sem ter o que fazer em relação a isso, somente aceitar. Ou dizem simplesmente que falam sobre o que realmente os japoneses são. Esta é uma forma de lidar com o preconceito, naturalizando-o. Mesmo os participantes que apontam discriminação com mais clareza, têm o discurso contraditório em vários momentos: afirmam que há práticas discriminatórias, para no momento seguinte dizer que não se incomodam com algumas delas. Acreditamos que a contradição está vinculada ao fato de os japoneses serem apontados como diferentes e muitas vezes discriminados, ao mesmo tempo em que são elogiados.

Outros ainda não acreditam que haja preconceito contra japoneses. O fato de ligar a comunidade à tecnologia, inteligência e esforço faz com que muitos os enxerguem somente a partir de características positivas. A negação da existência de discriminação ou a naturalização do preconceito podem ser uma outra forma de tentar preservar a identidade positiva do grupo, evitando dessa forma, aceitar os aspectos negativos.

Sobre os estereótipos que aparecem nas piadas étnicas que tendem a destacar os aspectos negativos, alguns participantes citaram como motivo a inveja (ou “ciúme”, de acordo com os participantes): como os japoneses conseguem ter certo sucesso

⁸² Camacho (1993) afirma que todos os nipo-brasileiros sofrem algum tipo de discriminação, pois só o

em alguns aspectos da vida como estudo e trabalho, o *outro* tenta de alguma maneira colocá-los em um nível abaixo para conseguir melhorar sua auto-estima, já que se sentem “inferiores” de alguma forma ou os japoneses se sentem “superiores”. Um deles chega a afirmar que os “brasileiros gostam de ver os outros que estão melhores, perdendo o jogo”. O sentimento de superioridade dos japoneses não é associado pelos participantes a eles mesmos e sim quando se referem a um *outro japonês*. Camacho (1993) observa que existe o sentimento de superioridade nos japoneses, o que é reforçado pelo fato de serem identificados mais positivamente do que negativamente.

A comunidade é bem recebida pelos capixabas apesar de não ser tão conhecida no Estado e nem ser uma cultura tão interessante para muitos. Não é muito conhecida, mas é respeitada nos âmbitos que envolvem escola e trabalho, sempre na sua diferença. Alguns entrevistados declararam que têm ou tiveram sentimento de serem estranhos, diferentes e não como qualquer outro capixaba, pois sua etnia está estampada na face. Nos bares, na escola ou nas academias sempre há alguém que os lembram de que são japoneses, diferenciando-os dos demais.

A maior parte dos jovens japoneses em Vitória se relaciona no seu dia-a-dia com brasileiros, principalmente pela reduzida quantidade de descendentes no Estado. Existe uma identificação maior deste grupo com os brasileiros do que a geração mais velha, dos seus pais. Alguns estudos (Saito, 1980; Jornal Nippo-Brasil, 2003) deixam claro que à medida que as gerações vão passando, a identificação com brasileiros fica mais forte. A preferência desses jovens em namorar brasileiros tem como motivo principal não gostar de certas características dos japoneses (frios, fechados, machistas) que são desvalorizadas socialmente. Isso mostra novamente a identificação maior com brasileiros.

As concepções antagônicas de identidade permanência/unicidade e transformação/multiplicidade (Sawaia, 2001), explicam a existência de japoneses que se fixam em suas identidades de origem e aqueles que dão abertura à cultura brasileira, construindo novas identidades. As duas concepções permitem conceber as identificações em curso, em transformação constante, afirmando um modo de ser.

De qualquer forma, existe um incômodo muito grande para esta população ser ainda apontada como diferente no Espírito Santo. Bem retratado por um dos participantes, os japoneses nunca estarão completamente adaptados, pois este é um trabalho contínuo. Os jovens têm uma adaptação maior, já que são nascidos aqui, mas mesmo para os japoneses mais velhos é uma grande conquista estar bem estabelecido economicamente, fator este que contribui para uma imagem positiva que reconhecem em seu grupo e pelo qual são reconhecidos pelo outro grupo.

Procuramos através deste trabalho, produzir conhecimento acerca das identidades sociais dos japoneses no Espírito Santo, assim como identificar possíveis indícios de preconceito sofridos pelos japoneses e seus descendentes. Acreditamos ter atingido esse objetivos.

Considerando o que expusemos até aqui, podemos concluir:

- A identidade social dos japoneses e seus descendentes no Espírito Santo é a identidade do nipo-brasileiro, ou seja, apresenta traços tanto da cultura de origem como traços brasileiros, porém o que os identifica como grupo é a origem étnica. A noção de pertencimento ao grupo dos japoneses que moram no Espírito Santo, fornece critérios para julgamento de outros grupos e permite a flexibilidade da identidade social, pertencendo ao grupo dos japoneses em determinados momentos e ao grupo dos brasileiros em outros momentos, dependendo do contexto e dos grupos que estão sendo comparados.
- Claramente o sentimento de pertencimento a um grupo social ocorre na comparação social com outros grupos, ou seja, há *in* e *out-groups* nas suas relações. Sentem-se japoneses em comparação com os brasileiros, sentem-se nipo-brasileiros em comparação com japoneses, sentem-se capixabas em comparação com os paulistas. A comparação social entre grupos distingue seu grupo de outros, tentando mostrar-se diferentes e melhores uns para os outros. “Mudam” de identidade social de acordo com a situação colocada, apresentando outro processo fundamental para entender a questão da identidade: a flexibilidade.

- A identidade social é nipo-brasileira, porém não é uma identidade vivida sem crises, pois esta identidade não é reconhecida pelos brasileiros. A denominação “japonês” revela a identidade atribuída a qualquer descendente e a conseqüente exigência de comportamento. Ao mesmo tempo, quando seguem à risca o estereótipo do japonês surgem críticas por ser “muito japonês”, sugerindo que sejam mais flexíveis em sua conduta. Estas críticas são feitas também pelos nipo-brasileiros que tentam fugir daquilo que os diferencia dos brasileiros.
- Verificamos que, de forma geral, o grupo dos japoneses é representado positivamente pelos entrevistados, pois são ressaltados aspectos positivos na maior parte das vezes. As características positivas estão principalmente ligadas ao estudo e ao trabalho corroborando a conclusão de Camacho (1993) que afirma que a educação (escolar e informal) é responsável pela discriminação positiva dos nipo-brasileiros. As características negativas que surgiram para o próprio grupo têm ligação com o comportamento rígido, com a disciplina e com a hierarquia, que nunca eram reconhecidas para si mesmos, como se já não as possuíssem por viver no Brasil. As características que são valorizadas socialmente tendem à manutenção e reconhecimento como fazendo parte de si, e as que são criticadas socialmente tendem a ser atribuídas ao outro, preservando uma identidade social positiva para os nipo-brasileiros. Claramente reconhecemos um movimento de valorização do próprio grupo distinguindo-se dos outros grupos, sejam japoneses ou brasileiros.
- Notamos que existem contra-pontos entre as características atribuídas aos japoneses e as dos capixabas. As características de um e outro aparecem em oposição: enquanto um dá valor ao estudo, o outro é muito despreocupado, enquanto um tenta fazer tudo certo no trabalho, o outro não se preocupa em errar, mas ao mesmo tempo, enquanto um é muito fechado e frio, o outro é amigável e receptivo. A maleabilidade, a flexibilidade, a tranqüilidade, a amabilidade, a alegria e até a malandragem são características pertencentes aos brasileiros que são valorizadas, e que os nipo-brasileiros acreditam que já possuem em parte, ou que para os

japoneses mais conservadores é necessário possuir. É como se o nipo-brasileiro estivesse em um grupo e no outro, porém, somente destacando o que há de positivo.

- Arriscamos afirmar que a perda de traços culturais japoneses talvez seja maior para os descendentes que moram no Estado do que em outras localidades em que há mais japoneses e presença mais marcante desta cultura. Há apenas uma instituição que permite a manutenção cultural além da instituição social “família”, porém pelo reduzido número de japoneses no Estado tudo indica que está ocorrendo cada vez mais um “abrasileiramento” da Associação Nikkei, e suas atividades culturais vem diminuindo ou desaparecendo. O contato muito maior com brasileiros leva os descendentes a se abrigar muito mais, o que fica claro nas críticas feitas ao comportamento dos japoneses, ao mesmo tempo em que demonstram maior identificação com os capixabas. Há um movimento de fechamento da Associação Nikkei pelos mais velhos, na tentativa de manter a cultura japonesa viva entre os descendentes. Porém o desinteresse é visível, principalmente para os mais jovens.
- A comunidade japonesa de Vitória é respeitada por reforçar o estereótipo positivo que existe em relação aos japoneses, situando-se nas classes médias e mantendo a alta escolarização entre seus descendentes. Apesar disso, tem pouca visibilidade pelo reduzido tamanho da comunidade em Vitória, provocando uma diferenciação mais acentuada do que ocorre em grandes centros.
- Ocorre a diferenciação dos japoneses que moram em Vitória em comparação com os que moram em São Paulo, principalmente devido ao contexto diferenciado de cidade pequena “provinciana” e cidade grande. Atribuem características negativas para o *outro grupo* (São Paulo) afirmando que são mais estressados e mais “metidos” do que os “tranqüilos” capixabas.
- Existem indícios de discriminação e percepção de preconceito. A queixa freqüente é que ainda são vistos como diferentes, estranhos, “ETs” em

Vitória. Em comparação com os japoneses de São Paulo, a adaptação não é vista de forma tão completa exatamente por essa diferenciação que os capixabas ainda fazem, sendo classificados como provincianos por não aceitarem os “diferentes”. Essa diferenciação é tão grande que podemos observar o desejo de serem brasileiros nos seus discursos.

- Há prejuízo nas relações cotidianas (exclusão social) descritas por alguns participantes, como consequência do estereótipo que os japoneses têm, ao contrário do que muitos brasileiros possam pensar. Há um sentimento de exclusão nos ambientes que supostamente todos os japoneses se destacam (escola, trabalho). Em situações de conflito, como em competição, há a utilização de estereótipos para identificar e excluir os japoneses.
- Existe uma boa adaptação dos japoneses em Vitória, mas não é completa devido à diferenciação intergrupala que principalmente os adultos e mais velhos fazem, preferindo o relacionamento entre japoneses para eles e para seus filhos.
- A receptividade dos capixabas aos japoneses é considerada boa, sendo prejudicada apenas devido à existência de piadas e brincadeiras que diferenciam os japoneses do resto da população.
- Os traços faciais são fundamentais na determinação da identidade social do grupo. A identificação como japonês, feita pelos brasileiros a partir dos traços faciais, determina comportamentos que são esperados e leva os nipo-brasileiros a tentar manter determinadas características atribuídas aos japoneses, como por exemplo, a fama de inteligente e dedicado aos estudos na escola e a fama de “certinho”, mesmo para aqueles que são mais identificados como brasileiros. Obviamente são características que valorizam o grupo.

A pesquisa demonstrou as dificuldades inerentes à inserção de estrangeiros e seus descendentes em território capixaba, com consequências para a construção de novas identidades. Apesar das dificuldades durante o percurso, ficou claro que

diversas situações pessoais de conflitos e angústias em relação à questão identitária foram também vivenciadas por outros tantos nikkeis. Concluimos, portanto, que as questões sobre identidade dos japoneses e preconceito não são somente pessoais e sim respondem às questões coletivas referentes ao processo de inserção dos japoneses e nipo-brasileiros no Brasil e, mais especificamente, no Espírito Santo.

Finalizo com trecho de Inoue (2002) que mostra bem a “metamorfose” que ocorre nas identidades dos japoneses:

“A identidade de homem da Era Meiji não era entendida pelo imigrante novo, pois, o contato com o ocidente transformara o japonês de depois da guerra, um japonês desconhecido para o antigo imigrante. Quando foi possível voltar ao Japão, também não reconheceu o Japão idealizado nos seus sonhos e sobre o qual falava aos filhos e netos. O Japão da Era Meiji, ao qual conheceu e no qual se pautou para resistir etnicamente está no plano romântico, do pensamento que desejava o reencontro com o que o Japão já foi. Os filhos e netos, ‘dekasseguis’ brasileiros, que na década de 80 e 90 voltaram ao Japão, perceberam que não eram japoneses e o Japão que conheceram através de pais e avós não existia mais”. (Inoue, 2002, pág.317)

6- REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. Preto e amarelo. **Monographia**: sobre a imigração e colonização em geral e particular no Estado do Espírito Santo. Oitavo Congresso e Geographia reunido na cidade de Victoria, Estado do Espírito Santo. Nictheroy, Escolas Profissionais Salesianas, 1934, pág.33-51.
- ASSOCIAÇÃO NIKKEI DE VITÓRIA. **Histórico da Associação Nikkei de Vitória**. Vitória, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Coleção Debates, Antropologia, 2002, 3ª ed.
- BERQUÓ, E. **Quando, como e com quem se casam os jovens brasileiros**. São Paulo: NEPO/Unicamp, 1998.
- BORGES, C.J. Japoneses na Serra. **História da Serra**. Carapina: Copyright de Clério Jose Borges de Sant'Anna, 1998.
- CAMACHO, L.M.Y. **As relações entre a cultura japonesa e a educação dos nipo-brasileiros**: um estudo dos elementos influenciadores do desempenho escolar positivo dos descendentes de japoneses. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.
- CARDOSO, R.C.L. As associações juvenis na aculturação dos japoneses. **Revista Brasil- Japão**, Aliança Cultural Brasil-Japão, vol. 3, n. 1, pág. 20-24, nov/dez 1960.
- CIAMPA, A.C. **A história do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DEMARTINI, Z.B.F. Famílias japonesas em São Paulo: memória local e memória de grupo. In Montenegro, A.T. e Fernandes, T.M. (org). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária, UFPE, 2001, pág. 261-284.
- ENNES, M.A. **A construção de uma identidade inacabada**: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- FILHOS do Brasil. **Jornal Nippo-Brasil**, São Paulo, 18 a 24 de junho de 2003. Especial – 95 anos de imigração.

- GAMA FILHO, O. Identidade cultural capixaba. In Achiamé, F. e Neves, R.S. (org.). **O Reino Conquistado**: Estudos em homenagem a Renato Pacheco. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2003, pág. 227-251.
- GARCIA, A.L. **A Cultura Popular em Questão**: as Representações Sociais e Suas Conexões com a Construção da Identidade Capixaba. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.
- GERALDES, E.C. As árvores dos frutos de ouro. In Oliveira, D.D et al. **A Cor do Medo**. Brasília: Ed. UnB e Goiânia: Ed. UFG, 1998. Cap.III: De Imigrante a Emigrante, pág. 113-126.
- GUIMARÃES, A.S.A. O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. **Estudos Afro-asiáticos**. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro Asiáticos (CEAA). Universidade Cândido Mendes. n. 38, Dez. 2000, pág. 31-48.
- _____. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v.29, n.1, jan./jun. 2003, pág. 93-107.
- HILTON, J.L. Stereotypes. **Annu. Rev. Psychol.** n.47, 1996, pág. 237-271.
- HOGG, M.A., ABRAMS, D., OTTEN, S., HINKLE, S. The social identity perspective: Intergroup Relations, Self-conception and Small groups. **Small Group Research**, v.35, n.3, junho de 2004, pág. 246-276.
- INOUE, M.F.M. **Do outro lado nasce o sol**: o trabalho dos japoneses e seus descendentes no Estado do Rio de Janeiro. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- JAPÃO/ Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 de junho de 1988. Suplemento Especial.
- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In Sawaia, B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001. parte 2, pág. 119-127. 3ª.ed.
- JOFFE, H. “Eu não”, “O meu grupo não”: representações sociais transculturais da Aids. In Guareshi, P.; Jovchelovich, S. (org.) **Textos em representações sociais**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Parte 3, pág. 297-321.
- Jornal Nippo- Brasil. Especial- 95 Anos de Imigração. **Filhos do Brasil**. São Paulo, 18 a 24 de junho de 2003.

- KASATO- MARU encurtou distância entre Brasil e Japão. **São Paulo Shimbun**, São Paulo, 22 de junho de 1996.
- KAWAI, T. Italianos e sírio-libaneses: uma visão comparativa com os japoneses. In H. Saito (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- KITAHARA, S.T. Os comportadinhos na casa dos Gaijins. In Oliveira, D.D et al. **A Cor do Medo**. Brasília: Ed. UnB e Goiania: Ed. UFG, 1998. Cap.III: De Imigrante a Emigrante, pág. 127-149.
- LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Ed Unesp, 2001.
- MEDEIROS, R. **Espírito Santo**: Encontro das Raças. Vitória: Don Quixote Livraria, 1997.
- MORAIS, F. **Corações Sujos**. 2.ed. São Paulo: Schwarcz LTDA, 2001.
- MORANDI, A.M. **Na mão da história**: A CST na siderurgia mundial. Vitória: EDUFES, 1997.
- MOSCOVICI, S. **Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASCIMENTO, A.R.A. **Canto de tambor e sereia**: Identidade e participação nas bandas de congo da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
- NUCCI, P. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil**: textos e silêncios. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- OCADA, F.K. Nos subterrâneos do modelo japonês – os 3Ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (pesado). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 2000, **Anais...** www.abep.org.br/anais2000/migração
- OLIVEIRA, A.C. Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A Trajetória de uma Identidade em um Contexto Migratório. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 1998, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 1998. pág. 799-818. 1CD-ROM

- OYAMA, T. Japonês puro é raridade na quarta geração de descendentes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ed. 24.132, 29 de abril de 1995. Especial Para a Folha.
- PEREIRA, C; TORRES, A.R.R.; ALMEIDA, S.T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 16 n. 1 Porto Alegre 2003.
- QUEIROZ, R.S.; OTTA, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In Queiroz, R.S. (org.) **O corpo do brasileiro**: Estudos de estética e beleza. São Paulo: Ed. Senac, 2000. pág. 13-66.
- REIS, J.R.F. Raça, imigração e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental. **Estudos Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro Asiáticos (CEAA). Universidade Cândido Mendes, n. 36, pág. 29-55, dezembro de 1999.
- ROCHA, C.M. A Cerimônia do Chá como fator de identidade cultural para imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n. 18, 1998.
- SAITO, H. (org.) **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- SAWAIA, B.B. Identidade – uma ideologia separatista? In _____ (org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2001. parte 2, pág. 119-127.
- SERVIÇO NACIONAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL BRASILEIRO. **História da Imigração no Brasil**: As Famílias. São Paulo, sd. 7ª.ed.
- SHADEN, E. Imigrantes alemães e japoneses: uma visão comparativa. In H. Saito (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- SOUZA, L. O linchamento sob uma perspectiva psicossocial: identidade social e representação de justiça. In L. Camino e P.R.M. Menandro (orgs.) **A sociedade na perspectiva da psicologia**: questões teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: ANPEPP, 1996. pág. 47-69.

- SUZUKI, T. **Imigrantes japoneses no Espírito Santo**. Trad. Associação Nikkei de Vitória, 1984.
- TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**: estudos em psicologia social I. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
- _____. **Grupos humanos e categorias sociais**: estudos em psicologia social II. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- TAKENAGA, B.S. A divisão histórica japonesa. **Estudos japoneses VII**. São Paulo: Revista do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo (USP), pág. 5-20, 1987.
- VALENTE, A.L. Falando do Presente: o Racismo à Brasileira. **Ser negro no Brasil hoje**. 15ª.ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1994. Cap.3, pág. 37-47.
- VIEIRA, F.I.S. **Adaptação e transformações no sistema de casamento entre issei e nisei**. Série Estudos n.9. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1966.
- WAKISAKA, K. Imigração Japonesa no Brasil: 80 anos. **Estudos Afro- asiáticos**: Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro Asiáticos (CEAA). Universidade Cândido Mendes, n. 16, pág. 16-59, março de 1989.
- YAMAMOTO, L.E. Considerações sobre a identidade étnica dos nikkeis brasileiros no Japão. **Psic. Rev.** São Paulo, (10): 55-74, maio de 2000.

ANEXO 1

Roteiro utilizado na primeira fase da pesquisa⁸³.

Este questionário é parte de pesquisa conduzida por Joyce Rumi Suda, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. O objetivo é coletar informações sobre alguns pontos específicos do estabelecimento de relações sociais de japoneses e seus descendentes no contexto capixaba.

Responder ao questionário significa, ao mesmo tempo, conceder permissão para o uso das informações fornecidas nos relatórios de pesquisa a serem produzidos, sempre com absoluta garantia de que a identificação do informante jamais será divulgada, estando sob sigilo absoluto.

No questionário, toda vez que surgir a palavra *japonês* entenda como pessoas nascidas no Japão, seus filhos e netos. Toda vez que surgir a palavra *brasileiro* entenda como todas as pessoas que não tem descendência japonesa.

Fica a seu critério responder ou não a todas as questões. Obrigada!

Primeiro nome:

Telefone para contato:

Sexo:

Idade:

Grau de parentesco com japoneses:

1- Como você é chamado(a) em casa:

- a) pelo nome em português; b) pelo nome em japonês; c) pelo sobrenome;
d) por um apelido ou pai/mãe. Qual?

2- Como você é chamado(a) pelos amigos:

- a) pelo nome em português; b) pelo nome em japonês; c) pelo sobrenome;
d) por um apelido (inclui pai e mãe para adultos). Qual?

3- Com quem você mora?

- a) sozinho; b) com seus pais e/ou irmãos; c) com amigos;
d) com outros parentes; e) cônjuge e/ou filhos.

4- Você tem domínio da língua japonesa?

- a) sim, fala e escreve; b) sim, apenas fala; c) não.

⁸³ Pesquisa realizada no âmbito da disciplina de Mestrado Metodologia de Pesquisa, orientada pelo professor Paulo Menandro, no segundo semestre de 2003. Os sujeitos foram: um grupo de 10 mulheres e 4 homens com idades variando entre 16 e 25 anos e outro grupo de 4 mulheres e 4 homens com idade acima de 40 anos.

5- Você utiliza a língua japonesa em alguma situação no Brasil:

- a) Sim. Em qual situação?
- b) Não.

6- Qual a sua religião:

- a) Católico; b) protestante; c) xintoísta; d) budista; e) outros:

7- A culinária japonesa faz parte do seu cotidiano:

- a) sim ; b) não

7.1- Se a resposta for sim, com que frequência você come pelo menos 1 prato japonês:

- a) todo dia; b) até 5 vezes por semana; c) até 3 vezes por semana;
- d) até 1 vez por semana; e) esporadicamente

8- Em sua casa há:

- a) muitos objetos decorativos japoneses; b) alguns objetos decorativos japoneses;
- c) nenhum objeto decorativo japonês

9- Você participa de algum grupo ligado à cultura japonesa:

- a) Não; b) Sim, Associação Nikkei; c) Sim, outros:

9.1- Se a resposta for sim, com que frequência você participa deste grupo:

- a) Frequentemente; b) às vezes; c) raramente

10- Você tem parentes japoneses:

- a) em Vitória; b) no Espírito Santo; c) em outros Estados:

11- Você tem relacionamento cotidiano com outros japoneses:

- a) Sim; b) Não

11.1- Se a resposta for sim, em que grau:

- a) Namorado(a)/ noivo(a); b) amigos; c) cônjuge/ companheiro(a);
- d) colega de escola/ trabalho/ associação cultural; e) parente

12- Há quanto tempo você está em Vitória:

- a) menos de 1 ano; b) de 1 ano a 5 anos; c) mais de 5 anos.

13- Antes de vir para Vitória:

- a) seu pai e sua mãe trabalhavam; b) somente seu pai trabalhava;
- c) somente sua mãe trabalhava; d) não se aplica

14- O que seu pai faz/fazia?

15- O que sua mãe faz/fazia?

16- Você acha que as atividades que seus pais exercem tem mais a ver com:

- a) a cultura brasileira; b) a cultura japonesa; c) outro

17- Seus pais são:

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Concordo em participar do projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

Projeto: **Iguais na Diferença: Identidade da Comunidade Japonesa no Espírito Santo**

Responsável: Joyce Rumi Suda

Orientador: Dr. Lídio de Souza

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Justificativa e objetivo da pesquisa

Considerando a ausência de pesquisas científicas sobre o tema comunidade japonesa no Espírito Santo e entendendo a relevância do estudo de uma comunidade marcante em termos sociais e econômicos, temos como objetivos: pesquisar sobre os relacionamentos interpessoais deste grupo no Estado, verificar sua identidade social, identificar como se representam a si mesmos e aos brasileiros e identificar o nível de manutenção da cultura japonesa no seu dia-a-dia.

Descrição dos procedimentos a que o participante será submetido

Será feita uma entrevista individual com questões pertinentes aos objetivos da pesquisa, pelo responsável pela coleta de dados. Será uma entrevista individual e informal, sem tempo prévio programado, agendada anteriormente. O responsável transmitirá as devidas instruções.

Fica assegurado o anonimato.

Benefícios esperados

Os resultados da pesquisa serão divulgados através de participação em congressos e publicação de artigos em periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimentos que se tem produzido sobre o tema imigração e adaptação japonesa no Brasil. Espera-se que os resultados possam gerar maior interesse de outros pesquisadores e que a compreensão do processo migratório colabore com a mudança de certas práticas excludentes no nosso país.

Identificação do participante

Nome: _____

RG: _____ Orgão Emissor _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Participante

Responsável pelo projeto

_____, ____ de _____ de 2004.

ANEXO 3

Roteiro das questões abordadas na entrevista:

I- Dados Sócio-demográficos:

- 1- Nome:
- 2- Sexo:
- 3- Idade:
- 4- Grau de parentesco com japoneses:
Por parte de pai ou mãe?
- 5- Escolaridade:
- 6- Profissão:
- 7- Estado Civil:
- 8- Local de nascimento:

II- Recolhimento do conteúdo de Identidade Social:

“Brasileiro”: toda pessoa que não tenha descendência japonesa.

“Japonês”: toda pessoa nascida no Japão ou nascida no Brasil que tenha descendência japonesa.

- 1- Há quanto tempo sua família está em Vitória e de onde vieram?
- 2- Por qual motivo vieram para Vitória?
- 3- Você tem/teve algum relacionamento estável com brasileiro? Em algum momento sentiu resistência das famílias envolvidas em se relacionar?
- 4- Você se relaciona amorosamente mais com brasileiros ou japoneses? Por qual motivo?
- 5- Você acha que sua família teria preferência que você se relacionasse mais com brasileiros ou japoneses?
- 6- Você já ouviu algum tipo de comentário negativo ou positivo quando saiu acompanhada por namorado/cônjuge de outra etnia?
- 7- Na sua opinião, o que você acha que os brasileiros pensam a respeito da fisionomia japonesa?
- 8- Quando você passa na rua e as pessoas olham demais ou comentam algo, você se sente constrangido? Você evita situações em que possa se sentir assim?

9- Você já passou por alguma situação preconceituosa que você julga ser de origem étnica?

10-O que você acha das piadas e brincadeiras de cunho racial?

11-Quais as palavras que vem a mente quando peço para caracterizar os japoneses? Quais são as palavras que você julga serem positivas e quais as negativas?

12-Você tem contato com japoneses de São Paulo? Para você, existe diferença no comportamento dos japoneses de Vitória comparados aos japoneses de São Paulo? Se existe, quais são as diferenças?

13-Quais as palavras que vem a mente quando peço para caracterizar os capixabas?

14-Quais as palavras que vem a mente quando peço para me dizer como você acha que os brasileiros caracterizam os japoneses? Quais as palavras que você julga serem positivas e quais as negativas?

15-Qual a finalidade da Associação Nikkei? Você considera uma instituição aberta aos brasileiros?

16-Você acha que os japoneses estão completamente inseridos e adaptados à sociedade capixaba? O que indica que eles (não) estão inseridos na sociedade capixaba para você?

17-Você considera os capixabas receptivos aos japoneses em todas as situações como as de trabalho, escola, amizades e namoros?